
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL
(PROEF)

**APRESENTANDO AMIZADES, EQUILIBRANDO
RELAÇÕES: UMA PROPOSTA SOCIOEDUCATIVA NA
ESCOLA A PARTIR DE ATIVIDADES CIRCENSES**

Tassiana Jans

**Rio Claro - SP
2024**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL
(PROEF)

**APRESENTANDO AMIZADES, EQUILIBRANDO
RELAÇÕES: UMA PROPOSTA SOCIOEDUCATIVA NA
ESCOLA A PARTIR DE ATIVIDADES CIRCENSES**

Tassiana Jans

Dissertação apresentada ao Instituto de
Biociências do Câmpus de Rio Claro,
Universidade Estadual Paulista, como parte
dos requisitos para obtenção do título de
Mestre em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Bento-
Soares

**Rio Claro - SP
2024**

J35a Jans, Tassiana
Apresentando amizades, equilibrando relações : uma proposta socioeducativa na escola a partir de atividades circenses / Tassiana Jans. -- Rio Claro, 2024
118 p. : il., tabs., fotos + objeto educacional

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Rio Claro
Orientadora: Daniela Bento-Soares

1. Educação Física escolar. 2. Atividades circenses. 3. Interação social. 4. Estratégias pedagógicas. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Rio Claro



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: APRESENTANDO AMIZADES, EQUILIBRANDO RELAÇÕES: UMA PROPOSTA SOCIOEDUCATIVA NA ESCOLA A PARTIR DE ATIVIDADES CIRCENSES

AUTORA: TASSIANA JANS

ORIENTADORA: DANIELA BENTO SOARES

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em Educação Física, área: Educação Física Escolar pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. DANIELA BENTO SOARES (Participação Presencial)
Departamento de Educação Física / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP

Prof. Dr. FLAVIO SOARES ALVES (Participação Presencial)
Departamento de Educação Física / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro / SP

Prof. Dr. MARCO ANTONIO COELHO BORTOLETO (Participação Presencial)
Faculdade de Educação Física / UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas / SP

Rio Claro, 02 de abril de 2024

Documento assinado digitalmente
 **DANIELA BENTO SOARES**
Data: 10/04/2024 15:39:09-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Dedico aos meus filhos e marido que tiveram paciência e puderam entender todo o tempo que tive que me ausentar, à minha orientadora Daniela Bento-Soares, que confiou em mim e não me deixou desistir, e aos/às meus/minhas alunos/as, que me deram inspiração e muitos sorrisos durante esse processo.

Agradecimentos

Agradeço a todas as experiências que já vivi e vivo, pois sem elas eu não iria querer pesquisar, sonhar, acreditar, estudar, melhorar e evoluir. Agradeço a cada aluno/a meu/minha que um dia me fez refletir sobre minhas aulas e me obrigou a ser uma professora mais responsável e dedicada.

Agradeço ao meu marido Danilo, que nunca deixou de acreditar em mim e me apoiar, que nunca me deixou desistir e sempre me incentivou a cada passo, comemorou a cada etapa e a cada conquista e esteve ao meu lado a cada palavra aqui escrita. Agradeço ao meu filho Jonathan, que me fazia companhia durante as horas na frente do computador, pois enquanto eu surtava por não conseguir escrever, ele gritava com os amigos nos jogos online ao meu lado, me fazendo rir. Agradeço a minha filha Maria Clara, por me fazer sair da frente da tela me pedindo um leitinho e pedindo para fazê-la dormir, me mostrando que os respiros da vida são curtos, mas que fazem todo o sentido.

Agradeço aos meus pais, meus irmãos, sobrinhos, minha cunha Dani, que me faziam descansar e dar risada nos momentos em que as palavras não saiam.

Agradeço a minha orientadora Daniela Bento-Soares, que sempre me incentivou, me compreendeu, me deu apoio, um ser iluminado que sabe orientar, sabe puxar a orelha do jeitinho mais meigo do mundo.

Agradeço a escola que me apoiou, em especial a minha amiga Talita, professora pedagoga do 1º ano C, que comprou minha ideia e esteve ao meu lado, me ajudou no processo e validou todas as minhas loucuras.

Agradeço a todos e todas que estiveram ao meu lado e que torceram por mim.

RESUMO

Com as atividades circenses cada vez mais presentes no contexto escolar, a necessidade de se pensar estratégias pedagógicas adequadas para essas práticas nas aulas de Educação Física é uma realidade. O conhecimento de diferentes estudos da área, bem como a experiência prática nesse contexto, tem evidenciado a necessidade da adoção de propostas que sejam centralizadas nas relações que se estabelecem entre alunos/as e professores/as e entre alunos/as, com ênfase nas interações sociais. Por esse motivo, essa pesquisa teve como objetivo principal descrever uma proposta pedagógica que promova as interações entre as crianças a partir das atividades circenses nos anos iniciais do Ensino Fundamental, no âmbito da Educação Física escolar. A pesquisa foi realizada com alunos/as de cinco a sete anos, do 1º ano do Ensino Fundamental (anos iniciais). Utilizou como instrumentos de pesquisa o “aulário”, construído pelos/as alunos/as, e o diário de campo, da professora-pesquisadora, em uma perspectiva de um estudo de pesquisa-ação. Os dados foram analisados a partir de Análise Temática e apresentam discussões em dois temas: as interações e as estratégias pedagógicas. As informações construídas pela pesquisa se mostram coincidentes com a literatura, mostrando o grande potencial da temática circense no incentivo às relações entre as crianças e dessas com a professora, bem como podem ser fertilmente realizadas a partir de estratégias pedagógicas que envolvam o coletivo. As atividades circenses inseridas nas aulas foram práticas que desenvolveram um trabalho cooperativo entre crianças e professora.

Palavras-chave: Educação Física escolar; Atividades Circenses; Interação Social; Estratégias Pedagógicas.

ABSTRACT

With circus activities increasingly present in the school context, the need to think about appropriate pedagogical strategies for these practices in Physical Education classes is a reality. Knowledge of different studies in the area, as well as practical experience in this context, has highlighted the need to adopt proposals that are centered on the relationships established between students and teachers and between students, with an emphasis on interactions social. For this reason, the main objective of this research was to describe a pedagogical proposal that promotes interactions between children through circus activities in the early years of Elementary School, within the scope of school Physical Education. The research was carried out with students aged five to seven, in the 1st year of Elementary School (initial years). The “classroom”, constructed by the students, and the field diary of the teacher-researcher were used as research instruments, from the perspective of an action research study. The data was analyzed using Thematic Analysis and presents discussions on two themes: interactions and pedagogical strategies. The information constructed by the research coincides with the literature, showing the great potential of the circus theme in encouraging relationships between children and between children and the teacher, as well as how they can be fruitfully carried out through pedagogical strategies that involve the collective. The circus activities included in classes were practices that developed cooperative work between children and teacher.

Keywords: School Physical Education; Circus Activities; Social interaction; Pedagogical Strategies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Convite enviado às famílias para o espetáculo “Arte e Travessuras”	36
Figura 2 - Desenho registrado no aulário da Aula 9.....	39
Figura 3 - Desenho registrado no aulário da Aula 6.....	43
Figura 4 - Desenho registrado na aula 02	44
Figura 5- Desenho registrado na aula 02	44
Figura 6 - Desenho registrado na aula 8	45
Figura 7 - Desenho registrado na aula 7	46
Figura 8 - Desenho registrado na aula 8	46
Figura 9 - Desenho registrado na aula 6	52
Figura 10 - Desenho registrado na aula 6	53
Figura 11 - Livro “O Circo Chegou”	54
Figura 12 - Desenho registrado na aula 6	55

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 OBJETIVOS	12
3 PRODUTO EDUCACIONAL	13
4 AS BASES TEÓRICAS DA PESQUISA: O QUE SAI DESSA CARTOLA?	14
4.1 Teoria histórico-cultural: o processo de ensino-aprendizagem a partir de uma perspectiva social e histórica	14
4.2 Dialogando com Paulo Freire: a prática pedagógica crítica e refletida	19
4.3 O circo nas aulas de Educação Física	21
5 PERCURSO INVESTIGATIVO	24
5.1 Local e participantes da pesquisa	26
5.2 Instrumentos de Pesquisa	27
a) Diário de campo	27
b) Aulário	27
5.3 Procedimentos para a análise de dados	28
a) Os códigos	29
b) Os temas	30
5.4 Pesquisa de campo	30
6 NOSSO ESPETÁCULO: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	33
6.1 Planejamento inicial: organizando os microciclos	33
6.2 O desenrolar da pesquisa: análise dos temas construídos	37
a) Interações	37
b) Estratégias pedagógicas	48
7 CONSIDERAÇÃO FINAIS	56
REFERÊNCIAS	59
Anexo A – Parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa	65
Apêndice A - Termo De Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	66
(Conselho Nacional de Saúde, Resoluções 466/12 e 510/16)	66
Apêndice B - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)	68
(Conselho Nacional de Saúde, Resoluções 466/12 e 510/16)	68
Apêndice C – Carta de anuência institucional	70
Apêndice D – Modelo de Diário de Campo	71
Apêndice E – Diário de Campo	72
Apêndice F – Aulário	84
Apêndice G – Produto Educacional	99

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa iniciou-se quando eu ainda cursava a Graduação em Educação Física, em 2002, na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, a FEF-Unicamp. Neste período, surgiram minhas primeiras dúvidas e inquietações, que motivaram as reflexões que trago nesta dissertação.

Durante o período da Graduação, tive a oportunidade de fazer estágio em uma empresa de Ginástica Laboral. Lá, ministrava aulas de alongamento e ativação muscular para trabalhadores/as de diversos ramos da indústria e telemarketing. Apesar do retorno financeiro ser positivo, a prática diária era mecânica e destoava muito de toda teoria crítica que eu estudava. Finalizei a Graduação em 2007 e fui efetivada nesta empresa; trabalhava em grandes companhias e estava em uma área com grande potencial de crescimento.

Neste período, eu não tinha nenhuma intenção em trabalhar com Educação Física escolar, pois estava acomodada com relação ao salário e tempo de trabalho. Estava grávida e assim tinha tempo para cuidar das particularidades da maternidade. Fui absorvida pela necessidade e pelas dificuldades de uma mãe solteira na sociedade em que estamos inseridos/as. Porém, em 2011 foi publicado o edital de Concurso para professor/a de Educação Física na cidade de Vinhedo, onde vivo e já vivia. Decidi tentar a vaga. Para minha positiva surpresa, mesmo afastada da profissão, fui aprovada e convocada para assumir o cargo. Eu estava bastante despreparada para as novas funções, mas tinha uma grande vontade e determinação em ser bem-sucedida. Estava animada com os novos desafios! Ao mesmo tempo, sentia angústia e tinha questionamentos turbilhoando em minha mente.

Esses acontecimentos me fizeram refletir sobre formação profissional. Quando saímos da faculdade, pensamos estar preparados/as para todos os desafios profissionais que irão surgir em uma sala de aula. No entanto, ao nos depararmos com a realidade, com salas cheias de crianças pequenas e que muitas vezes não conseguimos compreender, percebemos a necessidade de um maior aprofundamento teórico-prático sobre o desenvolvimento infantil e as relações sociais e habilidades comunicativas das crianças. Percebemos, sobretudo, que os sentimentos das crianças estão diretamente relacionados ao seu desenvolvimento e ligados a forma como interagem com o mundo.

Essa percepção encontra confirmação nos estudos de Vigotski, que discute que toda ação de pensar e sentir está diretamente ligada às interações do ser com o mundo (Marques, 2014), estreitamente relacionada com as vivências das crianças. Como Marques (2014, p.43)

afirma, essas “vivências são processos dinâmicos, participativos, que envolvem indivíduo e meio. Seus exemplos remetem a uma análise profunda da vivência humana e dos sentidos atribuídos a ela”.

Os desafios que encontramos no dia a dia da escola são muitos, mas são exatamente essas dificuldades que nos impulsionam a procurar soluções para essas situações. Muitos/as de nós aprendemos na faculdade sobre práticas pedagógicas e até mesmo sobre possibilidades de intervenções durante as aulas, mas somente quando estamos na posição de professor/a, misturada aos/às alunos/as, é que temos a verdadeira percepção dos conhecimentos que precisamos dominar para conseguir desenvolver a proposta planejada para cada aula. Isso acontece pois compreendemos que o aprendizado das crianças ocorre através da forma como vivenciam suas relações com os/as outros/as e com o ambiente que as cerca e essas vivências ganham significado através das emoções e sentimentos, as quais, “em conjunto com outras funções psicológicas e nas interações sociais, [...] ganham complexidade e possibilitam formas de atuação mais conscientes” (Tassoni e Leite, 2011, p. 81). Para tanto, cabe pensarmos nas estratégias pedagógicas que utilizamos em nossas aulas, atentando-nos para as emoções e as relações das e entre as crianças nesse processo.

Neste sentido, Libâneo (1994, p.8) afirma que “o professor necessita de uma instrumentalização ao mesmo tempo teórica e técnica para que realize satisfatoriamente o trabalho docente, em condições de criar sua própria didática”. Pensando nessa instrumentalização, parece-nos que as estratégias pedagógicas sociais, ou seja, aquelas que permitem e facilitam a troca de conhecimentos entre as crianças e das crianças com os/as professores/as (Bento-Soares; Schiavon, 2022), podem colaborar com o desenvolvimento das emoções, das habilidades de comunicação e, logo, com o desenvolvimento infantil. Assim, atentar para a dimensão social do processo pedagógico que as crianças vivenciam o tempo todo.

Nessa mesma linha de raciocínio, posso afirmar que muitos/as de nós, quando éramos alunos/as, participávamos de aulas de Educação Física com metodologias de ensino tradicionais e esportivistas, intensamente (embora não apenas) utilizadas até a década de 1980. Nesse momento histórico, as abordagens da Educação Física, que a entendiam como relacionada aos contextos sociais e compreendiam o/a aluno/a como parte do processo educacional, ainda não haviam sido intensamente debatidas.

Toda essa vivência anterior pode ter impregnado as práticas educativas de muitos/as professores/as, especialmente nos primeiros anos de atuação pedagógica. Isso pois, mesmo que tenhamos discutido sobre uma abordagem social e crítica durante a Graduação em Educação

Física, ainda percebemos que toda nossa memória afetiva e corporal acaba interferindo em nossas atividades como docentes. Esse choque entre o que vivenciamos em toda nossa vida escolar com o que aprendemos na faculdade é o que nos impulsiona a reorientar e ressignificar nossas propostas, tornando essa aprendizagem mais crítica e com uma proposta centrada no/a aluno/a. Foi justamente esse impulso que me motivou a voltar a estudar!

Em 2012, comecei a trabalhar na escola municipal Centro de Integração e Cidadania Eduardo Von Zuben, instituição em que atuo até hoje, e em algumas escolas de Educação Infantil da rede. Minhas inquietações aumentavam ao desenvolver minhas atividades, principalmente quando ministrava aulas para crianças pequenas e, assim, fui procurar cursos para aperfeiçoar minhas práticas pedagógicas. Por cinco anos, tentei me aproximar de autores/as que havia estudado na faculdade, mas que estavam pouco presentes nas minhas práticas. Neste período, muitas vezes apenas reproduzi práticas que eu havia experimentado durante as aulas de Educação Física que eu havia tido durante o Ensino Fundamental, mas que já não me satisfaziam enquanto professora-pesquisadora. Na escola, comecei a entender as dinâmicas que permeiam a educação e as relações que estavam estabelecidas entre alunos/as e os conteúdos da Educação Física. Com isso, compreendi que permanecer com o mesmo perfil de aulas que estava trabalhando não seria suficiente para práticas realmente transformadoras.

Por isso, entrei em contato com o professor Ademir De Marco, na época docente da FEF-Unicamp, que me apresentou seu grupo de estudo, o Grupo de Estudos em Educação Física no Desenvolvimento Infantil, GEEFIDI, que se debruçava em aprofundar conhecimentos sobre Educação Física na Educação Infantil. Comecei então a frequentar este grupo, participando de algumas disciplinas como aluna especial. Além disso, desenvolvi um projeto sobre circo na Escola de Educação Infantil “Pequeno Príncipe” e continuei estudando para aperfeiçoar ainda mais minhas práticas pedagógicas. Ainda, me matriculei em disciplinas do Programa de Pós-Graduação da FEF-Unicamp e destaco a participação na disciplina “Desenvolvimento Neuropsicomotor”, em que obtive um maior aprofundamento sobre a obra de autores/as dessa área. Fiquei especialmente envolvida com autores como Vigotski, Lúria e Leontiev, ampliando assim meus conhecimentos.

Aprofundando meus estudos, me matriculei em uma disciplina sobre “Jogo”, com a intenção de me aproximar mais de Vigotski e suas definições sobre o jogo na Educação Infantil. A professora responsável pela disciplina foi a professora Dra. Elaine Prodócimo, que me convidou para participar do grupo de estudos EscolaR. Ao participar deste grupo, cujo foco são as propostas educativas de Paulo Freire, me senti motivada a desenvolver uma pesquisa que

auxiliasse minha desejada transformação profissional. Nesse coletivo, tive conhecimento do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional, o PROEF, e de sua proposta de constituir-se como um mestrado para professores/as que atuam na Educação Física escolar da escola básica e pública, o que me encantou.

Nesse processo, ao pensar minha prática pedagógica com crianças do Ensino Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, questionei-me sobre o brincar. Me surgiram alguns pensamentos: “Do que vamos brincar?”, “Por que vamos brincar?”, “O que nós, como professores/as, queremos desenvolver com a brincadeira?”, “Quais brincadeiras serão escolhidas para eu atingir meu objetivo pedagógico?”. Essas questões deveriam estar respondidas em meu planejamento pedagógico. Apoie-me em Ayoub (2005, p. 146) para entender que:

O planejamento pedagógico caracteriza-se um guia de orientação e como uma projeção daquilo que desejamos alcançar (projetar possibilidades); é a organização do conhecimento e das ações no tempo; [...] os objetivos, os procedimentos didático-metodológicos e a avaliação do trabalho desenvolvido em relação aos alunos, à atuação do professor, à instituição e ao próprio planejamento. O planejamento pedagógico precisa ser algo vivo e dinâmico; não pode caracterizar-se como mero instrumento burocrático!

Assim, tive interesse em voltar a entrar em contato com todos/as aqueles/as autores/as que me encantavam na faculdade. Agora, com uma nova perspectiva, pois meu ponto de partida é a escola. Não uma escola fictícia, com situações prováveis; mas uma realidade vivenciada, com crianças que têm nome, com pessoas de carne e osso. Foi nesse momento em que todas as dúvidas, situações-problemas e possibilidades ganharam vida e puderam ser realmente analisadas e ressignificadas, trazendo uma visão mais crítica em relação às minhas práticas. Esse estudo de casos reais, do meu dia a dia (e, por que não dizer, também de meus/minhas colegas), move as discussões da Educação Física, a superação dos desafios e a melhoria das práticas da cultura corporal nas escolas.

As disciplinas do PROEF “Problemáticas da Educação Física na escola” (D01) e “Educação Física e Planejamento” (D03) me trouxeram muitos elementos que contribuíram para essa reflexão e para a compreensão dessas questões tão latentes que eu vivenciava constantemente na escola. Encontrar outros/as professores/as que vivem problemas muito parecidos, em comunidades tão distantes e diferentes da qual eu convivo e que utilizam diferentes estratégias em suas realidades, ampliou a minha visão sobre as práticas pedagógicas

e fortaleceu a minha crença sobre a importância das interações sociais para a construção do conhecimento.

Na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, construir possibilidades para que a aprendizagem das crianças seja realmente significativa pode ser um desafio. Muitos/as professores/as encontram dificuldades em construir propostas pedagógicas e assim acabam planejando as aulas com um número grande de atividades, de forma a conseguir a atenção das crianças durante um período extenso, sem perder a sensação de que sua aula foi “produtiva”. Nesse sentido, o brincar, o jogar, o faz de conta, o brinquedo, os/as personagens, a dança, fazem parte de uma gama de temas que permeiam a infância. Dentre os temas que compõem a cultura corporal de movimento, o brincar é um dos mais “famosos”, sendo muito comum a fala de professores/as: “Hoje nós vamos brincar de...” e completam com pega-pega, ginástica, futebol, de dançar...

Para Borba (2008, p. 86), é preciso entender:

a brincadeira como espaço fundamental de constituição de uma cultura própria e viva pelos grupos infantis. Por meio das brincadeiras, as crianças transformam tudo o que o mundo lhes oferece em algo próprio, partilhado, específico.

Nesse universo cultural, as atividades circenses são uma temática potente. O circo faz parte do contexto infantil e apresenta infinitas possibilidades de atividades motoras e brincadeiras de faz de conta, além de ser objeto de estudo da Educação Física. Assim, aliar o brincar e o circo nas aulas de Educação Física pode representar possibilidades de reflexões e diálogos com uma prática educativa centrada nas relações entre alunos/as e com professores/as. Além disso, valorizar a participação ativa das crianças durante todo o processo, desde criação das atividades até uma apresentação final para a comunidade, pode ser interessante. Como afirma Libâneo (1994, p. 32):

A preparação das crianças e jovens para a participação ativa na vida social é o objetivo mais imediato da escola pública. Esse objetivo é atingido pela instrução e ensino, tarefas que caracterizam o trabalho do professor. A instrução proporciona o domínio dos conhecimentos sistematizados e promove o desenvolvimento das capacidades intelectuais dos alunos. O ensino corresponde às ações indispensáveis para a realização da instrução; é a atividade conjunta do professor e dos alunos na qual transcorre o processo de transmissão e assimilação ativa de conhecimentos, habilidades e hábitos, tendo em vista a instrução e a educação.

Com essa intenção, com as considerações feitas sobre as atividades pelas crianças e a partir da perspectiva pedagógica anteriormente indicada, poderão ser criadas práticas

transformadoras. Nesse processo, poderá ser avaliado como as crianças experienciaram toda a construção realizada durante as aulas, através de uma análise crítica de toda a proposta e analisando o papel de mediação realizado pelo/a professor/a, em um processo de ação-reflexão-ação (Freire, 1987), possibilitando a transformação da prática pedagógica.

Concordando com Paulo Freire (1987, p. 87), entendo que “nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa (visão de mundo)”. Assim, através da temática circense, o diálogo e as vivências poderão possibilitar uma aproximação entre adultos/as e crianças, permitindo a investigação que possibilite uma ampliação do conhecimento sobre o tema.

Assim, desenvolver um trabalho utilizando o brincar como estratégia e o circo como conteúdo da cultura corporal, em uma proposta interdisciplinar, pode ser uma escolha importante. Uma das grandes motivações dessa pesquisa ser centrada nas atividades circenses foi a minha inexperiência com esse conteúdo da cultura corporal, o que me instigou a pesquisar e implementar as atividades circenses em minha prática pedagógica.

Com a intenção de tornar o processo de ensino-aprendizagem mais significativo, permitir diálogos entre os/as alunos/as e valorizar as relações interpessoais no aprendizado, destaco o ensinamento de Vigotski (2007, p. 41): “Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro, entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapsicológica).” Essa é a motivação principal desse estudo.

Essa dissertação foi estruturada a partir das atividades desenvolvidas com os/as alunos/as do primeiro ano do ensino fundamental, analisando suas interações e aprendizados durante as aulas de Educação Física a partir das atividades circenses, com práticas que incentivem e estimulem as interações sociais presentes no ambiente pedagógico.

2 OBJETIVOS

O objetivo principal deste estudo é descrever uma proposta pedagógica que promova as interações entre as crianças a partir das atividades circenses nos anos iniciais do Ensino Fundamental, no âmbito da Educação Física escolar.

Como objetivos específicos, temos:

- Discutir as relações sociais das crianças pequenas como formas de aprendizagem;
- Desenvolver as atividades circenses, a partir de brincadeiras coletivas;
- Observar e analisar como o conhecimento das atividades circenses será construído pelas crianças através de suas reações e envolvimento nas atividades.

3 PRODUTO EDUCACIONAL

Com a intenção de compartilhar ideias e estratégias pedagógicas que utilizem o circo como tema gerador, foi construída uma unidade temática apresentada em formato de livro digital (Apêndice G).

Com ele, espera-se incentivar reflexões sobre o universo infantil, a partir de atividades que sejam motivadoras e diversificadas. Assim como ilustrado por Falcade e Bortoleto (2024), também baseados em Santos Rodrigues e Bortoleto (2022), essa sistematização e compartilhamento de uma experiência pedagógica apresentada neste estudo pode contribuir como um exemplo para outras iniciativas, tal qual como um procedimento formal de reflexão da própria professora-pesquisadora.

4 AS BASES TEÓRICAS DA PESQUISA: O QUE SAI DESSA CARTOLA?

4.1 Teoria histórico-cultural: o processo de ensino-aprendizagem a partir de uma perspectiva social e histórica

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social, e sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social (Vigotski, 1989, p. 33).

Todos os seres humanos são seres sociais que aprendem através de mediações e interações com outras pessoas. O bebê, por exemplo, aprende que para conseguir alimento precisa chorar, pois desde a primeira vez que chorou, uma pessoa atendeu suas necessidades. Se ao chorar o/a bebê não fosse atendido/a, criaria outra forma de ter sua necessidade saciada, desenvolvendo novas formas de comunicar que algo incomoda. Ou seja, até para saciar as necessidades mais primitivas, como de se alimentar, o ser humano mais inocente aprende a criar formas diferentes de interagir com o/a outro/a. Assim, desde o primeiro minuto de vida, as ações e reações do/a outro/a e com o/a outro/a determinam como iremos nos expressar no mundo.

Esse exemplo simplista é apenas uma forma de iniciar uma reflexão sobre o processo de aprendizagem e as interações que permeiam esse processo, pois ainda mais importante é a discussão de como essas interações interferem no processo de ensino-aprendizagem ao longo da vida.

Ao pensarmos sobre a institucionalização dos processos de ensino-aprendizagem, nos deparamos com a escola. A escola é constituída de pessoas, cujas relações são permeadas de significados e intenções que não devem ser subordinadas ao ensino de conteúdos, mas sim, colocadas em relação de igualdade e interdependência. Isso pois, segundo Vigotski (2007), a ação educativa possui objetivos e finalidades que, a partir das trocas e diálogos, permitem construir um pensar comprometido com determinadas práticas sociais. Assim, a partir dessas relações, as pessoas adquirem a capacidade de pensar por si só e refletir criticamente sobre suas ideias. Como nos explica Rocha, Winterstein e Amaral (2009, p. 244):

É nesse contato entre indivíduos, de forma ativa e comprometida, que a interação social ocorre de forma mais efetiva e interessante em ambiente educacional, pois se

exige dos alunos atitude de resposta aos problemas e divergências evidenciados entre eles.

Dessa maneira, propor atividades que priorizem/enfatizem as interações entre as crianças, entre professor/a e a criança e entre as crianças e o objeto é essencial para o desenvolvimento de habilidades diversas. Essas atividades, quando constituídas como vivências, proporcionam o alcance desse objetivo, pois: “para Vigotski, as vivências são os processos dinâmicos, participativos, que envolvem indivíduo e meio. Seus exemplos remetem a uma análise profunda da vivência humana e dos sentidos atribuídos a ela” (Toassa, 2011, p. 215).

Ainda enfatizando a importância do termo vivência para essa proposta, Toassa (2011, p. 35) explica que essas “envolvem necessariamente qualidades emocionais, sensações, percepções, acarretando uma imersão do sujeito com o mundo”. Assim, as vivências no processo educativo permitem com que a criança brinque e explore materiais, desenvolvendo a imaginação e interagindo com o objeto. A partir dessas ações, ao acessar seus conhecimentos anteriores, a criança constrói novos raciocínios e desenvolve outras emoções.

Nessa perspectiva, o papel do/a professor/a é organizar os materiais que serão explorados e, durante o brincar, observar, intervir, explicar e auxiliar a resolução de problemas e conflitos, ou, em outras palavras, mediar o processo de ensino-aprendizagem. O/a professor/a não deve dirigir o brincar para esse não perca seu significado, mas permitir e preparar as condições para uma brincadeira livre e espontânea, como nos explica Bomtempo (1997).

Pensar nas muitas possibilidades que o ambiente poderá proporcionar à criança, tanto nas interações com os objetos pré-selecionados de acordo com o objetivo da aula, quanto com a possibilidade de interações com o/a outro/a e com o/a professor/a, é função primordial do trabalho educativo. A partir de um ambiente rico, a criança irá se constituir como sujeito pertencente e que pode interagir de forma consciente com o coletivo do qual faz parte. Com isso, ao planejarmos atividades que envolvam a interação com o ambiente e com o/a outro/a, permitimos que a criança desenvolva um pensar competente, como elucida Martins (1999, p. 111):

Este movimento de compreensão do mundo que aparece dialeticamente na escola implica ações de investigação e de discussão para a internalização de funções mentais que garantam ao indivíduo a possibilidade de pensar por si. Para tanto é preciso estimulá-lo a operar com ideias, a analisar os fatos e a discuti-los para que, na troca e no diálogo com o outro, construa o seu ponto de regulação para um pensar competente e comprometido com determinadas práticas sociais.

Comprometidas com a teoria histórico-cultural de Vigotski, as aulas devem ter como ponto principal as interações, tanto as sociais como as com os objetos, permitindo estabelecer relações nas quais as trocas de experiências sejam permeadas por significados e principalmente por sentidos positivos. Nesse sentido, mesmo que pequenas, as crianças podem refletir e criar sentidos sobre suas experiências sociais e corporais, mediadas por diferentes instrumentos. Para tanto, propostas que se utilizem de “aulários” (Desiderio; Bento-Soares, 2017) e rodas de conversa potencializam momentos em que a criança possa sentar-se e repensar as atividades práticas e o que foi compartilhado. Como discute Martins (1999, p. 114): “Quando, por exemplo, a criança passa a usar um conceito que aprendeu no social, só vai ampliar a sua compreensão quando o internalizar e puder pensar sobre ele”.

Nesses momentos, a linguagem exercerá papel fundamental, tanto nos momentos de roda como nas trocas de conhecimentos durante as atividades práticas, o que é elemento fundante da teoria vigotskiana. Ainda segundo Martins (1999, p.114):

A passagem das funções psicológicas elementares para as superiores ocorre, portanto, pela mediação proporcionada pela linguagem que, na abordagem vygotskiana, intervém no processo de desenvolvimento intelectual da criança desde o momento de seu nascimento;

Nas aulas de Educação Física, entretanto, para além da linguagem relacionada à fala e, em alguns casos, à escrita, é fundamental considerar a linguagem corporal. Sobre essa, Lima e Silva (2021, p. 973) consideram que “infere-se que a linguagem corporal é o principal meio de comunicação da criança, onde através dos gestos ela constrói e interpreta códigos e símbolos, o que contribui para a efetivação de sua participação social.”

Assim, a linguagem corporal manifesta-se, inclusive, a partir da brincadeira. Essa, quando considerada na teoria histórico-cultural, torna-se ainda mais relevante pois entende que o brincar é instrumento pelo qual a criança aprende a agir em uma esfera cognitiva, sobrepondo-se a uma esfera visual externa (Vigotski, 2007). Assim, dependendo de suas motivações e tendências internas, a criança cria sentidos para as diferentes situações que a cerca. Dessa maneira, unindo a importância do brincar e da comunicação (linguagem) nessa perspectiva teórica, pode ser considerado que a brincadeira também é uma fonte de comunicação, pois até mesmo quando realizada de forma de solitária, na brincadeira de faz de conta, pressupõe a conversa e a troca com outras pessoas (Cordazzo; Vieira, 2007). Portanto, a brincadeira contribui diretamente para o desenvolvimento da criança tanto em aspectos

sociais como cognitivos, permitindo o desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e motoras.

Deste modo:

A brincadeira, seja simbólica ou de regras, não tem apenas um caráter de diversão ou de passatempo. Pela brincadeira a criança, sem a intencionalidade, estimula uma série de aspectos que contribuem tanto para o desenvolvimento individual do ser quanto para o social (Cordazzo; Vieira, 2007 p. 97).

Para além de pensar a linguagem, não podemos deixar de discutir a relação entre a aprendizagem escolar e a afetividade. A afetividade é responsável por permitir a cada criança a construção de significados e sentidos diferentes para as atividades, dependendo das emoções que vivenciam durante as aulas. Sobre isso, Tassoni e Leite (2011) compartilham que a relação direta entre a afetividade e a aproximação ou afastamento dos/as aluno/as com o objeto de conhecimento explicita a importância de desenvolver relações interpessoais na escola, em que quanto maior a relação de carinho e atenção a criança receber do/a professor/a, maior será o envolvimento com o conhecimento. Em suas pesquisas, os/as autores/as afirmam que:

O que se evidenciou foi uma íntima relação entre os sentimentos produzidos e a atividade cognitiva. A confiança construída na relação com o professor aumentou o compromisso do aluno com a aula, com o conteúdo, com o estudo. A sinceridade resultou em confiança construída na coerência entre o que o professor diz e o que faz. Por outro lado, a sinceridade e a confiança relacionaram-se à capacidade de o professor acreditar no aluno. Esses sentimentos produzidos demonstram uma atitude afetiva dos alunos nas formas de significar cada uma das situações (Tassoni; Leite, 2011, P. 87).

Da mesma forma que as relações interpessoais influenciam a aprendizagem cognitiva, também irão influenciar na modificação dos fenômenos afetivos, passando por um processo evolutivo. Assim, as emoções vão ganhando maior grau de complexidade, permitindo que a pessoa atue de uma forma mais consciente. Sobre isso, Tassoni e Leite (2011, p. 85) explicam:

A forma como se organizam os processos interpessoais em sala de aula foi outro aspecto em que as manifestações afetivas, suas influências na aprendizagem e na relação dos alunos com o conhecimento foram identificadas. A qualidade da mediação que se estabelece na interação com o professor influenciou o aprender e o gostar (Tassoni; Leite, 2011, P. 85).

Assim, a convivência com as outras crianças, com o/a professor/a, as trocas de experiências, diálogos e as diferentes emoções e sentimentos irão influenciar o aprendizado de cada criança. A positividade dessas interações poderá, ainda, aproximar cada vez mais a criança

do conhecimento debatido, situação que é evidente em aulas de Educação Física quando há a utilização de brincadeiras como estratégias pedagógicas. Como afirmam Rolim, Guerra e Tassigny (2008, p. 177):

A brincadeira proporciona à criança um contato com sentimentos de alegria, sucesso, realizações de seus desejos, bem como o sentimento de frustração. Esse jogo de emoções a ajuda a estruturar sua personalidade e a lidar com angústias.

Tendo a brincadeira esse caráter lúdico, em que as emoções, desejos e frustrações podem ser revividas e até mesmo recriadas, as regras e características que as próprias crianças estabelecem tornam o momento de brincar prazeroso e descontraído, permitindo a reflexão sobre as situações e as relações que foram vividas nas diferentes realidades. De acordo com Cordazzo e Vieira (2007), a brincadeira é, portanto, um recurso para aproveitar a motivação interna das crianças para tornar os conteúdos escolares mais atraentes.

Outro aspecto importante observado no ato de brincar, nos diálogos e até resolução de problemas, é a criatividade. Processos criativos envolvem a imaginação da criança, permitindo novas formas de expressão. Para Vigotski (1998):

Chamamos de tarefa criativa toda atividade humana que gera algo novo, sejam reflexos de algum objeto do mundo exterior, sejam certas construções do cérebro ou sentimentos que vivem e se manifestam apenas no ser humano (Vigotski, 1998, p. 5, tradução da autora).

Ainda segundo o autor (Vigotski, 1998), há dois tipos de procedimentos que podemos observar nas ações humanas: as reprodutoras, quando a criança copia um modelo já aprendido, através das trocas realizadas no ambiente social no qual ela vive; e as criativas, nas quais a criança ainda não viu uma ação sendo realizada, porém transforma e cria possibilidades a partir de experiências anteriores para criar novas formas de ação. Por esse motivo, é muito importante estimular a criatividade nas crianças, incentivando e proporcionando experiências diversas (Vigotski, 1998).

Portanto, o desenvolvimento da criatividade se dá da mesma forma que o desenvolvimento cognitivo, social, afetivo, intelectual e biológico através das experiências vividas, das interações sociais e com os objetos que fazem parte da vida de cada ser humano, não esquecendo que cada pessoa irá dar sentidos e significados para cada experiência vivida através das suas emoções e sentimentos.

4.2 Dialogando com Paulo Freire: a prática pedagógica crítica e refletida

Gostaria, por outro lado, de sublinhar a nós mesmos, professores e professoras, a nossa responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente. Sublinhar esta responsabilidade igualmente àquelas e àqueles que se acham em formação para exercê-la (Freire, 2004, p.10).

Toda e qualquer prática pedagógica merece estar alicerçada em princípios teóricos, para que permita a reflexão e a construção que faça sentido para o processo de ensino-aprendizado. Paulo Freire (2004), em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, inicia uma importante reflexão sobre os saberes necessários à prática educativa. Nesse texto, o autor (2004) parte da premissa que nossos/as alunos/as não são “potes vazios”, que devem ser preenchidos com conteúdo; são seres humanos que vivem, interagem e fazem parte de um contexto familiar, escolar e cultural, que deve ser respeitado e conhecido pelo/a professor/a para, a partir desse ponto, elaborar uma estratégia que seja condizente com esses/as educandos/as.

Paulo Freire (1987) também destaca os temas geradores. Quando ouvimos falar nesse assunto, muitas vezes, pensamos apenas em temas que são mais significativos ou que o/a professor/a “domina mais”. Mas quando esses temas são levados para as crianças, muitas vezes vemos que não causam tanto interesse; o resultado disso são crianças desatentas e pouco motivadas. A escolha de um tema gerador não deve ser uma escolha do/a professor/a, pois, como Paulo Freire (1987, p.13) afirma, “ensinar não é transferir conhecimento e sim criar possibilidades para a sua construção” e essa construção se dá na relação entre professor/a e aluno/a e entre as crianças.

Pensar e construir com os/as alunos/as propostas com temas que tenham real significado para as crianças, ou seja, temas que fazem parte da cultura dessa faixa etária, é muito importante, pois valida sua participação e envolvimento. Além disso, considerar a criança que brinca, joga, pensa e sente como importante colaboradora dessa relação com a aprendizagem dada pela relação professor/a e aluno/a é fundamental. Sobre isso, Ayoub (2005) disserta que as crianças são seres históricos que se constituem das relações sociais e da dimensão histórica, que precisa ser considerada nas práticas educativas.

Será que quando pensamos na Educação Infantil, realmente consideramos nas pessoas que fazem parte dela? Será que falar em Educação Infantil seria a mesma coisa que falar em crianças? Ou, como questiona Borba (2008, p. 74),

Será que sabemos do que elas realmente necessitam, gostam, ou o que desejam, pensam, sabem e sentem? Ou nosso modo de falar sobre a infância é um modo de falar sobre nós mesmos, sobre a sociedade em que vivemos, sobre o que esperamos da infância e projetamos para ela, sem levar em conta verdadeiramente as crianças, os atores sociais concretos que integram essa categoria geracional? O que significa a infância em nossa sociedade? Podemos falar de infância no singular ou seria melhor falarmos de infâncias? O que é ser criança? Como vivem as crianças? O que fazem? O que desejam as crianças para elas próprias e para o mundo em que vivem? O que pensam de nós, adultos?

A partir dessa reflexão, partimos de um lugar de fala diferente, não mais de um/a adulto/a que quer pensar pela criança, mas de educador/a que escuta essa criança e realmente entende o que faz parte de seu universo. A partir disso, podemos praticar uma educação que se preocupa com a identidade cultural dos/as educandos/as. Assim, compreende-se a criança como “ator/atriz da sociedade” e participante ativa de sua constituição, capaz de agir em sua transformação (Borba, 2008).

Após a realização de uma atividade, de um evento disparador para iniciar o diálogo com as crianças, pode ser pensado um momento para estimular o interesse e apresentar tal tema gerador. Essa estratégia pode ser fundamental para iniciar uma roda de conversa sobre as principais impressões e expectativas sobre o assunto. Nesse processo de construção das atividades, em todas as aulas, há a necessidade e coerência em realizar rodas de conversas tanto no início quanto ao final das aulas, para conhecer como a temática é interpretada e alimentada pelas crianças e desenvolver curiosidade a respeito das experiências prévias ou futuras.

Com essa postura, o papel do/a professor/a em mediar as situações para que se constituam vivências, pode permitir com que o/a aluno/a reflita e troque suas impressões com os/as outros/as, socializando seu aprendizado e participando de um ambiente onde as indagações possam ser compartilhadas, investigadas, experimentadas e superadas, de acordo com a experiência individual de cada criança.

Começar a refletir e enfatizar a importância do diálogo durante o processo de ensino-aprendizagem é fundamental nessa narrativa, tanto para a construção do conhecimento que será compartilhado entre as pessoas envolvidas na aula, tanto para a resolução de conflitos. Sobre isso, Freire afirma:

Se é dizendo a palavra com que, “pronunciando” o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens. Por isso, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca das ideias a serem consumidas pelos permutantes (Freire, 1987, p. 45).

Assim, devemos pensar no diálogo como um momento em que as crianças possam refletir e também se expressar, para que possam compreender sua posição como ser pensante e importante no processo de ensino-aprendizagem. O/A professor/a possui, portanto, relevante papel de sujeito/a também em processo de aprendizagem, que reflete sobre sua própria prática em conjunto com as crianças, uma prática amorosa (Freire, 1987).

O ato de ensinar exige respeito, acolhimento, comprometimento, empatia e coragem, em que “o amor é um ato de coragem, pois está em comprometer-se com a sua causa. A causa da libertação. Mas, esse compromisso, porque é amoroso, é dialógico” (Freire, 1987, p. 78).

4.3 O circo nas aulas de Educação Física

No campo da Educação Física escolar, ainda encontramos professores/as que utilizam propostas pedagógicas que a articulam exclusivamente à área da saúde ou aos esportes. Na pesquisa realizada Rosário e Darido (2005), as autoras afirmam que professores/as se sentem pressionados/as a ensinar esportes tradicionais (basquetebol, voleibol, futebol) em suas aulas, sendo ainda influenciados/as pela concepção esportivista. Ao mesmo tempo, existem professores/as que desejam ampliar os saberes da cultura corporal de movimento. Esse objeto do conhecimento, a cultura corporal de movimento, segundo o Coletivo de Autores (1992, p. 41), define-se por suas aproximações de princípios éticos, ideológicos e pedagógicos:

Ela será configurada com temas ou formas de atividades, particularmente corporais, como as nomeadas anteriormente: jogo, esporte, ginástica, dança ou outras, que constituirão seu conteúdo. O estudo desse conhecimento visa apreender a expressão corporal como linguagem.

O circo não está explicitamente citado nessa conceituação da cultura corporal de movimento; apesar disso, é conteúdo importante deste contexto, uma atividade que além de desenvolver habilidades físicas e motoras, possui importante teor cultural e pedagógico. Em suas atividades, existem componentes da dança, da ginástica e do faz de conta (jogos simbólicos), além do circo ser um patrimônio cultural da humanidade (UNESCO, 1988).

Historicamente, as transformações que ocorreram no circo, de seu formato tradicional para o circo contemporâneo (Duprat; Bortoleto, 2007), permitiram sua aproximação a Educação Física escolar. Com essas modificações, o circo ganhou significados que tomaram contextos recreativos, educacionais e sociais, criando a possibilidade de ser trabalhado por

professores/as de Educação Física nas escolas, potencializado por suas possibilidades artísticas, motoras, culturais. Sobre isso, afirma Ontañón (2016, p. 26):

Mesmo por meio dos olhos de uma criança, percebemos que o circo reúne uma infinidade de significados e interpretações, mas uma coisa é certa: de uma forma ou de outra, se encontra presente no imaginário das pessoas. O circo possui uma idiossincrasia que o caracteriza, um espetáculo vivo que há séculos passou por bairros, vilarejos ou cidades, visitando quase todos os países e todos os continentes.

Essa construção permite considerar as atividades circenses como um tema importante a ser abordado com crianças do Ensino Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. Essa maneira de enxergar as atividades circenses na Educação Física aproxima-se, inclusive, do pensamento de Vigotski (2007), para quem a criança busca através da brincadeira a satisfação dos seus desejos que não foram realizados no concreto, sendo essa brincadeira sua principal atividade para o desenvolvimento.

Além do previamente exposto, assim como anunciam Tengan e Bortoleto (2021), o conteúdo circense na escola, como ferramenta pedagógica, aproxima-se das orientações indicadas pela Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017). Essa articulação está justamente no diálogo entre a temática circense e os campos de experiência a serem incentivados na Educação Infantil, segundo este documento, que valorizam a interação e a exploração do mundo, expressão, comunicação e imaginação. Assim, é possível considerar o circo como um meio para que as crianças possam vivenciar, entender e explorar as manifestações artístico-corporais de si, aumentando suas possibilidades, inclusive, comunicativas (Corsi; De Marco; Ontañón, 2018).

O repertório encontrado nas atividades circenses nos permite desenvolver aspectos lúdicos, artísticos e uma ampla variedade motora, permitindo um desenvolvimento variado e com significados ilimitados para cada criança. Como afirmam Bortoleto, Pinheiro e Prodócimo (2011, p. 14),

(...) nos apoiamos em duas grandes justificativas quando defendemos a inserção das atividades circenses em ambientes educativos: a primeira diz respeito à arte do circo, enquanto parte da nossa cultura; e também potencial lúdico, estético, motor e educativo que essas atividades possuem e que podem contribuir na formação de nossos alunos.

Nesse contexto, é de grande importância refletir sobre as diferentes práticas circenses, a fim de assegurar um planejamento pedagógico da Educação Física escolar que as discuta e

tematize, permitindo aos/às alunos/as explorar esse conjunto de saberes dessa manifestação cultural (Zaim-de-Melo et al., 2020). A fim de facilitar esse entendimento e planejamento pedagógico, as atividades circenses podem ser classificadas de acordo com sua natureza, conforme os estudos de Bortoleto (2017) propõe: equilíbrios (equilíbrio sobre objetos e equilíbrio de objetos), manipulação de objetos, acrobacias, aéreos e ator/atriz circense/palhaço/a. Essa divisão tem o intuito de facilitar a didática circense, agrupando as modalidades a partir de suas características mais dominantes. Usar essa classificação é apenas uma forma de auxiliar os/as professores/as, como afirmam Bortoleto, Pinheiro e Prodócimo (2011) e Bortoleto (2017).

A implicação do uso desta classificação nas aulas de Educação Física escolar é a constatação de um comprometimento metodológico por parte do/a professor/a, que deve realizar adequações para que as atividades possam ser vivenciadas por todos/as, de forma segura e divertida. Ao mesmo tempo, esta proposta pedagógica deve ser adaptada de forma com que os conteúdos circenses não percam sua identidade cultural, atenção essa frisada por Cardani e colaboradores (2017).

Os pensamentos aqui apresentados, portanto, direcionaram a proposta pedagógica utilizada nessa pesquisa, com a intenção de desenvolver uma abordagem cativante e estimulante (Menezes, 2019)., distinta das rotinas escolares habituais das crianças, e pautada nos princípios do diálogo e da socialização. Neste sentido, me incluo entre os/as professores/as de Educação Física escolar “entusiastas”, como anunciado por Bortoleto (2023), a fim de promover uma proposta que possa ser interessante para meus/minhas alunos/as na escola e que também promova uma formação continuada em ação, para mim, enquanto professora em construção (Freire, 1987).

5 PERCURSO INVESTIGATIVO

A construção dessa pesquisa nasceu da necessidade de uma reflexão sobre a prática e da conscientização que toda prática necessita ser reavaliada, repensada e ressignificada para que todas as pessoas envolvidas se sintam pertencentes à proposta e alinhadas ao tema desenvolvido e experienciado. A partir da premissa de que a professora que planejou e sonhou com essa proposta é uma professora-pesquisadora, optamos pela utilização da abordagem da pesquisa-ação, permitindo que essa construção coletiva seja também avaliada pelos/as pares (crianças e comunidade escolar) e reforçando a fala de Paulo Freire (2004, p. 22): “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Essa ação cíclica de ação e investigação permitiu à professora-pesquisadora avaliar e replanejar continuamente a sua prática pedagógica, reafirmando também a posição de ser histórica, que é construída pelas suas interações sociais, pois, segundo Freire (2004, p. 23),

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em relação uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto.

Esses pressupostos conduziram a adoção de um desenho de pesquisa capaz de orientar e delimitar, através de instrumentos válidos e coerentes, a busca pelas respostas de nossa situação-problema. Dadas as características dessa pesquisa, adotou-se uma perspectiva de pesquisa social, uma forma qualitativa de pesquisa, que envolve o universo de significados, motivos, crenças, valores e atitudes, envoltos pelas relações, processos e fenômenos da pesquisa (Minayo, 1993).

A pesquisa social permitiu a reflexão e discussão sobre a ênfase no estudo das interações humanas dessa dissertação. As relações sociais, nas propostas das atividades circenses na Educação Física escolar, puderam ser analisadas de forma decisiva em sua interferência no processo educacional e na forma como esse aprendizado foi assimilado pelas crianças.

No contexto da pesquisa social, optou-se pela pesquisa-ação, um método coerente com a proposta educativa, que convida a constante reflexão sobre a prática, avaliação recorrente e reconstrução de suas iniciativas. Thiollent (1985, p. 14) auxilia e enfatiza a escolha da pesquisa-ação como inspiração:

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes da situação ou do problema estão envolvidos e de modo cooperativo ou participativo. (Thiollent, 1985, p.14)

Nesta pesquisa, o reconhecimento da situação-problema se deu nos seminários realizados com as crianças anteriormente ao início do projeto, como ocorre de costume nas aulas da professora-pesquisadora. Os seminários, previstas por Thiollent (1985) como uma etapa da pesquisa-ação, são momentos de discussão da comunidade envolvida na pesquisa sobre as problemáticas que envolvem tal grupo e o estabelecimento de objetivos de investigação, discussão e reflexão, realizados como uma parte do ciclo que pressupõe, após os processos de ação, instauração de novas situações-problema.

Em nossos seminários prévios ao planejamento da pesquisa, muitos/as alunos/as relataram problemas com o/a outro/a em seus relacionamentos, com queixas como falta de respeito, falta de diálogo, resolução de problemas através de agressões físicas e verbais, situações também relatadas por outros/as professores/as da escola.

A partir disso, nossa pesquisa-ação, enquanto método de inspiração, exigiu uma organização de pesquisa em microciclos, que passaram por constantes processos de avaliação e replanejamento. Os microciclos, selecionados juntamente com as crianças após o evento disparador, foram acompanhados por rodas de conversa com as crianças, em um processo colaborativo. Sobre isso, nos explica Tripp (2005, p. 430):

Cooperação: quando um pesquisador consegue que alguém concorde em participar de seu projeto, a pessoa que coopera trabalha como parceiro sob muitos aspectos (uma vez que é regularmente consultado), mas num projeto que sempre “pertence” ao pesquisador (o “dono” do projeto).

Após o esgotamento das experiências nas aulas de cada tema selecionado, foi necessário realizar um seminário com o objetivo de avaliar e até mesmo replanear as atividades. Isso pois todo o processo utilizado na pesquisa-ação ocorre a partir do ciclo constante de agir, descrever, avaliar e planejar ou replanear.

Nessa pesquisa, a ação de avaliar foi realizada através de outras seções de seminários, em que utilizamos exposições de fotografias e vídeos dos/as alunos/as durante as aulas e a leitura do aulário. Esses elementos disparadores foram utilizados para possibilitar que as crianças relembassem as atividades e pudessem se manifestar sobre o tema de cada microciclo da pesquisa.

Após cada aula, realizei o registro de seu desenvolvimento, com as observações que seriam analisadas posteriormente durante a análise temática. Para tanto, logo após cada aula, fiz gravações em forma áudios, descrevendo com o maior número de detalhes os acontecimentos, tentando relatar comportamentos, interações e observações. Ao final de cada semana, transcrevi em meu diário de campo tais áudios gravados. As gravações foram feitas em no máximo trinta minutos cada e me auxiliaram no planejamento das aulas seguintes.

A importância e a intencionalidade do registro são enfatizadas por Freire (1993, p. 68):

Precisamos exercitar nossa capacidade de observar registrando o que observamos. Mas registrar não se esgota no puro ato de fixar com pormenores o observado tal qual para nós se deu. Significa também arriscar-nos a fazer observações críticas e avaliativas a que não devemos, contudo, emprestar ares de certeza.

5.1 Local e participantes da pesquisa

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Centro de Integração e Cidadania Eduardo Von Zuben, localizada em Vinhedo/SP. Vinhedo é uma cidade localizada no interior de São Paulo, próxima a Campinas, com pouco mais de 81 mil habitantes e forte influência histórica de imigrantes europeus.

A escola fica sediada na região da Capela, um conglomerado de bairros que estão separados geograficamente do centro da cidade pela Rodovia Anhanguera. Para ter acesso a essa região, é preciso trafegar por uma estrada nomeada Estrada da Capela, que fica em um bairro considerado como periferia pela cidade, com grande concentração de munícipes imigrantes da região nordeste do Brasil. Com concentração demográfica maior que o restante do município, esta também é uma região em que a faixa de renda per capita é inferior.

A escola possui cerca de 850 alunos/as do 1º ao 9º ano, divididos nos períodos da manhã (entrada às 7h e saída às 11h50) e da tarde (entrada às 13h e saída às 17h50).

Participou desta pesquisa uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental, composta de 23 crianças de 5 a 7 anos, sendo 9 meninos e 14 meninas, que estudam no período da tarde. As crianças foram autorizadas por suas famílias a integrar o estudo, a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) por parte dos/as responsáveis e de sua concordância, registrada no Termo de Assentimento (Apêndice B), conforme compromisso ético estabelecido com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Biociências da Unesp de Rio Claro (Anexo A) e com a escola em que ocorreu a pesquisa (Apêndice C).

5.2 Instrumentos de Pesquisa

Foram utilizados dois instrumentos que acompanharam o planejamento participativo das atividades e a análise de suas realizações, com a participação ativa das crianças na construção do projeto:

a) Diário de campo

Esse instrumento foi escrito a cada aula pela professora-pesquisadora, para possibilitar a ação-reflexão-ação durante todo o projeto. A escolha desse instrumento permitiu contribuir com o processo reflexivo-crítico do projeto, permitindo à professora-pesquisadora utilizar um material que reforçou essa característica, como afirmam Vasconcellos e Francisco (2015, p. 412):

Para cumprir sua função é mister que possua caráter reflexivo e analítico, apresentando registros após as observações de cada dia, os quais passarão por uma leitura atenta com o intuito de estabelecer escolhas e direcionamentos das narrativas e de outros dados, de acordo com os objetivos e questões da pesquisa.

Nesse instrumento, constou o número de alunos/as que participaram da aula, a data e a descrição da atividade proposta para o dia, anotações de observações e, principalmente, como se deu a atividade prática, com registros através de narrativas e observações sobre as crianças, suas relações, suas emoções e sua aproximação com os conhecimentos envolvidos na atividade. Para auxiliar esse registro, foram elencados alguns itens, com a função de estabelecer um roteiro das observações e análises:

- 1- Participação e envolvimento dos/as alunos/as;
- 2- Facilidade ou dificuldade em desenvolver a atividade (professora e alunos/as);
- 3- Interações entre as crianças;
- 4- Modificações para a proposta, de forma a potencializar as relações sociais.

b) Aulário

Esse instrumento foi produzido pelos/as próprios/as alunos/as. O aulário é um diário coletivo das aulas de Educação Física (Bento-Soares; Desiderio, 2017; Desiderio, 2023), em

que os/as alunos/as registram o que foi feito na aula com desenhos e/ou narrativas, auxiliados/as por suas famílias. A cada semana, uma criança leva o aulário para casa e o devolve na semana posterior, para que outra criança faça o mesmo. A participação das famílias para o registro neste diário é importante, pois muitas crianças nessa faixa etária podem ter dificuldades em fazer anotações. Assim, os/as familiares puderam auxiliar esse registro, atuando como escribas, ou apenas auxiliando a criança nesse momento de reflexão e registro. Além de ser um importante momento de reflexão, o aulário também viabilizou as trocas entre crianças e familiares, sendo um instrumento facilitador da socialização do conhecimento entre escola e família. Esse instrumento permitiu, especialmente, que a professora-pesquisadora pudesse analisar os aspectos mais marcantes para as crianças nas diferentes atividades, o que proporcionou análise das experiências vividas e a possível constituição de vivências.

Para tanto, as famílias foram informadas e consultadas sobre a disponibilidade de participação no início da pesquisa, em um momento que permitiu a explicação dos objetivos e da importância desse instrumento para a construção desse projeto, servindo tanto como objeto avaliativo da experiência, da professora e da assimilação do conhecimento pelo/a aluno/a.

A cada aula, o aulário foi entregue para três crianças. Este documento foi constituído por um caderno de desenho, em que as páginas são divididas entre uma parte em branco e uma parte pautada. Em seus registros, cada criança poderia utilizar-se da(s) parte(s) que tivesse vontade, fazendo desenhos, escritas ou ambos, de forma espontânea.

Ao final desta etapa da pesquisa, foram analisados alguns aspectos de cada aulário como a realização ou não do registro, se foi elaborado em forma de desenho ou escrito, quais elementos estavam presentes, se havia registro da atividade e dos/as colegas e também a quantidade de detalhes que cada criança expressou.

5.3 Procedimentos para a análise de dados

A partir da proposta de Braun e Clarke (2006), foi realizada análise dos dados a partir do método de Análise Temática dos dados construídos e registrados no diário de campo e no aulário. Coerente com a presente pesquisa, esse método permitiu uma análise constante dos registros, valorizando constantemente as ideias provenientes dos acontecimentos nas aulas (Souza, 2019).

Com a necessidade de diálogo e processo de ir e vir constantes, a Análise Temática durante a pesquisa nos conduziu através das suas seis fases. O quadro apresentado a seguir, adaptado do artigo de Souza (2019, p. 56) explica tais fases:

Quadro 1. Fases da análise temática

Etapas	Descrição
Conhecendo os dados	Transcrição das aulas, revisão, leitura dos diários de campo e aulário; anotações das ideias iniciais.
Produzindo os códigos	Reconhecer os dados mais relevantes de modo sistemático em todos os diários de campo; reunindo os fragmentos mais importantes.
Apurando os temas	Reunir os fragmentos de acordo com suas características; unir os dados em temas.
Verificando os temas	Verificar se os temas são válidos para os fragmentos e o banco de dados como um todo; produzir mapa temático;
Dar nome e definir cada tema	Gerar os nomes de cada tema; refinar os detalhes, verificando as histórias que a análise irá nos contar; produzir definições e os nomes de cada tema.
Relatório dos dados	Utilizar os exemplos dos diários de campo e aulário; analisar se os dados e temas estão relacionados com os objetivos e a literatura que embasa a pesquisa; produção do relatório científico.

Fonte: Adaptado de Souza (2019, p. 56).

Como essa pesquisa teve como objetivo relacionar as atividades circenses e as relações sociais, os dados (relatos, desenhos, narrativas) foram analisados de forma a construir temas relevantes e significativos, como orientam Braun e Clarke (2014), permitindo a apresentação das análises parciais ao longo do estudo. Isso ocorreu pois, como afirma Souza (2019), a criação de temas permite que os resultados sejam mais facilmente compreendidos por todas as pessoas.

a) Os códigos

Ao reler o diário de campo e observar os aulários, preparando o material para a Análise Temática (Fase 1), alguns pontos me chamaram a atenção, sendo considerados imprescindíveis para a análise e conclusão da dissertação. Estes pontos foram considerados os códigos iniciais dos dados. São eles: “Conflitos positivos e negativos”, “Fala e escuta”, “Organização e autonomia no momento de formar grupos”, “Participação das crianças”,

“Organização das aulas”, “Estratégias pedagógicas sociais”, “Insights durante a realização das aulas” e “Mudanças da proposta inicial”.

b) Os temas

A partir dos códigos identificados, foram estabelecidos dois temas, a saber:

- “Interações”, que integra os códigos “Conflitos positivos e negativos” e “Fala e Escuta”, com o intuito de analisar como se deram essas relações durante as aulas;
- “Estratégias pedagógicas”, em que foram analisados os códigos “Participação das crianças”, “Organização e autonomia no momento de formar grupos”, “Participação das crianças” e “Estratégias pedagógicas”, a fim de discutir a receptividade das crianças para cada proposta e conteúdo e suas relações.

5.4 Pesquisa de campo

As etapas da pesquisa, assim como a unidade temática proposta com as aulas, foram divididas em três microciclos. Em cada microciclo, foi contextualizada uma categoria das atividades circenses (Bortoleto, 2017), escolhidas com as crianças, durante a primeira roda de conversa do projeto. Neste momento, os temas escolhidos pela turma foram baseados nos/as personagens circenses conhecidos/as pelas crianças: o/a palhaço/a, os/as acrobatas, o/a malabarista e o/a trapezista. Infelizmente, por questões estruturais da escola, as acrobacias aéreas não puderam ser realizadas na escola. Esta questão estrutural é bastante citada em estudos sobre o circo na Educação Física escolar (Cardani; Bortoleto, 2023; Bortoleto, 2023; Falcede; Bortoleto, 2024).

Após a escolha dos temas, propus às crianças a leitura do livro “O circo chegou!”, de Bedicks e Bortoleto (2015), atividade que foi considerada como o evento disparador do projeto. O evento disparador, segundo Chioda (2018), pode ser qualquer atividade que desencadeie o interesse dos/as alunos/as para determinados assuntos e aguce a curiosidade para ações futuras. Inicialmente, foi prevista uma visita de artistas circenses a escola para uma apresentação, também assim como propôs Chioda (2018). No entanto, infelizmente, isso não foi possível, por questões logísticas da escola. De qualquer maneira, a leitura do livro citado funcionou com uma boa atividade para incentivar esse interesse.

Nas aulas que compuseram os microciclos, foram apresentados aos/às alunos/as materiais como bolas, tules, trave de equilíbrio, colchões, arcos e outros permitiram às crianças relembrar o que viram no livro e tentar imitar e criar “movimentos circenses”. No início de cada encontro, foi realizada uma roda de conversa para relembrar as atividades e vivências das aulas anteriores, introduzindo novas informações sobre a modalidade circense selecionada para cada aula. Essas informações foram baseadas em características de cada personagem, como movimentos que realizavam, bem como dos desenhos que líamos no livro. As crianças participaram brincando e experimentando os materiais previamente separados pela professora-pesquisadora, em grupos, em propostas que sempre valorizaram as interações sociais, a partir de diferentes estratégias pedagógicas, como, por exemplo, na aula 09, em que o personagem malabarista foi tematizado com brincadeiras envolveram a sala toda e em duplas. Após as atividades, foram feitas novas rodas de conversa, para compartilhar as experiências e ressaltar os aspectos mais importantes de cada proposta pedagógica, pelos olhares das crianças.

Os grupos foram criados por afinidade pessoal ou pela modalidade pelas próprias crianças, com constante incentivo da professora-pesquisadora para que houvesse interação entre todos/as da turma, como será discutido na próxima seção dessa pesquisa. A professora-pesquisadora, a todo momento, mediu as atividades, incentivando a realização dos movimentos e tarefas, para que as crianças se sentissem confortáveis ao realizar uma experiência nova e desafiadora, auxiliando a resolução de conflitos e a organização dos grupos, mas, especialmente, organizando as atividades de acordo com propostas específicas para incentivar as relações sociais ao longo das aulas.

Quando necessário, mostrei algum movimento de determinadas modalidades circenses em forma de desafios, para estimular os/as alunos/as a experimentarem movimentos diferentes, sendo necessário que eu estudasse e entendesse sobre cada personagem, para trazer elementos novos a cada aula.

Ao final de cada microciclo, realizamos uma aula seminário, para que os/as alunos/as vissem suas fotografias e vídeos realizando as atividades, para leitura do aulário e análise e planejamento conjunto do próximo microciclo.

O Quadro 2, a seguir, apresenta a organização da unidade didática realizada.

Quadro 2 – Organização da unidade didática realizada na pesquisa

	Aula e tema	Data
	Apresentação da pesquisa, seminário inicial e preenchimento do Termo de Assentimento	02/10
	Evento disparador: leitura do livro “O circo chegou!”, de Bedicks e Bortoleto (2015)	05/10
Microciclo 1: palhaço	Aula 2 – Jogos de imitação e brincadeira Mãe do picadeiro	05/10
	Aula 3 – Criação de coreografias	09/10
Microciclo 2: acrobata	Aula 4 - Jogos acrobáticos, pega-pega equilibrista, sincronismo e pirâmide	19/10
	Aula 5 - Jogos acrobáticos: transporte de tábuas / Jogos funambulescos: o goleiro funâmbulo	26/10
Microciclo 3: malabarista	Aula 6 - Jogos Malabarístico: relógio	30/10
	Aula 7 - Experimentação do tule e grande relógio	09/11
	Aula 8 - Atividades de malabares com tule	13/11
	Aula 9 - Grande relógio com tule, brincadeiras em duplas	16/11
Microciclo 4: criação do espetáculo circense	Aula 10 - Pega-pega mágico e roda de conversa	23/11
	Aula 11 – Ensaio da apresentação	27/11
	Aula 12 - Ensaio da apresentação	30/11
	Aula 13 - Apresentação aberta para a comunidade	01/12

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A íntegra da descrição das atividades realizadas nessas aulas pode ser consultada no Apêndice G, que constitui o produto educacional desse projeto.

6 NOSSO ESPETÁCULO: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste momento da dissertação, será feita a apresentação e análise dos resultados da pesquisa. Como parte de um processo de pesquisa-ação, os dados serão discutidos em etapas referentes ao planejamento da pesquisa, a realização dos microciclos e seminários parciais e, por fim, uma nova avaliação, neste momento ainda da atuação da professora-pesquisadora.

6.1 Planejamento inicial: organizando os microciclos

O planejamento das aulas e de seus conjuntos, os microciclos, foi feito com as crianças, a partir de suas sugestões de vontades, e envolveu uma ação problematizadora e didática da professora-pesquisadora. Após ouvir as crianças e suas contribuições para o planejamento das aulas, coube a professora pensar as estratégias pedagógicas que seriam propostas, bem como contribuir com conhecimentos técnicos das modalidades circenses e de avaliação das atividades. Ensinar não é apenas transferir nossos conhecimentos, assim como nos alerta Freire (2004, p. 14), “mas nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”. Por esse motivo, é tão imprescindível que as crianças participem do planejamento das aulas.

Assim, com base no primeiro seminário realizado, o primeiro microciclo planejado tematizou o/a palhaço. Magalhães et al (2023) e Zaim-de Melo, Godoy e Braccialli (2020) enfatizam que apesar do palhaço estar muito presente no imaginário da sociedade não apenas como um personagem circense, são encontradas poucas informações sobre o ensino da “palhaçaria” nas aulas de Educação Física. Para essa temática, trago as características do palhaço que faz rir, do improviso e também da atuação cênica, como característica a ser desenvolvidas e estimuladas durante as aulas.

Após duas aulas nessa temática, houve a constatação, tanto pela professora quanto pelos/as alunos/as de que esse assunto estava se esgotando e, por isso, o microciclo foi finalizado e foi realizado mais um seminário. Quando propomos uma atividade que temos pouco conhecimento, é necessário um aprofundamento maior sobre as suas características. Dada a minha inexperiência com as atividades circenses, o esgotamento poderia não acontecer, com estudos mais aprofundados sobre o personagem palhaço.

Houve a sugestão, por parte de uma criança, de que o próximo tema abordado fosse sobre os/as trapezistas, segundo a ordem de personagens que aparecem no livro “O circo chegou!” (Bedicks; Bortoleto, 2015). Por esse motivo, o segundo microciclo tematizou as acrobacias. Esse microciclo, que perdurou por duas aulas, teve como atividade central as acrobacias de solo, que foram desenvolvidas em duplas, trios e quartetos e os equilíbrios. Segundo Tanan e Bortoleto (2008), as acrobacias coletivas são essencialmente um modelo colaborativo de realizar movimentos da Ginástica, em que os/as praticantes desenvolvem capacidades físicas e habilidades motoras fundamentais, bem como relações interpessoais, em uma experiência física agradável e divertida, tornando-se também agentes do desenvolvimento da responsabilidade, confiança e compromisso. Esses dados foram corroborados por Torres e Dantas (2017), que mostraram em sua pesquisa que os/as próprios/as alunos/as identificam que o trabalho em equipe é umas das características que eles/as mais gostaram nessa atividade.

As crianças envolveram-se com grande motivação nas atividades desse tema, porém tornaram-se displicentes com a segurança durante as brincadeiras. Começaram a desafiar cada vez mais suas próprias habilidades; porém, o local em que as atividades eram realizadas não era apropriado para isso, pois tinham risco de queda, podendo atentar a integridade física das crianças. Em razão disso, decidi que seria melhor introduzir em nosso planejamento um/a novo/a personagem, dessa vez pela necessidade em preservar a segurança das crianças. Considerando o alto nível de interesse das crianças em continuar realizando as acrobacias, o que, portanto, poderia levá-las a relutar em encerrar essa tematização, a finalização desse microciclo foi uma decisão tomada unilateralmente. Ainda, outro argumento para o encerramento deste microciclo tem relação com o fato de as acrobacias individuais já terem sido trabalhadas em outro bimestre, quando tratamos da “Ginástica Geral” (BNCC, 2017).

O próximo seminário foi rico em discussões por parte das crianças, que sugeriram a temática do malabarismo. Esse assunto manteve-os/as motivados/as por quatro aulas, pois as crianças gostaram muito de suas atividades, que exigiram trabalho em equipe e a superação de desafios seguros. A motivação para esse tipo de modalidade também foi encontrada por Pitarch (2000), que afirma que além de desenvolver as capacidades motoras, percepção espacial e temporal, os jogos de malabares podem ter uma dimensão expressiva e criativa, desde que as aulas possibilitem tais experiências, dando um sentido amplo para a sua inserção nas aulas, sendo suas ações motoras um meio de comunicação criando novas relações também com os colegas.

Nesse microciclo, a troca de conhecimentos entre as crianças ficou ainda mais clara, pois aquelas com maior domínio motor dos movimentos colocaram-se como mediadoras do aprendizado de colegas. Segundo Vigotski (2007), as interações sociais são importantes no âmbito do desenvolvimento da criança, pois proporcionam o processo de internalização do que foi aprendido. Por meio das interações com o/a outro/a e com o meio, a criança é capaz de exteriorizar esse aprendizado, interagindo com o/a outro/a e também sendo impulsionada a ensinar e mostrar para os/as colegas como resolver o desafio. Essa atitude, bastante motivada por mim, resultou em uma colaboração muito produtiva para a aula.

Durante o último seminário, as crianças expuseram grande interesse e ansiedade em apresentar os conhecimentos aprendidos durante o projeto para suas famílias. Nesse momento, os/as alunos/as verbalizaram a vontade de montar um espetáculo circense. Assim, no último microciclo analisado, foi feita uma criação coletiva de um espetáculo, intitulado pelas crianças como “Arte e Travessura”, nome esse criado da junção de palavras que as crianças falaram durante a “chuva de ideias” para dar nome ao espetáculo.

A escolha do nome do espetáculo não está descrita no diário de campo, pois não foi realizada durante o seminário, por falta de tempo. Isso aconteceu enquanto estive na sala de aula da turma apenas por alguns minutos, para substituir a professora generalista que estava atrasada. As crianças estavam tão ansiosas sobre o espetáculo que quiseram definir seu nome naquele período, que durou apenas vinte minutos. Não houve, portanto, estrutura pedagógica para este breve “seminário”, mas essa conversa auxiliou no processo de criação de nossa apresentação.

Por fim, após doze aulas, promovemos o espetáculo “Arte e Travessuras”, tendo como público a comunidade escolar (professores/as, funcionários/as e alunos/as de outras turmas) e as famílias das crianças artistas. Esse evento culminante tornou-se a atividade de encerramento do ano da turma. Uma observação importante a acrescentar é a utilização do termo “espetáculo”: esse termo foi uma escolha das próprias crianças. Sabemos que um espetáculo requer uma organização e estrutura mais elaboradas do que foi realizado, porém, em respeito a esta participação das crianças em sua concepção, optamos por manter este termo.

Figura 1- Convite enviado às famílias para o espetáculo “Arte e Travessuras”



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

A realização de evento culminante também foi uma estratégia realizada por Chioda (2018) e Mendes e Laranjeira (2021). Em seus estudos, os autores utilizam a proposta da apresentação circense como um evento para apresentar e compartilhar os conhecimentos adquiridos pelas crianças. As apresentações circenses também foram utilizadas com uma estratégia pedagógica, podendo ser utilizados como uma forma de avaliar a participação e o envolvimento das crianças nas atividades desenvolvidas. Para esses autores, essa apresentação não é uma avaliação de performance, pois acreditam nas atividades circenses como inclusivas, que respeitam cada indivíduo com suas potencialidades e dificuldades, mas uma estratégia para compartilhar o conhecimento produzido das aulas e para desenvolver a criatividade e organização de eventos. Assim, não é apenas uma prática meramente reprodutiva, mas algo que finaliza todo um processo de aprendizado, com sentido e conexões com as práticas vivenciadas durante as aulas.

Como parte de uma pesquisa-ação (Thiollent, 1985), podemos dizer que o evento culminante foi o ponto de partida para novas problematizações, pois mostrou aos/as alunos/as, a professora-pesquisadora e a escola possibilidades de investigações que podem ser feitas. Essas novas ressignificações podem surgir tanto a partir da temática circense, quanto da aproximação das famílias a escola, como ainda do processo coletivo de construção das aulas.

A ampliação da apresentação para a comunidade escolar e suas famílias, além de promover um momento em que a criança entende e vivencia o que é ser um/a artista circense, permite a socialização do conhecimento que as crianças adquiriram durante as aulas, ampliando a curiosidade das famílias e aproximando a comunidade escolar dos conteúdos que são

desenvolvidos diariamente dentro das unidades escolares. Assim, possibilitam uma maior conscientização das famílias em relação ao aprendizado e ao processo educativo de seus/suas próprios/as filhos/as (Freire, 2006).

6.2 O desenrolar da pesquisa: análise dos temas construídos

Assim como anunciado em seção anterior desta dissertação, os dados construídos pelo diário de campo e pelo aulário foram discutidos a partir de Análise Temática (Braun; Clarke, 2014). Desta análise, foram considerados os temas “Interações” e “Estratégias pedagógicas”, que serão a seguir discutidos separadamente.

a) Interações

As atividades realizadas nos diferentes microciclos da pesquisa foram planejadas para serem desenvolvidas de forma coletiva, a fim de que as crianças interagissem diretamente com seus/suas pares e com a professora-pesquisadora. Como já explicitado anteriormente, quando a criança interage com o/a outra/a, situações de conflitos e concordâncias e/ou discordâncias surgem, permitindo momentos de reflexão e diálogo (Vigotski, 2007), os quais, se bem conduzidos, podem causar mudanças na forma futura de interagir e resolver conflitos e a partir destas relações com os/as outros/as que há desenvolvimento em todas as suas manifestações (intelectual, emocional, ético, motor, por exemplo).

Neta e colaboradores (2023) reafirmam esta consideração, ao destacar a importância do desenvolvimento das habilidades sociais para o desenvolvimento integral da criança. Os/as autores/as destacam que durante a primeira fase da vida, o ambiente educativo exerce um papel essencial no progresso das aptidões sociais, ao promover interações entre crianças, educadores/as e demais profissionais, impulsionando o crescimento cognitivo, social, físico e emocional nesse período crucial (Neta et al., 2023).

Nessa pesquisa, a roda de conversa foi instituída nessa perspectiva, dada sua importância pedagógica, incentivando a dialogicidade e suas implicações na construção das interações sociais. Sobre isso, Angelo (2006, p 6) explica que, na roda de conversa,

Cada criança é desafiada a participar do processo, tendo o direito de usar a fala para expressar suas ideias, emitir suas opiniões, pronunciar a sua forma de ver o mundo. Falando e escutando o outro que fala, as crianças vão experimentando a construção

coletiva de encaminhamentos necessários à resolução de conflitos que surgem no interior do grupo.

Uma dificuldade encontrada na pesquisa diz respeito às primeiras rodas de conversa realizadas. No início, foi possível perceber que as crianças tinham pouca paciência para ouvir os/as colegas e algumas não se sentiam seguras de expressar seus relatos (Aulas 1 e 2, diário de campo). Esses momentos de fala e escuta são importantes para o convívio social, como já afirmado; para tanto, as crianças precisavam se sentir confortáveis e acolhidas nesse momento, não apenas pela professora-pesquisadora, mas como também por seus/suas pares.

Esse foi um aspecto esperado e parte do processo de ensino-aprendizagem. Crianças nessa faixa etária (cinco a sete anos) ainda não conseguem se expressar verbalmente com clareza (Pasqualini, 2009) e, por vezes, acabam interrompendo os/as colegas ou preferindo manter-se caladas. Por esse motivo, como forma de contribuir para a formação humana dos/as alunos/as (Maturana; Rezepka, 1993), incentivar os momentos de fala é imprescindível para que as crianças aprendam a socializar suas ideias, respeitando o momento dos/as colegas fazerem isso. Para Vigotski (2007, p. 29),

Uma vez que as crianças aprendem a usar efetivamente a função planejadora de sua linguagem, o seu campo psicológico muda radicalmente. Uma visão do futuro é, agora, parte integrante de suas abordagens ao ambiente imediato [...]. Assim, com ajuda da fala, as crianças adquirem a capacidade de ser tanto sujeito como objeto de seu próprio comportamento.

Por vezes, nas primeiras aulas (Aulas 2 e 3, diário de campo), foi possível perceber que, apesar de ter havido interesse ou desinteresse pelas atividades propostas naquele dia, na roda de conversa final, as crianças verbalizavam que “gostaram de tudo” (Aula 2, diário de campo), sem conseguir expressar o que aconteceu durante a aula, falar sobre seus descontentamentos, elaborar críticas ou expectativas. No entanto, foi possível perceber uma mudança gradual desse comportamento, especialmente quando, na Aula 4, as crianças expressaram suas preferências e pediram para realizar de novo o movimento de pirâmide (Aula 4, diário de campo). O mesmo aconteceu na Aula 7, quando as crianças expressam suas dificuldades e, posteriormente, sua satisfação, em relação às atividades de desafios em roda de malabarismo (Aula 7, diário de campo).

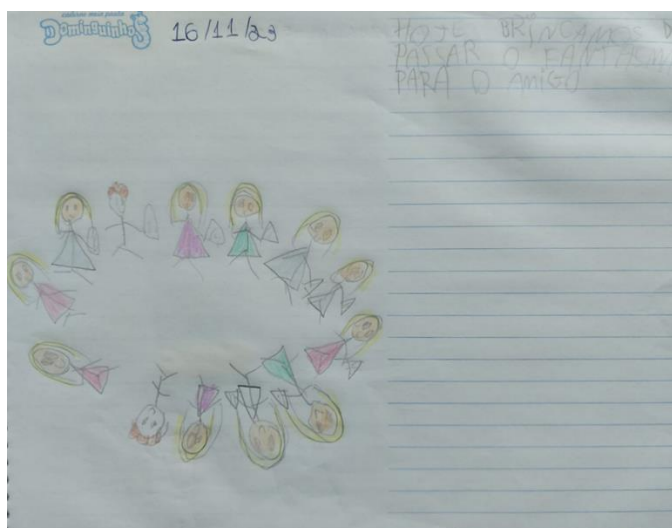
Notei que a interação social destacada proporcionada pela atividade realizada em círculo, com todas as crianças envolvidas, promovida nessa aula, foi um elemento disparador para que a interação verbal se desenvolvesse nas rodas de conversa. Nessa atividade, todas as

crianças formaram uma única roda e, cada uma com tule nas mãos, deveria lançar o tule para cima e trocar de lugar com o colega que estava em seu lado direito, recuperando o tule lançado pelo/a outro (Aula 7, diário de campo). Essa atividade foi o jogo “relógio”, inspirado em Bortoleto, Pinheiro e Prodócimo (2011), e permitiu às crianças vivenciar fundamentos dos malabares, como tempo de queda do objeto e localização espacial através de uma atividade lúdica. Todos/as os/as alunos/as da sala estavam envolvidos na mesma roda, sendo assim, a atividade foi muito desafiadora e, ao mesmo tempo, uma das brincadeiras em que mais tivemos diálogos para tentar auxiliar os/as colegas com maior dificuldade.

Além disso, a partir da realização dessa brincadeira, as crianças passaram a se comunicar melhor sobre a resolução de problemas, impulsionadas pela atividade de trocar de lugar com o/a colega. Nesse momento, algumas crianças explicam para os/as colegas para que lado deveriam correr durante a brincadeira e, mesmo depois seu término, durante a roda de conversa final, continuaram a tentar explicar para os/as colegas que ainda não tinham entendido o que fazer (Aula 7, diário de campo).

Essas interações sociais foram marcantes para as crianças e frutos de registro no aulário (Aula 9, aulário), como pode ser visto na Figura 2:

Figura 2 - Desenho registrado no aulário da Aula 9



Fonte: Aulário confeccionado pelas crianças participantes da pesquisa.

Após a realização da Aula 9, além de discutirem com maior frequência formas de resolução de problemas, as crianças começaram a compartilhar suas expectativas em relação as próximas aulas com maior eloquência. Nas Aulas 4, 7 e 8, as crianças comunicaram suas expectativas em continuar as atividades de desafio com maior clareza, a fim de superar o limite

do aprendizado que haviam encontrado. Nessas aulas, de forma específica, foram realizadas as atividades, pega-pega equilibrista, sincronismo e pirâmide, experimentação do tule e grande relógio e atividades de malabares com tule, também exploradas por Messias (2020) e Lence e Selau (2023).

Outro momento de destaque da análise desse tema ocorreu na Aula 10, quando foi possível observar uma grande mudança nas interações durante da roda de conversa (Aula 10, diário de campo). Nesta aula, vi uma turma que soube aguardar sua vez falar, expressar suas vontades e preferências e expor ativamente sua escolha das atividades que seriam apresentadas no espetáculo. Após o exercício de 10 aulas, a turma, que inicialmente tinha apenas falas curtas, se tornou expressiva em relação a apresentação. Da mesma forma, na roda de conversa após a apresentação, tivemos comentários como “Nossa, prô, você viu? Deu tudo certo!”, “Prô, estou tão feliz que eu consegui fazer tudo certinho!”, “A minha mãe disse que amou!” e “Eu estava com tanto medo, a minha mãe viu tudo!” (Aula 13, diário de campo).

Essa construção foi possível pelos momentos de incentivo e questionamento feitos pela professora-pesquisadora ao longo do projeto, correspondendo à posição de Freire (2006, p. 80): “Quanto mais se problematizam os educandos, como seres do mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio”. Dessa forma, os desafios de se expressar, de serem instigados/as constantemente a participar dos momentos de fala durante as rodas de conversa, resultou em uma resposta positiva nesse processo. A importância do diálogo é ainda enfatizada por Freire (2004, p. 123):

[...] uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os seres humanos se encontram para refletir sobre sua realidade, tal como a fazem e a refazem.

Além do interagir através da fala, observamos as interações através do corpo, da linguagem corporal (Lima; Silva, 2021). Quando desafiados/as, no início do projeto, as crianças se sentiam inseguras e não conseguiam criar movimentos com o/a outro/a. Um relato da Aula 2, disponível no diário de campo, reforça essa impressão: “Percebi que muitos/as não conseguiam criar um movimento diferente. Então, enfatizei que o desafio seria fazer o/a outro/a rir e, nesse momento, deixei que formassem as duplas da forma como quisessem”. Outro trecho, do mesmo diário de campo, afirma: “Algumas crianças ficaram com vergonha no começo e apenas passavam andando de um lado ao outro da quadra”. Essa interação evoluiu de tal

maneira que, ao chegarmos no momento da apresentação final, todos/as os/as alunos/as conseguiram realizar suas propostas, mesmo com uma plateia nem sempre conhecida.

Sobre isso, os/as autores/as Yanomine e Rossi (2021, p. 19) concluíram que através das atividades circenses, foi possível notar mudanças como “a diminuição de estigmas e preconceitos, a cooperação, a autonomia, a ampliação das interações cotidianas e a união do grupo como pontos principais de transformação”.

Ainda neste tema de análise, destaco os “Conflitos positivos ou negativos”, ocorridos quando a interação com o/a outro/a gerou embates que, por vezes, foram solucionados com diálogo ou, em outras, finalizados com brigas e a necessidade de intervenção da professora-pesquisadora. Apesar de todos os conflitos proporcionarem situações ricas para o aprendizado do/a aluno/a, considere “negativos” aqueles em que houve desconforto de ao menos uma das partes envolvidas ou a possibilidade de uma lembrança negativa em relação à atividade que estava sendo experienciada.

Em todas as atividades em que há interação, há negociação (Corsi, 2011); tais negociações, por vezes, são manifestadas por desentendimentos. Quando a interação se dá com colegas mais próximos/as, costumam ser mais positivas e pacíficas, provavelmente pois as crianças sentem-se confortáveis com quem já estão acostumadas a brincar. Porém, quando a criança é instigada a interagir com outra com quem não tem afinidade, há desconforto, exigindo assim uma adaptação maior a nova situação posta. Isso me leva a refletir que as estratégias pedagógicas propostas nas aulas devem incentivar a interação com diferentes colegas; não pois o desconforto é incentivado, mas para que as habilidades sociais sejam exercitadas a ponto de que a interação com pessoas diferentes não cause incomodo.

Para tanto, adotei a seguinte dinâmica para as atividades que exigiam a participação em grupos: inicialmente, deixava que as crianças escolhessem seus/suas pares, diminuindo o desconforto para que pudessem realizar a nova proposta; quando já haviam se familiarizado com a atividade, pedia que trocassem de grupos, misturando-as e gerando um novo desconforto, agora com relação aos/às outros envolvidos/as. Esse incômodo inicial era maior nas atividades que envolviam ações de imitação. Sobre isso, registrei no diário de campo da Aula 2: “Tivemos casos de crianças não quererem formar dupla com ninguém. Aí, eu formei as duplas das crianças que tiveram mais resistência”. Com o passar das aulas, as crianças já estavam acostumadas com essas trocas e com as diferentes interações, focalizando seus esforços e energias nas atividades.

Com a evolução na organização dos grupos e nos conflitos negativos, também foram modificadas as formas de mediação das interações. No início, as discussões e até mesmo as raras brigas passaram a ser resolvidas pontualmente, através do diálogo, em dinâmicas em que todas as partes eram ouvidas e a solução era encontrada. Com o passar dos encontros, as próprias crianças sozinhas tentavam resolver os conflitos da forma como foram orientadas inicialmente. Esse comportamento se alinha ao esperado por Para Freire (2011, p. 82): “(...) o papel mais importante da pedagogia crítica é levar os alunos a reconhecer as diversas tensões e habilitá-los a lidar com elas eficientemente”.

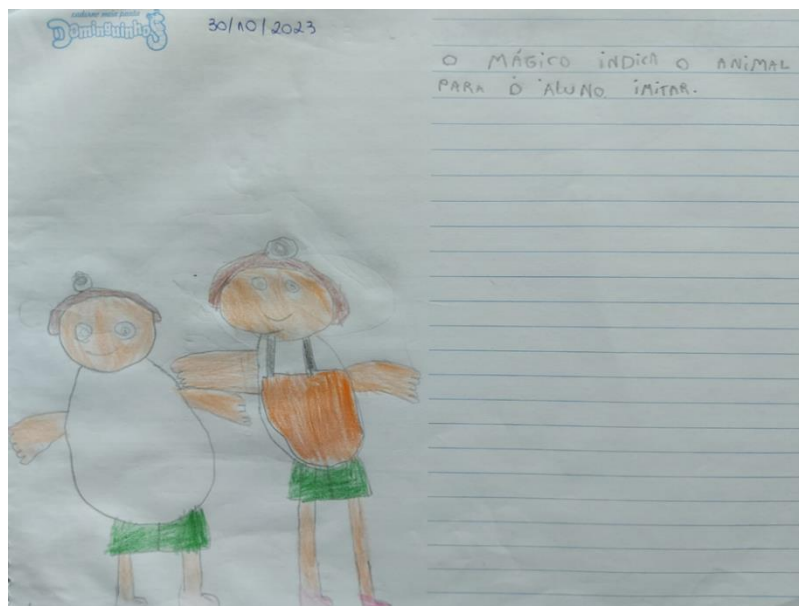
Nesse contexto, as atividades circenses contribuíram da mesma maneira que Takamori e colaboradores/as (2010, p. 13) encontram em sua pesquisa:

Considerando alguns resultados do Projeto Criança, os responsáveis por ele destacaram que houve a mudança de postura, de comportamento, cooperação entre os pares, elevação de autoestima e uma das observações feitas pela equipe da Petrobrás foi a de não haver uma criança em destaque, mas todas, permitindo que houvesse soluções conscientes para os conflitos.

Ainda enfatizando os aspectos sociais desenvolvidos nas atividades, podemos afirmar que as atividades circenses desenvolveram nas crianças aspectos atitudinais importantes para seu desenvolvimento social. Esses resultados também foram encontrados por destaque por Messias (2020, p. 73), em sua pesquisa sobre as atividades circenses na Educação Infantil, “como a cooperação, solidariedade, respeito e tolerância”.

Pudemos observar nos registros do aulário, ainda, que em muitos momentos as crianças desenharam o/a colega que estava ao seu lado realizando a atividade, mostrando que entendem e identificam a interação com o/a outro/a como aspecto fundante da brincadeira. No registro a seguir, podemos observar uma brincadeira de pega-pega (Aula 6, aulário):

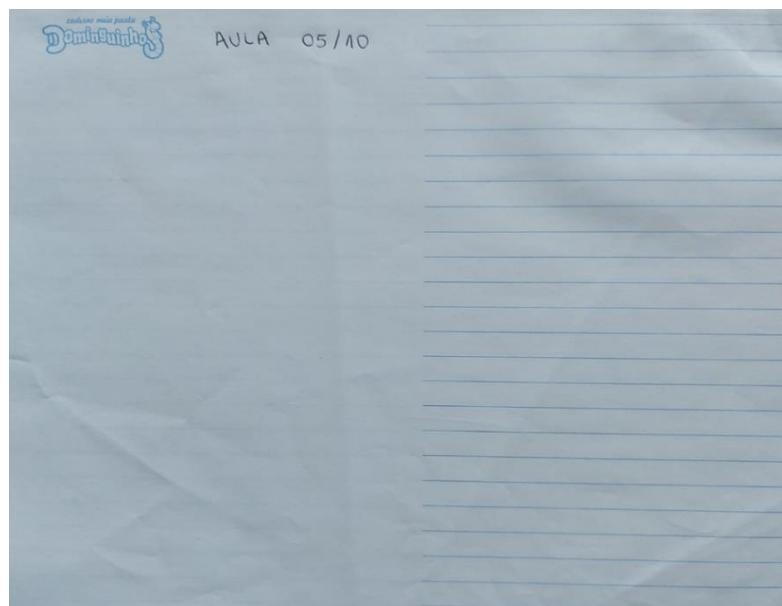
Figura 3 - Desenho registrado no aulário da Aula 6



Fonte: Aulário confeccionado pelas crianças participantes da pesquisa.

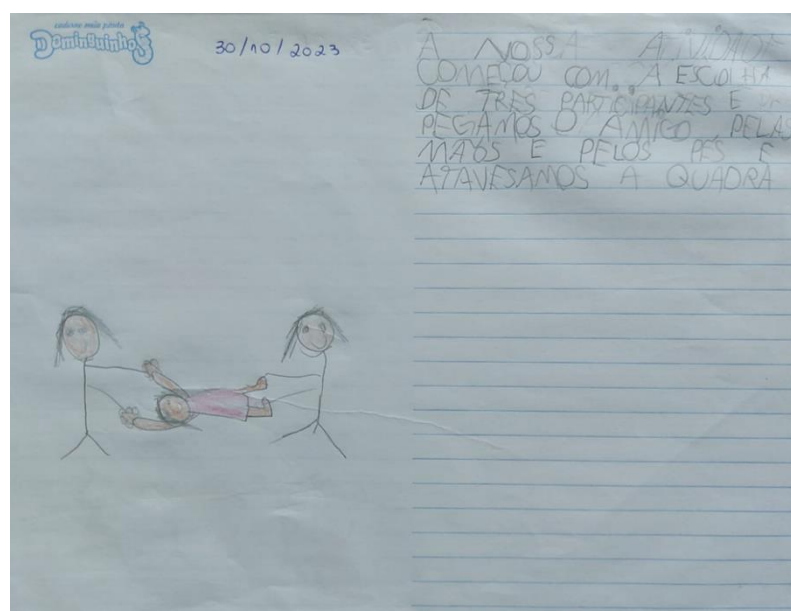
Outra forma de interação que merece destaque foi a das crianças com o aulário. Desde a primeira aula, quando o projeto de pesquisa foi explicado, o aulário foi apresentado às crianças, bem como sua importância para o desenvolvimento do estudo. Inicialmente, as crianças o traziam em branco, com pouco comprometimento com o registro; nas últimas aulas, as crianças que levaram o aulário fizeram suas anotações e seus desenhos e sentiram-se motivadas a apresentar para os/as colegas suas produções. Durante os seminários, boa parte das crianças quiseram compartilhar com a turma que os registros apresentados eram de sua autoria.

Figura 4 - Desenho registrado na aula 02



Fonte: Aulário confeccionado pelas crianças participantes da pesquisa.

Figura 5- Desenho registrado na aula 02



Fonte: Aulário confeccionado pelas crianças participantes da pesquisa

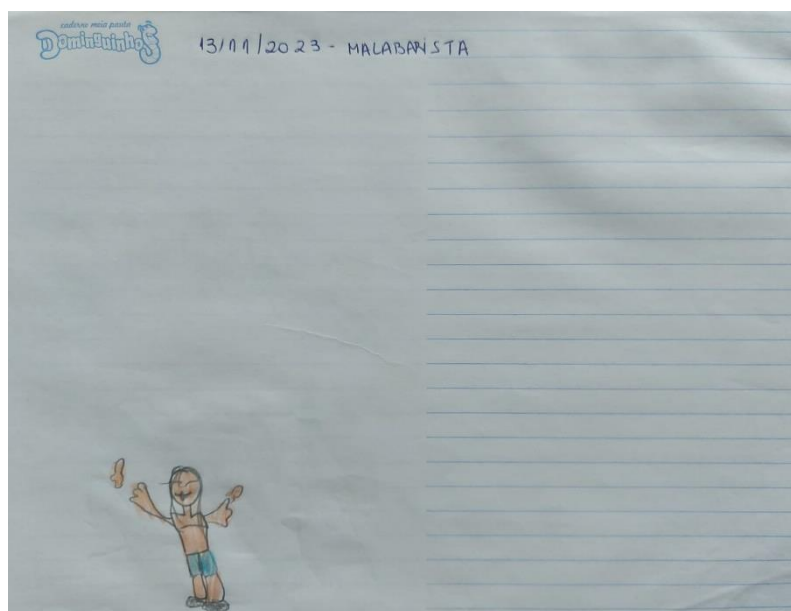
Deixo também relacionado os aulários que foram entregues sem nenhum registro, dado a importância para essa pesquisa enfatizar o aumento do comprometimento das crianças na elaboração das atividades de registro. Muitas crianças entregaram o aulário em branco e posteriormente pediram uma nova oportunidade para realizar seus registros. Essa mudança no comprometimento nos mostra que quanto mais as crianças estão envolvidas e conscientes do seu aprendizado, mais comprometida com as tarefas se tornam (Agostini, 2018). Assim como

na tese de Desiderio (2023) o aulário aqui nos traz os registros das crianças sobre as atividades realizadas nas aulas, nos mostrando as narrativas das crianças do que foi vivenciado, nos mostra o que foi guardado nas memórias das crianças.

As interações também aconteceram com os materiais utilizados nas aulas e com os/as personagens circenses. Em minha realidade profissional, estou acostumada a presenciar as crianças se desencantarem por um material oferecido ou ressignificarem suas funções, de forma diferente do que é apresentado. Esse comportamento foi registrado na Aula 3, quando ofereci o pandeiro como instrumento musical para a criação de uma coreografia, parte das atividades cênicas do/a palhaço/a. As crianças abandonaram o pandeiro e criaram coreografias sem a utilização desse instrumento, pois estavam mais focadas em criar movimentos difíceis para apresentar.

Essa interação com os materiais das atividades mudou nas Aulas 6, 7, 8 e 9, quando foi tematizado o malabarismo. Isso pois o material para essa modalidade circense é muito representativo; as crianças compreenderam que aquele seria um instrumento utilizado para aprender sobre o/a personagem e sobre sua movimentação.

Figura 6 - Desenho registrado na aula 8



Fonte: Aulário confeccionado pelas crianças participantes da pesquisa

É interessante comentar que, em outros desenhos (Aulas 7 e 8, aulário), as crianças representaram a atividade de malabarismo com bolas. Porém, em nenhum momento realizaram essa movimentação com esse material, apenas com tules. No entanto, podemos interpretar que,

como comumente vemos os/as malabaristas circenses utilizando bolinhas, as crianças fizeram uma representação fiel do que elas possuem em seu imaginário. Vigotski (2009, p. 107) nos explica: “a criança desenha de memória e não de observação. Ela desenha o que sabe sobre a coisa; o que lhe parece mais essencial na coisa, e não aquilo que vê ou o que imagina sobre a coisa”.

Figura 7 - Desenho registrado na aula 7



Fonte: Aulário confeccionado pelas crianças participantes da pesquisa

Figura 8 - Desenho registrado na aula 8



Fonte: Aulário confeccionado pelas crianças participantes da pesquisa

A análise da interação das crianças com os materiais nos leva a refletir sobre a necessidade de representatividade dos implementos nas tarefas realizadas: o tule pode ser, para as crianças pequenas, comparado às bolinhas, pela sua movimentação; no entanto, o pandeiro para um esquete de palhaços/as, para elas, não fez sentido. Apesar das crianças conseguirem ressignificar a utilização dos materiais, elas têm expectativas em relação ao seu próprio aprendizado; assim, quando essa expectativa não é atingida muito facilmente, se distraem com facilidade e, por vezes, acabam abandonando o material ofertado.

A questão lúdica e relacionada ao imaginário do circo é bastante relevante no trabalho com as crianças; quando a criança brinca ou utiliza um brinquedo, não o faz de forma leviana, mas com base em suas representações imaginárias de situações já vividas ou observadas na vida real. Portanto, devemos ponderar a utilização de materiais que realmente tenham significado para cada prática proposta. O brinquedo deve ter um significado com o já vivenciado na realidade, como nos explica Vigotski:

[...] a noção de que uma criança pode se comportar em uma situação imaginária sem regras é simplesmente incorreta. Se a criança está representando o papel de mãe, então ela obedece às regras de comportamento maternal. O papel que a criança representa e a relação dela com um objeto (se o objeto tem seu significado modificado) originar-se-ão sempre das regras (Vigotski, 2007, p. 111 e 112).

Com relação aos/as personagens, não foi percebido desinteresse. No entanto, foi possível analisar que a complexidade das atividades instigou as crianças a se conectarem mais com algumas figuras circenses. As atividades propostas sobre o/a palhaço/a foram mais simples do ponto de vista motor e causaram pouco impacto; já as atividades de malabarismo, mais complexas, motivaram mais as crianças, que logo se encantaram com este/a personagem. Noto aqui a relação direta entre o interesse das crianças pelas atividades propostas e seu grau de dificuldade: quanto mais desafiadoras as atividades, maior seu interesse e dedicação durante a realização, devendo o professor/a estar atento ao grau de dificuldade em cada atividade proposta (Bortoleto, Pinheiro e Prodócimo, 2011).

Por fim, cabe destacar as interações das crianças comigo, professora-pesquisadora, durante a realização do projeto. Posso afirmar que as atividades circenses trouxeram uma mudança significativa na relação das crianças com as aulas de Educação Física. Antes desse assunto ser tematizado, quando eu chegava para buscar as crianças na sala de aula, muitas vinham correndo em minha direção para perguntar se poderiam brincar de bola. Apesar de eu particularmente não trabalhar o conteúdo Esporte nas aulas de Educação Física com essa faixa

etária, as crianças sempre queriam que eu fizesse atividades com esse material. No entanto, depois que eu iniciei o plano de trabalho proposto nessa dissertação, essas perguntas cessaram, pois, as crianças tornaram-se ansiosas pela leitura do livro e pela descoberta do/a personagem que iria ser desenvolvido/a em cada aula.

b) Estratégias pedagógicas

Toda prática pedagógica deve estar impregnada de intenção, planejamento, observação, reavaliação e análise crítica (Libâneo, 1994). Na proposta apresentada nesse estudo, foram utilizadas as seguintes estratégias pedagógicas: leitura de livro sobre o tema, jogos, brincadeiras, atividades cooperativas em grupos e rodas de conversa. A motivação para suas escolhas e os resultados oriundos de sua realização serão apresentados a seguir.

A primeira estratégia pedagógica utilizada está diretamente ligada ao envolvimento da criança com a temática proposta, além de ser sugerida por Paulo Freire (2011): a leitura em sala de aula. Quando nos sentamos e apresentamos um livro para a criança, abrimos portas para a imaginação e criatividade; as crianças entram em contato com palavras e figuras, o que permitem que se envolvam com a temática e com outras compreensões sobre o assunto.

Podemos ressaltar que cada criança conhece o circo a partir da sua observação através de desenhos, filmes, espetáculos e de livros, mas, quando o/a professor/a propõem uma leitura sobre o tema em sala de aula, todos/as têm contato com a forma como determinado/a autor/a descreve o circo. Até mesmo a forma de ler do/a professor/a, com entonações e expressões, permitem que as crianças interajam com o conteúdo do livro. Logo, é de suma importância que a leitura traga para a criança momentos de encantamento, permitindo que tenha um contato prazeroso com a leitura e consigo “mergulhar” na história com a sua imaginação (Carvalho, 2022). A leitura coletiva também permite momentos significativos de diálogos, permitindo que cada criança possa expressar a sua opinião e impressões do livro e assim comparar com as compreensões dos/as outros/as. Cada criança é capaz de entender e interpretar o que está lendo, desde que o conteúdo seja adequado a sua faixa etária (Carvalho, 2022). Carvalho (2022, p. 15) descreve a importância da leitura para Freire:

A concepção Freiriana sobre o ato de ler traz reflexões de dimensões cognitivas com propostas de (re)organização da metodologia no ensino. É relevante estudar sobre a leitura, uma vez que, o ato de ler contribui na construção consciente mais crítica/reflexiva.

Já na primeira aula do projeto, com a leitura do Termo de Assentimento, percebo que as crianças ouvem atentas as informações que estão nos textos. Nesse momento, cada criança possuía em suas mãos uma cópia desse documento e conseguiam acompanhar a leitura através das figuras, se interessando por elas. Isso foi relevante essas crianças ainda não liam ler textos longos; porém, as figuras permitiram que compreendessem a informação que lida pela professora-pesquisadora.

A partir da Aula 2, iniciamos a leitura fragmentada do livro “O Circo Chegou!” (Bedicks e Bortoleto 2015), com a tematização de apenas algumas páginas por dia, estimulando a curiosidade pelas atividades práticas e pela própria história. Esse momento de leitura foi incorporado pela roda de conversa inicial, momento em que era apresentado o/a personagem circense a ser tematizado no bloco de aulas. Assim, o livro não esteve presente em todas as aulas. Na Aula 5, apesar de não haver a leitura do livro, sentamo-nos juntos/as e conversamos sobre o que já sabíamos a respeito do/a personagem: “Iniciei a aula com uma roda de conversa relembrando os/as acrobatas que o livro “O Circo Chegou!” (Bedicks e Bortoleto 2015) havia citado e expliquei que iríamos fazer mais algumas brincadeiras acrobáticas” (Aula 5, diário de campo). Isso foi realizado com o cuidado em não desvincular a aula da leitura e da reflexão sobre o que o livro havia trazido de informação para as crianças.

A escolha do livro foi importante, pois este trazia informações significativas sobre os/as personagens circenses, em uma visão alegre do circo espetáculo e com informações visuais que nos ajudavam a refletir sobre a atuação de cada personagem. Essa escolha foi fundamental para ilustrar outra estratégia pedagógica, a apresentação circense para a comunidade. Com este trabalho conjunto, pude enfatizar para as crianças que mais do que aprender movimentos e quem são os/as personagens que fazem parte do universo circense, precisamos valorizar o aspecto festivo e demonstrativo do circo. Esse quesito foi, a todo tempo, incentivado. Na aula 3, por exemplo, registrei: “Ao final da aula, nos sentamos e cada grupo apresentou a sua criação para os demais, eles/as amaram poder apresentar para os/as colegas” (Aula 3, diário de campo). Chioda (2018) também utiliza as apresentações circenses como forma de avaliar os/as alunos/as e suas aproximações com o conteúdo.

O momento da apresentação exige espectadores/as, pessoas para assistir as performances das crianças, como acontece no circo. Para tanto, brincamos de simular um espetáculo: as crianças entraram no “picadeiro” e sentaram-se na “arquibancada”; após cada apresentação das coreografias criadas, todos/as aplaudiam e teciam seus comentários (Aula 3, diário de campo). A mesma estratégia foi utilizada por Corsi, Ontañon e De Marco (2018).

Registrei em meu diário (Aula 3, diário de campo) que algumas crianças se sentiam ansiosas e tinham dificuldade em ficar sentadas. Assim, foi necessária minha intervenção constante para que não perdessem a atenção no grupo que estava apresentando, exercitando posturas de respeito e contemplação.

Outro ponto importante dessa estratégia pedagógica foi a observação dos/as personagens mais citados/as pelas crianças durante a leitura inicial do livro escolhido. Quando questionadas sobre quais personagens do universo circense mais gostavam, as crianças citaram o seguinte: “A maioria lembrava dos personagens dos desenhos animados que faziam parte do espetáculo, Frozen, Cinderela, Homem de Ferro, Homem Aranha” (Aula 1, diário de campo). Compreendemos que tais personagens não são parte do universo circense e sim uma manifestação cultural presente nas infâncias dos dias atuais. Essa nova forma de apresentar o circo é explicada por Lence e Selau (2023, p. 8): “A arte circense acompanhou/acompanha a história da sociedade e suas transformações em diferentes contextos do mundo, embora tenha enfrentado adversidades, demonstrou boa capacidade em se adaptar e prosperar.” Na verdade, entendemos que a incorporação desses personagens nos espetáculos circenses tem motivação mercadológica e pode empobrecer sua potencialidade cultural.

No entanto, essas mudanças não podem ser ignoradas, pois fazem parte da memória e dos conhecimentos prévios da criança em relação ao circo. Apesar disso, na presente pesquisa, foram valorizados os aspectos históricos e culturais do circo, o que exigiu da professora-pesquisadora uma postura crítica com relação a esses relatos. Se esses/as personagens fazem parte da imaginação das crianças sobre o universo circense, poderiam ser utilizados para introduzir os gestos típicos dessa arte.

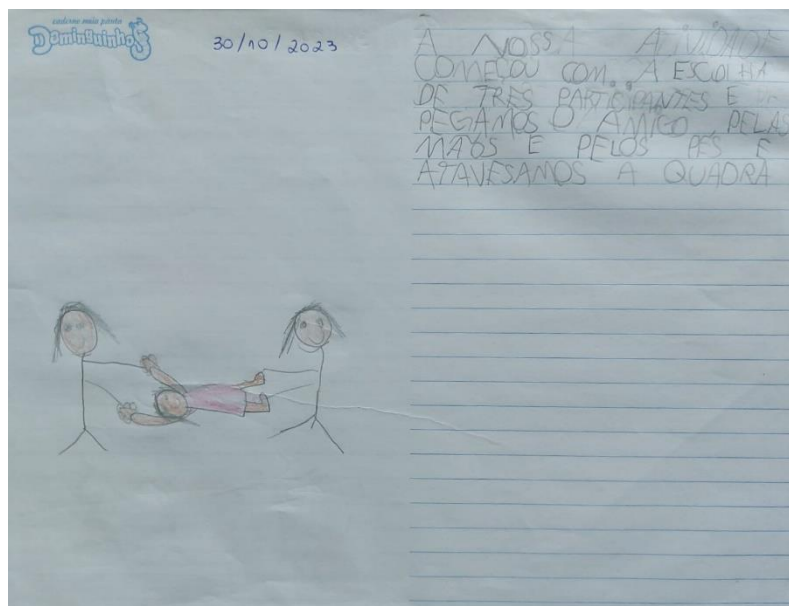
Dessa rápida reflexão, surgiu um segundo momento de investigação com as crianças: “Pedi para eles/as descreverem o que os/as personagens faziam. Aí, pude fazer a ligação com os/as personagens do circo: o Homem de Ferro era o/a trapezista, o Mickey fazia coisas engraçadas, ou seja, era o palhaço” (Aula 1, diário de campo). Muitas vezes, os/as professores/as se deparam com situações adversas ao nosso planejamento e assim temos a necessidade de replanejar a aula no momento de sua realização. Nesse replanejar inesperado, não podemos nos distanciar do objetivo principal da aula, nesse caso, o ensino das atividades circenses enquanto objeto de conhecimento da Educação Física. Para tanto, devemos nos atentar ao que Lence e Selau (2023) destacam como uma estrutura metodológica bem definida para garantir o ensino competente dos saberes circenses.

Quando pensamos no aspecto social das estratégias pedagógicas, logo imaginamos a relação com o/a outro/a. Assim, quando comecei a refletir sobre as quais estratégias pedagógicas sociais que proporia para a turma, imaginei atividades em grupos e jogos circenses. Dessa maneira, quando propus atividades em duplas, trios, quartetos e até mesmo com a participação da sala, pretendi estimular as interações entre as crianças, para que aprendessem a lidar com as diferentes opiniões e percepções durante as aulas. A pesquisa realizada por Rocha e colaboradores/as (2009, p. 244) enfatiza a importância desse contato entre as crianças:

É nesse contato entre indivíduos, de forma ativa e comprometida, que a interação social ocorre de forma mais efetiva e interessante em ambiente educacional, pois se exige dos alunos atitude de resposta aos problemas e divergências evidenciados entre eles.

Na formação dos grupos para a realização das brincadeiras, pude observar, inicialmente, uma dificuldade de diálogo entre as crianças, sendo necessária minha intervenção para que se organizassem em grupos. Na Aula 3, esta dificuldade ficou clara em meus registros: “Apenas oito crianças formaram grupos sem algum tipo de intervenção” (Aula 3, diário de campo). Essa cena foi aos poucos sendo superada, ao passo que as crianças iam exercitando suas habilidades sociais; na Aula 9, o registro realizado foi diferente: “Nessa aula, apenas duas crianças tiveram dificuldade em encontrar outra dupla. A maioria já trocava de lugar com quem estava próximo. Além disso, as crianças começaram a procurar colegas com quem ainda não tinham interagido” (Aula 9, diário de campo). Tais mudanças nos mostram como as crianças compreenderam o papel das outras nas brincadeiras e como a mediação adequada permitiu mudanças de comportamento; a escola é um ambiente adequado para que as interações sejam intencionais e também sistematizadas de forma que propiciem desenvolvimento social das crianças (Yonamine e Rossi, 2021).

Figura 9 - Desenho registrado na aula 6



Fonte: Aulário confeccionado pelas crianças participantes da pesquisa

Outra estratégia pedagógica utilizada foram jogos e brincadeiras coletivas. Essas formas de mediar atividades são bastante conhecidas e reconhecidas como objeto de conhecimento da Educação Física e de outras áreas da Educação. Dado seu caráter lúdico, proporcionam momentos de divertimento e alegria para as crianças (Bortoleto, Pinheiro e Prodócimo, 2011). Durante os jogos propostos, as crianças puderam solucionar problemas e dialogar ao mesmo tempo em que se divertiam. Por exemplo, na aula 06, as crianças estavam tendo dificuldades em realizar a brincadeira do relógio. Após várias tentativas, conversaram para tentar solucionar o problema, olhando as ações dos/as colegas, explicando, tentando novamente. Nesse processo, mostraram-se empenhadas em conseguir realizar o jogo, a todo momento riam e criavam novas soluções, criando uma atmosfera amigável e desafiadora. Sanches e Gondo (2023) encontramos inúmeras justificativas para a utilização desse objeto de conhecimento para o ensino das atividades circenses, argumentando que proporcionam o estímulo à criatividade, a comunicação e a construção de habilidades sociais.

Quando, na Aula 2, solicitei que as crianças participassem de um jogo de imitação denominado “a mãe do picadeiro” (Bortoleto, Pinheiro e Prodócimo, 2011), observei pela primeira vez no projeto sua dificuldade em interações de imitação, tanto por vergonha do/a outro/a quanto por falta de imaginação. No entanto, apesar de este não ter sido o melhor desenvolvimento da atividade, insisti para que ocorresse pois os/as alunos/as estavam interagindo entre si. Dessa continuação da brincadeira, surgiram manifestações espontâneas,

cômicas e mais disponíveis: “Eles/as inventavam poses bem difíceis e diferentes para o colega fazer, caretas e mímicas também foram observadas” (Aula 2, diário de campo). Ainda, “Algumas crianças ficaram com vergonha no começo e apenas passavam andando de um lado ao outro da quadra, mas logo perceberam que todos estavam rindo e começaram a se esforçar mais para fazer coisas engraçadas” (Aula 2, diário de campo).

Assim, é possível discutir que pensar em estratégias pedagógicas sociais para essa faixa etária deve considerar as características das crianças. Nessa fase, ainda são constantes as representações lúdicas e imaginárias e o sentimento de domínio das habilidades. Durante as aulas, quando exercitaram os movimentos de malabarismo, as crianças já se imaginavam como malabaristas e se desenharam com bolas nas mãos, por exemplo. Na atividade “pega-pega mágico”, o mesmo processo aconteceu. Quando pedi às crianças que fossem os/as mágicos/as e escolhessem em qual animal os/as amigos/as iriam se transformar, em sua imaginação, os/as outros/as eram mesmo transformados/as:

Figura 10 - Desenho registrado na aula 6



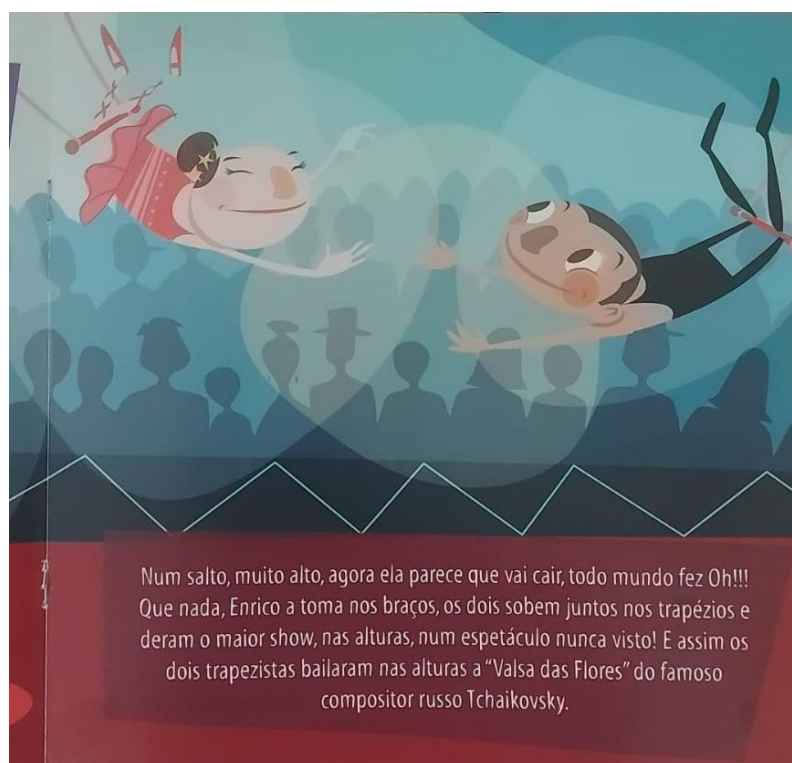
Fonte: Aulário confeccionado pelas crianças participantes da pesquisa

Pott, Neves e Souza (2022) destacam a importância de considerarmos a imaginação durante toda a Educação Básica, para promover o desenvolvimento das crianças, sendo a imaginação uma condição para a liberdade. Já as autoras Francioli e Steinheuser (2020) nos elucidam que, através dos desenhos, podemos compreender o que a criança tem em sua memória, a imaginação está ligada a realidade, tendo como fonte as experiências do dia a dia

e está ligada a emoção. Para Vigotski (2009), a imaginação é uma função que se desenvolve através das atividades que os indivíduos desempenham. Dessa forma, quanto mais ricas e significativas forem as experiências vividas pelo indivíduo, maior será o desenvolvimento de sua imaginação.

Ainda, utilizei das brincadeiras como estratégias pedagógicas sociais para trabalhar a confiança com a turma, especialmente relacionadas às habilidades de carregar e transportar o/a colega. Nas Aulas 4 e 5, as brincadeiras realizadas basearam-se no livro que estávamos lendo e em habilidades circenses que envolviam essa colaboração entre as crianças, como observado na imagem da contracapa desta obra:

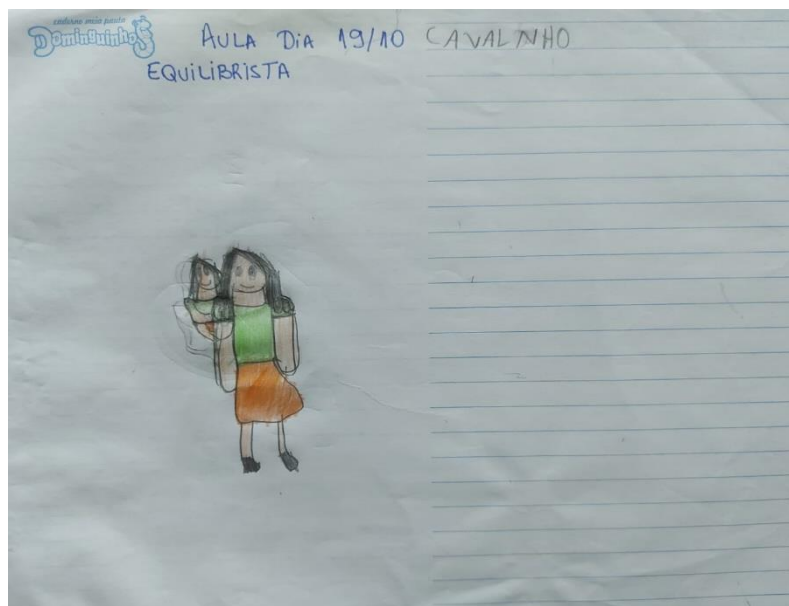
Figura 11 - Livro “O Circo Chegou”



Fonte: Bedicks e Bortoleto (2015)

Considerando que o espaço utilizado para as aulas não possuía a estrutura de segurança para esse tipo de atividade que gostaria, as brincadeiras precisaram envolver movimentos mais controlados, mas que ainda assim fossem compatíveis com a proposta de interação e confiança, bem como relacionar-se com a descrição que havíamos lido no livro. A utilização dos jogos circenses para desenvolver essa dinâmica foi essencial, dada a atmosfera de brincadeira e das possibilidades presentes nelas.

Figura 12 - Desenho registrado na aula 6



Fonte: Aulário confeccionado pelas crianças participantes da pesquisa

As brincadeiras que envolviam o carregar e/ou transportar exigiam das crianças posturas de respeito, responsabilidade e confiança, características muito importantes para serem desenvolvidas em sua formação moral. Não deixar o/a outro/a cair, carregá-lo/a de forma segura e confortável, eram tarefas importantes e desafiadoras. Esse tipo de interação foi fundamental para o envolvimento das crianças com o/a personagem em questão e com a imagem do livro que nos remetia a essa característica, demonstrando grande esforço e atenção dos/as alunos/as.

Desenvolver confiança interpessoal foi muito importante para que os vínculos de amizade e respeito entre as crianças aumentassem, especialmente ilustrados por ações como saber ouvir, saber falar, diminuir os julgamentos e também criar um ambiente de cooperação e superação das dificuldades coletivamente. Como todas as crianças estavam envolvidas nessas brincadeiras, sentiam as mesmas dificuldades e, quando algum grupo conseguia realizar o desafio, a solução era compartilhada com os outros, criando um ambiente altamente cooperativo e solidário.

As interações sociais desenvolvem as relações interpessoais e durante a prática das atividades circenses podem ser potencializadas, tanto no sentido estético como também nas das práticas corporais, ainda podem trazer lições importantes para as crianças. Ao permitir a vivência em suas dimensões estéticas e sociais, contribuem para o reconhecimento das potencialidades e singularidades de ser criança de forma plena (Yanomine e Rossi, 2021).

7 CONSIDERAÇÃO FINAIS

Esse trabalho pretendeu discutir como, a partir das atividades circenses, podemos desenvolver uma proposta socioeducativa para que os/as professores/as possam adotar propostas pedagógicas que sejam centradas no aluno e nas relações sociais que surgem dentro do ambiente escolar a partir da análise temática das unidades didáticas construídas com os/as alunos/as.

Para se atingir o objetivo de investigar uma proposta pedagógica que seja baseada em estratégias sociais sobre as atividades circenses na educação de crianças, na Educação Física escolar, foi definido quatro objetivos específicos, o primeiro foi discutir as relações sociais das crianças pequenas como formas de aprendizagem.

Antes de mesmo de começar o projeto com as crianças, me deparei com as seguintes questões: “Quais estratégias utilizar?”, “Qual seria o papel do/a professor/a para atingir os objetivos dessa pesquisa?”. Já no momento do planejamento do projeto, refleti sobre de que forma eu poderia incentivar o desenvolvimento das crianças com relação a suas interações com os/as outros/as e com o conteúdo e, é claro, minhas posturas nessas mediações. Assim, como transformar minha prática didática em projeto de pesquisa, sem que uma ação influenciasse negativamente a outra.

No início do projeto, conclui que o/a papel do/a professor/a-pesquisador/a, em todas as suas ações, deve ser respeitar as diversidades do grupo e incentivar as diferentes manifestações do desenvolvimento das crianças, proporcionando um ambiente em que se sintam acolhidas, respeitadas, ouvidas e desafiadas a refletir sobre suas ações e sentimentos, individuais e coletivos. E assim também me inspiro em Vigotski, ao afirmar que o papel do/a professor/a é ser o/a mediador/a entre os conteúdos curriculares e as experiências das crianças.

Verificamos que inicialmente elas têm dificuldade em interagir e respeitar o/a próximo/a, porém a partir das estratégias utilizadas durante as aulas observamos mudanças na forma de agir e interagir com o outro, observamos também que podemos desenvolver relações mais respeitadas e de interações positivas aumentando a qualidade dos diálogos entre as mesmas. Desde que o professor/a esteja adepto a desenvolver estratégias pedagógicas, no caso dessa pesquisa, a partir das atividades circenses e das brincadeiras coletivas, onde as crianças interagiram com o/a outro/a durante as aulas, para que as atividades propostas fossem realizadas as crianças tinham que aprender a conviver e respeitar as diferenças entre elas mesmas.

Observei e analisei como o conhecimento das atividades circenses foi construído pelas crianças através de suas reações e envolvimento nas atividades, onde as atividades circenses foram um tema muito potente permitindo que as crianças realmente se interessaram pela temática, aprofundando seus conhecimentos sobre o circo durante as aulas e também aprofundando o conhecimento sobre os personagens que fazem parte do universo circense. Não apenas realizando as propostas de forma mecânica, mas podendo refletir as atividades vivenciadas nas aulas e discutindo com os/as colegas as práticas circenses através das rodas de conversas e também nos diálogos durante as brincadeiras. As atividades circenses revelam uma linguagem expressiva-artística que contribui para a formação plena do indivíduo, uma vez que a atmosfera lúdica é uma característica que orienta as práticas pedagógicas. (Yonamine, Rossi, 2021).

Observamos também mudanças significativas na forma de interagir e resolver os conflitos interpessoais, todas as crianças aprenderam respeitar e ouvir o/a outro/a e também passaram a se expressar mais durante as aulas, conseguindo ampliar seu repertório circense, através de práticas compartilhadas com os/as colegas, assim concordando com Yonamine e Rossi quando afirmam que “as atividades circenses revelaram-se como um caminho potente para a (re)construção qualitativa das relações interpessoais no cotidiano escolar (2021, p. 18).

Nessa perspectiva as atividades e as estratégias utilizadas foram adequadas para a presente dissertação dado que as crianças conseguiram realizar de forma lúdica e espontânea todas as propostas, puderam participar ativamente de todo o processo educativo, opinando, avaliando e decidindo juntamente com a professora-pesquisadora.

O diário de campo permitiu que eu pudesse avaliar as propostas durante a realização das mesmas e posteriormente agrupar as unidades de análise temática possibilitando uma análise crítica e fundamentada nos princípios da metodologia adotada para essa dissertação. Já o aulário, permitiu conhecer e reconhecer quais elementos das atividades circenses mais tiveram significado e relevância para cada criança.

O circo nas aulas de Educação Física é uma atividade rica tanto em elementos corporais, quanto artísticos e culturais (Bortoleto, 2011), porém não podemos deixar que sejam apenas aulas de práticas com atividades apenas reprodutoras, mas devem ser práticas que estejam alicerçadas em fundamentos teóricos sólidos e que permitam que essa prática não seja deformada por aprender gestos técnicos (Zaim-De-Melo et al., 2020), mas que as crianças possam entender e vivenciar essa manifestação historicamente produzida pela humanidade, entendendo sua estrutura historicamente construída.

As estratégias pedagógicas utilizadas permitiram que os/as alunos/as pudessem compreender a participação do/a outro/a nas atividades e brincadeiras propostas, podendo ser utilizadas nas aulas de Educação Física no ensino fundamental anos iniciais sem discriminar ou constranger as crianças durante as práticas aqui realizadas, cabe ao/a professor/a adaptar e até mesmo ressignificar as brincadeiras partindo do conhecimento prévio das crianças para que os temas das aulas sejam adequados para cada realidade escolar específica.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Nilo. Conscientização e Educação: ação e reflexão que transformam o mundo. **Pro-Posições**, V. 29, N. 3, set./dez. 2018, p.187-206. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2015-0105>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/FnhYy5MG7QRL4z4YCc3FnNq/#>. Acesso em: 02 de março de 2024

ANGELO, Adilson de. A pedagogia de Paulo Freire nos quatro cantos da educação da infância. In: **I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL**, 1., 2006, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100001&lng=en&nrm=abn Acesso em: 17 Jan. 2024

AYOUB, Eliana. Narrando experiências com a Educação Física na Educação Infantil. **Revista Brasileira de Ciências do Esportes**, Campinas, v. 26, n. 3, p. 143-158, maio 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=401338510010>. Acesso em: 10 dez. 2022

BASTOS, Lijamar de Souza; ALVES, Marcelo Paraíso. As influências de Vigotski e Lúria à neurociência contemporânea e à compreensão do processo de aprendizagem. **Revista Práxis**, Volta Redonda, ano 5, n. 10, p. 41-53, dez. 2013. DOI: <https://doi.org/10.25119/praxis-5-10-580>. Disponível em: <http://www.unifoa.edu.br/revistas>. Acesso em: 08 dez. 2022

BEDICKS, Maria Gloria; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. **O circo chegou!** Campinas: FEF/UNICAMP, 2015. Disponível em: <https://circonaescola.com.br/livro>.

BENTO-SOARES, Daniela. DESIDÉRIO, Andrea. O livro da educação física: registro gráfico e escrito das aulas de circo. In: **Caderno de Resumos do IV Seminário Internacional de Circo: inovação e criatividade** / organizadores Marco Antônio Coelho Bortoleto; Ermínia Silva. Anais IV Seminário Internacional de Circo - Campinas. FEF/UNICAMP, Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2017. p. 293-295 ISBN: 987-85-99688-44-1.

BOMTEMPO, Edda. **Brincando se aprende: uma trajetória de produção científica**. 1997. Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/000972116>. Acesso em: 6 jan. 2023.

BORBA, Angela Meyer. As culturas da infância no contexto da educação infantil. In: VASCONCELLOS, Tânia de. **Reflexões sobre infância e cultura**. Niterói: EdUFF, 2008. p. 73-91.

BORTOLETO, Marco Antônio Coelho. Um encontro entre o funâmbulo e o praxiológico: ideias para mestres e discípulos. In: FERREIRA, Lílían Aparecida; RAMOS, Glauco Nunes Solto. **Educação física escolar e praxiologia motriz: compreendendo as práticas corporais**. Curitiba: CRV, 2017. v. 22, cap. 3, p. 55-77. ISBN 978-85-444-1383-8.

BORTOLETO, Marco Antônio Coelho. PINHEIRO, Pedro Henrique Godoy Gandia. PRODÓCIMO, Elaine. **Jogando com O Circo**. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2011. Disponível em: <https://www.circonteudo.com/livraria/jogando-com-o-circo-2/>

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; TANAN, Daniele. Acrobacia Coletiva. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho (Org.). **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. Jundiaí: Fontoura, 2008. p. 105-120

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 6 jan. 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB. 9394/1996. Brasília, DF, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 5 jan. 2023.

BRAUN, Virginia.; CLARKE, Victória. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp0630a>

CARDANI, Leonora Tanasovici, ONTAÑÓN, Teresa Barragán, SANTOS, Gilson Rodrigues, BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Atividades circenses na escola: a prática dos professores da rede municipal de Campinas-SP. **Revista brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v.25, n. 4, p.128-140, dez. 2017, DOI: <https://doi.org/10.31501/rbcm.v25i4>. Acesso em: 20 dez. 2023

CARVALHO, Karoline Martins de. **O hábito da leitura na sala de aula na concepção de Paulo Freire**. 2022. 19 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2022.

CHIODA, Rodrigo Antonio. **Uma aventura da alegria e do risco: Narrativas de um professor de educação física sobre o ensino das atividades circenses**. Dissertação (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física; Universidade Estadual de Campinas, 2018

CORSI, Laís Marconato; DE MARCO, Ademir; ONTAÑÓN, Teresa Barragán. Educação Física na Educação Infantil: proposta interdisciplinar de atividades circenses. **Pensar a Prática**, v. 21, n. 4, 2018.

CORDAZZO, Scheila Tatiana Duarte.; VIEIRA, Mauro Luís. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 89-101, mar. 2007. Disponível em: [http://www.revispsi.uerj.br/v7n1/artigos/html/v7n1a09.htm#:~:text=Para%20Vigotski%20\(1991\)%20o%20brincar,a%20levam%20ao%20pensamento%20abstrato](http://www.revispsi.uerj.br/v7n1/artigos/html/v7n1a09.htm#:~:text=Para%20Vigotski%20(1991)%20o%20brincar,a%20levam%20ao%20pensamento%20abstrato). Acesso em: 29 dez. 2022.

CORSI, Bianca Rodriguez. Relações e conflitos entre crianças na Educação Infantil: o que elas pensam e falam sobre isso. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 42, p. 279-296, out./dez. 2011. Editora UFPR. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602011000500018>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/y35Xz6Rvk3HWt79R7q5bJkm/>. Acesso em: 03 de mar. 2024

DARIDO, Suraya Cristina. Relação entre ensinar a fazer e ensinar sobre o fazer na educação física escolar. In: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula.; DEL-MASSO, Maria Cândido

Soares. **Desafios da educação física escolar: temáticas da formação em serviço do PROEF**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 28-45. ISBN: 978-65-86546-43-9.

DESIDÉRIO, Andrea da Silva. **Aulário**. Dissertação (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023.

DUPRAT, Rodrigo Mallet; BORTOLETO, Marco Antônio Coelho. Educação Física escolar: Pedagogia e didática das atividades circenses. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Curitiba, v. 28, n. 2, p. 171-189, jan. 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo, Olho D'Água, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FOUCHET, Alain. **Las artes del circo: una aventura pedagógica**. Buenos Aires: Stadium, 2006.

LAVILLE, Christian.; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual da metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Traduzido por Heloisa Monteiro e Francisco Settineri; Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999. ISBN 978-85-7307-489-5.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, George; SILVA, Maria. Linguagem corporal e comunicação: a criança e o brincar; **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, Juazeiro do Norte, v. 9, n. 1. p. 969-974, dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.16891/884>. Disponível em: <https://interfaces.unileao.edu.br/index.php/revista-interfaces/article/view/884>. Acesso em: 14 fev. 2023.

MAGALHÃES, Yan Pablo Franco; SOUZA, Patrick Aparecido Ferreira de; GODOY, Luis Bruno de; RODRIGUES, Gilson Santos; ZAIM-DE-MELO, Rogério. Tem palhaço na Educação Física escolar? Tem, sim senhor!. **Motrivivência**, [S. l.], v. 35, n. 66, p. 1–19, 2023. DOI: 10.5007/2175-8042.2023.e93244. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/93244>. Acesso em: 29 fev. 2024.

MARQUES, Eliana de Souza Alencar; CARVALHO, Maria Vilani Cosme de. Vivência e afetação na sala de aula: um diálogo entre Vigotski e Espinosa. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 23, n. 41, p. 41-50, jan./jun. 2014. DOI:

<https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.v23.n41.822>. Disponível em:
<https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/822/580>. Acesso em: 6 jan. 2023.

MARTINS, João Carlos. Vygotski e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo. **Série Idéias**, São Paulo, v. 28, n. 11, p. 111-122, jan. 1999. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/123456789/1518>. Acesso em 13 dez. 2022

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MENDES, Simone de Fátima Alves; LARANJEIRA, Carolina Dias; “Trocadilho”: uma proposta pedagógica circense para a Educação Infantil. **Revista Nupeart**, v. 25, p. 45-66, 2021. DOI: 10.5965/2358092525252021045.

NETA, Helena Cândida Santos; ARAUJO Ana Caroline Correia de; SILVA, Anne Emanuelle Cipriano da, GOMES, Sandra Lúcia Amorim; Treino de habilidades sociais na educação infantil: contribuições para as relações interpessoais. **Anais IX CONEDU**. Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/98712>>. Acesso em: 30/01/2024 11:31

SANTOS Rodrigues, Gilson. **Pedagogia das atividades circenses na Educação Física escolar: experiências da arte em escolas brasileiras de Ensino Fundamental**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. DOI: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2018.1101162>. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1637976>. Acesso em: 6 jan. 2023.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vigotski, aprendizado e desenvolvimento, um processo histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

ONTAÑÓN, Teresa Barragán. **Circo na escola: por uma educação corporal, estética e artística**. 2016. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

ONTAÑÓN, Teresa ontán; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; Silva, Ermínia. Educación corporal y estética: las actividades circenses como contenido de la educación física. **Revista Iberoamericana De Educación**, Madri, v. 62, n. 1, p. 233-243, jan. 2013. DOI: <https://doi.org/10.35362/rie620592>. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/592/1115>. Acesso em: 16 nov. 2022

PASQUALINI, Juliana Campregher. A perspectiva histórico-dialética da periodização do desenvolvimento infantil. **Psicologia em Estudo**. Departamento de Psicologia - Universidade Estadual de Maringá, v. 14, n. 1, p. 31-40, 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722009000100005>. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/30217>. Acesso em: 10 nov. 2022.

POTT, Eveline Tonelotto Barbosa; NEVES, Maura Assad Pimenta; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. Contribuições da imaginação ao processo de desenvolvimento e à educação: uma análise a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia Escolar e Educacional**. 2022, v.

26, p. 01-09. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-3539202223597>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/t7YJR7HfYs9JnsdfGDkZLyb/#ModalTutors>. Acesso em 02/03/2024.

ROCHA, B.; WINTERSTEIN, P. J.; AMARAL, S. C. F. Interação social em aulas de educação física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 235-245, 2009. DOI: 10.1590/S1807-55092009000300005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16726>. Acesso em: 16 jul. 2023.

ROSÁRIO, Luis Fernando Rocha; DARIDO, Suraya Cristina. A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes. **Motriz Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 11, n. 3, p.167-178, set/dez. 2005. DOI: <https://doi.org/10.5016/78>. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/78>. Acesso em: 23/04/2024.

PITARCH, Roger. Los juegos malabares: justificación educativa y aplicación didáctica en la ESO. **Revista Apunts**, n. 61, p. 56-61, 2000.

ROLIM, Amanda Alencar Machado; GUERRA, Siena Sales Freitas; TASSIGNY, Mônica Mota. Uma leitura de Vigotski sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. **Revista Humanidades**, Fortaleza, v. 23, n. 2, p. 176-180, jul./dez. 2008.

SANCHES, Beatriz Silva; GONDO, Hellen Regina Primo. A relevância das brincadeiras e jogos na formação da criança na educação infantil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 9, n. 10, p. 4704–4722, 2023. DOI: 10.51891/rease.v9i10.11953. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/11953>. Acesso em: 23 jan. 2024.

SOARES, Carmen Lúcia.; TAFFAREL, Celi.; VARJAL, Elisabeth.; CASTELLANI, Lino Filho.; ESCOBAR, Micheli Ortega.; BRACHT, Valter. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992

SOUZA, Luciana Karine de; Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i2p.51-67>. Acesso em 16 de jul. 2023

SOUSA, Aureliana de Jesus Dias; MORAES, Fabiana Ferreira de; EDA, Daniela Matielo e Carvalho; SILVA, Leopoldo Ortega da. Limitações e formação docente para abordar a temática circense nas aulas de educação física. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 17, n. 1, p. 129–137, 2019. DOI: 10.36453/2318-5104.2019.v17.n1.p129. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/21845>. Acesso em: 29 fev. 2024.

TASSONI, Elvira Cristina Martins; LEITE, Sérgio Antônio da Silva; Um estudo sobre emoções e sentimentos na aprendizagem escolar. **Comunicações**, Piracicaba, ano 18, v. 2, p. 79-91, jul./dez. 2011.

TAKAMORI, Flora Sumie, BORTOLETO, Marco Antônio Coelho, PALMEN, Mario Johannes Enricos, CAVALLOTTI, Thais Di. Abrindo as portas para as atividades circenses na Educação Física escolar: um relato de experiência. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 1-16, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/3827/6f97f2ff36d37bd7598788831a701598fc78.pdf> Acesso em: 17 jan. 2024

THIOLLENT, Michel Jean Marie. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 4. ed. São Paulo: Polis, 1985.

TOASSA, Gisele. **Emoções e vivências em Vigotski**. Campinas: Papyrus, 2011.

TORRES, Tallyta Gabriella de Oliveira; DANTAS, Renata Aparecida Elias. Artes circenses: acrobacia coletiva como conteúdo da educação física escolar. **Universitas: Ciências da Saúde**, v. 15, n. 1, p. 1-7, 2017.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQqyq5bV4TCL9NSH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 jul. 2023

VASCONCELLOS, Sarah Camello; FRANCISCO, Ana Lúcia. Uso do diário de campo em investigações no ambiente escolar: a construção de uma metodologia. Atas **CIAQ2015: Investigação qualitativa em Educação**, Sergipe, v. 2, n. 1, p. 411-413, jul. 2015.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. **La imaginacion e la arte em la infancia**. Madri: Akal, 1998.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

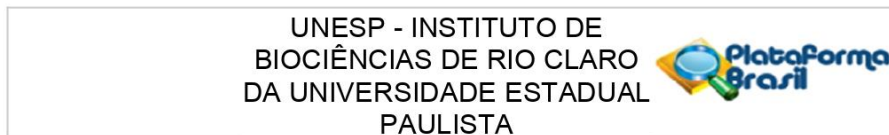
VYGOTSKI, Lev Semyonovich. Imaginação e criação na infância. **Ensaio psicológico - livro para professores**. Apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; tradução Zóia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

YONAMINE, Mariane Harue; ROSSI, Fernanda. Experimentando as atividades circenses e ressignificando as relações sociais na escola. **Revista Motrivivência**, v. 33, p. 01-24, 2021.

ZAIM-DE-MELO, Rogério; GODOY, Luís Bruno de; BRACCIALLI, Felipe. Quando o nariz vermelho se encontra com a Educação Física: potencialidades do palhaço como conteúdo na escola. **Motrivivência**, v. 32, n. 63, p. 1-20, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e76909>.

ANEXOS

Anexo A – Parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa



Continuação do Parecer: 6.243.247

assinatura, tanto o participante da pesquisa (ou seu representante legal) quanto o pesquisador responsável deverão RUBRICAR todas as folhas , colocando as assinaturas na última página.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2092123.pdf	20/06/2023 19:23:39		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Tassiana.pdf	20/06/2023 19:23:14	TASSIANA JANS	Aceito
Outros	Resposta.pdf	20/06/2023 19:22:04	TASSIANA JANS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	20/06/2023 19:19:31	TASSIANA JANS	Aceito
Folha de Rosto	folhaTassiana.pdf	14/06/2023 15:06:35	TASSIANA JANS	Aceito
Declaração de concordância	Cartadeanuencia.pdf	24/02/2023 14:06:28	TASSIANA JANS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	24/02/2023 07:50:01	TASSIANA JANS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO CLARO, 16 de Agosto de 2023

Assinado por:
José Angelo Barela
(Coordenador(a))

Endereço: Av.24-A n.º 1515 -sala anexa à Seção Técnica Acadêmica - prédio da Administração do Instituto de
Bairro: Bela Vista **CEP:** 13.506-900
UF: SP **Município:** RIO CLARO
Telefone: (19)3526-9678 **Fax:** (19)3534-0009 **E-mail:** cepib.rc@unesp.br

Página 05 de 05

APÊNDICES

Apêndice A - Termo De Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

(Conselho Nacional de Saúde, Resoluções 466/12 e 510/16)

O(a) Sr(a) seu/sua filho/a (ou menor sob sua responsabilidade) está sendo convidado(a) para participar de uma pesquisa de mestrado intitulada “Apresentando amizades, equilibrando relações: uma proposta socioeducativa na escola a partir de atividades circenses” que será desenvolvida pela professora-pesquisadora Tassiana Jans, RG 44.293.517-1, Mestrado Profissional em Educação Física em rede nacional - ProEF, sob a orientação da Profa. Dra. Daniela Bento-Soares docente deste programa. O objetivo da referida pesquisa é investigar uma proposta pedagógica que se baseie em estratégias pedagógicas sociais sobre as atividades circenses e as brincadeiras na Educação Infantil, Discutir as relações sociais das crianças pequenas como formas de aprendizagem; desenvolver estratégias pedagógicas sociais para as atividades circenses, a partir de brincadeiras coletivas; observar e analisar como o conhecimento das atividades circenses será assimilado pelas crianças através de suas reações e envolvimento nas atividades; analisar criticamente a atuação da professora-pesquisadora durante o desenvolvimento das atividades no âmbito da Educação Física escolar. Os benefícios da pesquisa são: ampliar os conhecimentos da Educação Física escolar e das atividades circenses, através das interações sociais, ampliar formas de estimular aprendizagem das crianças.

Caso o(a) Sr(a) aceite que seu/sua filho/a participe desta pesquisa deverá ele/a deverá participar das aulas de Educação Física, entre os meses de agosto e outubro de 2023. Será utilizado um diário de campo pela professora (caderno de registros), que terá por objetivo registrar informações sobre as atividades realizadas, com foco no desenvolvimento das relações sociais e de amizade entre as crianças. Além disso, será utilizado um aulário que será construído com as crianças e seus familiares como forma de registro das atividades em que a criança participou. O Sr(a) não terá nenhum gasto para participar dessa pesquisa.

A participação dos/as alunos/as nas atividades pode gerar riscos, tais como constrangimentos, desconfortos, timidez, sentimento de medo e/ou exposição ao ser observado, timidez e medo de ser julgado em situações de observação da professora-pesquisadora, riscos de quedas, lesões, todos os materiais produzidos só poderão ser utilizados para fins de pesquisa. Para minimizar esses riscos a professora-pesquisadora respeitará as eventuais solicitações do participante de pedir, por exemplo, para que deixe de gravar, registrar ou mesmo observar em alguns momentos que julgar que esteja exposto, nos casos em que o participante solicitar e a professora-pesquisadora se dispõe a esclarecer por que quer observar determinada ação e o que fará com tal informação. A qualquer momento, antes, durante ou após sua participação coloco-me à disposição para esclarecimentos sobre eventuais dúvidas que possam surgir com a pesquisa. A participação é voluntária e sua recusa em participar não lhe provocará nenhum dano ou punição. Você poderá retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. Será garantido o sigilo e a privacidade de sua participação. Os dados coletados são confidenciais e serão utilizados unicamente para fins de pesquisa. Para participar não terá nenhuma despesa, bem como, não terá qualquer tipo de remuneração. Se o(a) Sr(a) se sentir esclarecido sobre a pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convindo(a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com o Sr(a) e a outra com a pesquisadora.

Local/data

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Assinatura do(a) representante legal

Dados sobre a Pesquisa:

Título do Projeto: “APRESENTANDO AMIZADES, EQUILIBRANDO RELAÇÕES: UMA PROPOSTA SOCIOEDUCATIVA NA ESCOLA A PARTIR DE ATIVIDADES CIRCENSES”

Pesquisadora Responsável: Tassiana Jans.

Cargo/função: Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em rede nacional - ProEF

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Endereço: Avenida 24 A, 1515, Bela Vista. Cep: 13506-900 – Rio Claro - SP

Dados para Contato: (19) 3526-4117, e-mail: tassiana.jans@unesp.br

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Bento-Soares

Instituição: Departamento de Educação Física, Instituto de Biociências, Campus Rio Claro, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Cargo/Função: Docente

Endereço: Avenida 24 A, 1515 - Bela Vista - Rio Claro/SP - CEP 13506-900 – Rio Claro – SP, Brasil

Dados para contato: fone: (19) 3526-4117, e-mail: daniela.bento-soares@unesp.br

Dados do responsável ou representante legal do participante da Pesquisa:

Nome do/a responsável: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

Nome da criança: _____

CEP-IB/UNESP-CRC

Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Telefone: (19) 35269678

Número do parecer: (após aprovação)

Apêndice B - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)
(Conselho Nacional de Saúde, Resoluções 466/12 e 510/16)

TERMO DE ASSENTIMENTO

Para Ética em Pesquisas com Seres Humanos

Você está sendo convidado/A para participar da pesquisa “Apresentando amizades, equilibrando relações: uma proposta socioeducativa na escola a partir de atividades circenses” para a universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

SEUS/SUAS RESPONSÁVEIS permitiram que você participe e vamos explicar como você vai participar:

- Queremos saber com essa pesquisa como você pode aprender coisas sobre o circo, brincando com seus/suas amiguinhos/as.



- Você não precisa participar da pesquisa **se você não quiser**, é um **direito** seu, e não terá nenhum problema se você desistir, nem para você e nem para seus/SUAS RESPONSÁVEIS.

- Esta pesquisa será feita na Escola onde estudamos e você irá participar de brincadeiras e atividades circenses que serão realizadas nas aulas de Educação Física.



- Para isso, serão usados tules, bolas, banco sueco, bambolês, balangandãs, colchões. OS materiais QUE UTILIZAREMOS são seguros, mas você pode se machucar, pode também ficar com vergonha, medo até ficar um pouco tímido/AS na hora de falar com os/AS amiguinhos/AS ou com a professora.



- a professora irá observar e fazer anotações durante a aula. você terá também que DESCRIVER o que fizemos na aula no nosso aulário.

- Caso aconteça algo errado, você (e seus/SUAS RESPONSÁVEIS) podem ME procurar pelos telefones (19) 98337-1017 (professora Tassiana) ou 3876-2200 (escola CIC Eduardo Von Zuben). Vamos TE ajudar a se sentir melhor.

- Mas há coisas boas que podem acontecer, como você aprender um pouco mais sobre o circo, brincar e conversar com seus/SUAS amiguinhos/AS.



- Nós garantimos que ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não daremos a estranhos/as as informações que você nos der. Tudo será mantido em segredo e só a pesquisadora Tassiana saberá destas informações e ela as guardará em um local seguro.

- Os resultados desta pesquisa vão ser publicados em revistas e jornais importantes para que outros/AS pesquisadores/AS possam saber o que fizemos.

- se você tiver alguma dúvida, você pode perguntar para a professora Tassiana.

- Se você QUISER PENSAR SE QUER PARTICIPAR DA PESQUISA, você pode levar este documento para casa, conversar com os seus/SUAS RESPONSÁVEIS e trazê-lo na próxima vez que vier a escola

- Seus/SUAS RESPOSNÁVEIS JÁ ASSINARAM um termo parecido com ESSE E FORAM esclarecidos/AS de tudo o que irá acontecer com você. Queremos que você se sinta o mais seguro/A e confortável possível.

Muito obrigada!

Vinhedo, ___/___/2023

Assinatura do Pesquisador(a)

Assinatura da Criança

Apêndice C – Carta de anuência institucional

CARTA DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

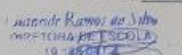
Aceito que **Tassiana Jans**, mestrande regularmente matriculada no Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional em Educação Física – PROEF, núcleo da UNESP, Campus Rio Claro/SP, sob a orientação da professora Doutora Daniela Bento-Soares, desenvolva a pesquisa intitulada: **“APRESENTANDO AMIZADES, EQUILIBRANDO RELAÇÕES: UMA PROPOSTA SOCIOEDUCATIVA NA ESCOLA A PARTIR DE ATIVIDADES CIRCENSES”** tal como foi submetida à Plataforma Brasil, sob coordenação do docente supracitado.

Ciente dos objetivos, métodos e técnicas que serão utilizados nessa pesquisa concordo em fornecer todos os subsídios para seu desenvolvimento, desde que seja assegurado o que se segue:

- 1) O cumprimento das determinações éticas da Resolução CNS nº 466/2012
- 2) A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa.
- 3) Que não haverá nenhuma despesa para esta instituição que seja decorrente da participação nessa pesquisa.
- 4) No caso do não cumprimento dos itens acima a liberdade de retirar a minha anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

O referido projeto ocorrerá nas dependências do CIC Eduardo Von Zuben e somente poderá iniciar a partir da aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição universitária na qual essa pesquisa está alocada – UNESP/IB-RC.

Vinhedo, 24 de fevereiro de 2023


Tassiana Jans
MESTRANDA DE PÓS-GRADUAÇÃO

Diretora Educacional



Coordenadora Pedagógica

Apêndice D – Modelo de Diário de Campo

Diário de Campo	
Dia e hora:	Número de alunos:
Tema da aula:	
Atividade planejada:	
Relato da professora:	
• Aspectos gerais da aula:	
• Interação entre as crianças:	
• Interação das crianças com a professora:	
• Construção de novos conhecimentos:	
• Narrativa:	

Apêndice E – Diário de Campo

Diário de Campo – Aula 01	
Dia e hora: 02/10 as 15:35 as 16:20	Número de alunos: 20
Tema da aula: Apresentação da pesquisa e assinatura do termo de assentimento	
Atividade planejada: Conversa sobre o circo e assinatura dos termos	
Relato da professora:	
Aspectos gerais da aula: aula expositiva com participação ativa dos alunos	
Interação entre as crianças: escuta e fala durante a exposição de ideias	
Interação das crianças com a professora: escuta e fala durante a exposição de ideias	
Construção de novos conhecimentos: não se aplica, momento destinado a coleta de conhecimentos prévios	
Narrativa: Nessa aula li e expliquei o Termo de Assentimento para as crianças, elas ficaram muito animadas e sentiram super importantes, pois elas teriam que assinar um documento, expliquei tudo para elas, perguntei se haviam alguma dúvida e mostrei o local para assinarem. Após a assinatura elas queriam saber sobre o tema da pesquisa, também sobre as aulas, expliquei que nós iríamos estudar e vivenciar algumas atividades circenses e logo começaram a contar sobre o circo que elas foram com a escola no início do ano. Aproveitei a disposição delas para perguntar quais personagens elas gostaram. A maioria lembrava dos personagens dos desenhos animados que faziam parte do espetáculo, Frozen, Cinderela, Homem de Ferro, Homem Aranha foram personagens mais citados. Como esses personagens não são historicamente personagens circenses pedi para eles descreverem o que os personagens faziam, aí pude fazer a ligação com os personagens do circo, o Homem de Ferro era o trapezista, o Mickey fazia coisas engraçadas, ou seja, era o palhaço, poder trazer quais eram os personagens que poderíamos desenvolver nas aulas. Perguntei mais detalhes sobre o que já tinham visto no circo e assim estimular que eles/as citassem outros personagens, muitos falaram dos malabaristas, equilibristas, percebi que eles lembravam desses personagens por seus movimentos mais radicais e isso impressionavam muitos eles/as. Durante a conversa percebi que elas não esperavam a sua vez de falar, não ouviam o que os colegas falavam e as mais tímidas levantavam das suas carteiras para me contar bem baixinho o que ela queria. Isso me mostrou que o formato que eles estavam sentados cada um em sua carteira na sala de aula não foi um formato que favoreceu o diálogo e a escuta de todos.	
Diário de Campo – Aula 02	
Dia e hora: 05/10 13:45 as 14:30	Número de alunos: 23

Tema da aula: Ator circense – palhaço
Atividade planejada: Jogos: Imitação em duplas e Mãe do picadeiro
Relato da professora:
Aspectos gerais da aula: Início da aula com a leitura de 2 páginas do livro “O Circo Chegou”, os jogos foram a parte central da aula onde as crianças tiveram contato com os temas do circo e finalização com roda de conversa
Interação entre as crianças: as crianças tiveram que realizar a atividade em duplas e em grandes grupos para incentivar a troca de experiências entre os/as mesmos/as
Interação das crianças com a professora: a professora participou de todo o processo interagindo com os grupos e intervindo quando fosse necessário.
Construção de novos conhecimentos: apresentação do personagem circense o palhaço e ensino do jogo e da brincadeira de imitar, estímulo a criatividade.
Narrativa: Iniciei a aula em roda com todos sentados no chão (esse formato me ajudou bastante pois as crianças ficaram em silêncio e prestaram muita atenção na hora da fala) Li 2 páginas do livro ‘O circo chegou’ Bortoleto, eles ouviram com atenção e ficaram animados para começar a atividade, expliquei para eles que como eles tinha falado que gostavam mais dos personagens do circo que nós iríamos começar com esse personagem circense, os personagens que participam do circo interagem com o público, fazem as crianças rirem, assim começamos pelo ator circenses/palhaço, as crianças amaram. Ficamos todos de pé e expliquei a primeira brincadeira que seria o jogo de imitar, pedi para eles formarem duplas e uma criança iria fazer um movimento ou uma pose e o outro iria imitar o que o/a outro/a fazia, os movimentos inicialmente foram livres, mas percebi que muitos/as não conseguiam criar um movimento diferente, então enfatizei que o desafio seria fazer o outro rir, nesse momento deixei que eles/as formassem as duplas da melhor forma que eles/as quisessem, algumas crianças tiveram dificuldade em encontrar um/a colega e tivemos casos de crianças não querer formar dupla com ninguém, nesse caso eu formei as duplas das crianças que tiveram dificuldade ou resistência. Eles/as inventavam poses bem difíceis e diferentes para o colega fazer, caretas e mímicas também foram observadas. Nessa parte da aula as intervenções que eu tive que fazer foi a sua maioria para tomarem cuidado, questão de segurança. Algumas crianças me perguntavam o que elas poderiam fazer, ou afirmavam que não sabiam fazer nada, tentei incentivar pedindo a elas para se lembrarem do circo e coisas que o palhaço fazia e tentarem fazer também. Na segunda brincadeira fizemos a “mãe do picadeiro” eles deveriam ficar de um lado na quadra e uma criança (escolhida aleatoriamente) iria ficar no meio, essa criança que fica no meio observava os colegas passando e escolheu qual foi o/a colega que fez o movimento mais engraçado, essa criança que fez o movimentos mais engraçado vai para o meio e ela se torna a mãe do picadeiro, as crianças se divertiram bastante, algumas ficaram com vergonha no começo e apenas passavam andando de um lado ao outro da quadra, mas logo perceberam que todos estavam rindo e começaram a se esforçar mais para fazer coisas engraçadas. Todas queriam ser escolhidas para serem a mãe do picadeiro, algumas crianças recorreram a fazer caretas, imitar animais ou passar andando de um jeito muito diferente para chamar a atenção da criança que estava no centro. Ao final da aula fizemos uma roda para todos poderem falar o que gostaram, perguntei do que eles gostaram e eles responderam “Tudo”, tentei questionar mais para que eles falassem mais detalhes do que eles gostaram, também perguntei sobre como foi imitar o colega, mas as falas ficavam limitadas a “foi muito legal” ou “foi difícil porque eu não conseguia fazer igual”, mas eles estavam muito agitados e o diálogo final acabou ficando comprometido, mas para a próxima aula irei

pedir para eles beberem água primeiro, depois faremos o momento da roda final para ver se o processo de escuta melhora.

Diário de Campo – Aula 03

Dia e hora: 09/10 15:35 as 16:20

Número de alunos: 22

Tema da aula: Ator circense – palhaço

Atividade planejada: Criação de coreografias em quartetos

Relato da professora:

- Aspectos gerais da aula: Leitura do livro “O Circo Chegou”, criação de coreografia em quartetos

- Interação entre as crianças: alto nível de interação.

- Interação das crianças com a professora: a professora participou de todo o processo interagindo com os grupos e intervindo quando fosse necessário.

- Construção de novos conhecimentos: criatividade e exploração do personagem palhaço

Narrativa: Iniciamos a aula com uma roda de conversa e lemos mais 2 páginas do livro, pedi para as crianças formarem grupos com 4 coleguinhas e criassem uma apresentação engraçada para apresentarem para os colegas. Como a interação entre as crianças exigia intimidade entre eles/as deixei que eles/as formassem os grupos por afinidade, algumas crianças não conseguiram entrar em um grupo, outras crianças ficaram bravas, pois queria fazer com o/a amiguinho/a, mas essa criança já estava em outro grupo, apenas 8 crianças formaram grupos sem algum tipo de intervenção. As outras crianças que estavam sem grupo eu fui organizando, mas mesmo assim algumas crianças se negavam a participar do grupo que eu havia escolhido então eu tive que fazer trocas de crianças nos grupos até todos/as ficarem à vontade com o grupo. Dei para cada grupo um pandeiro de instrumento musical, para a criação da coreografia, pois o livro citava “música e sons” deixei que eles conversassem e criassem a apresentação por 10 minutos, os grupos que se organizaram sozinhos no início da aula foram os grupos que realmente criaram com os colegas e conversavam sobre o que seria mais engraçado. Um aspecto importante observado nesses grupos foi quando uma criança mostrava alguma coisa engraçada para fazer todas as outras tentavam aprender o movimento. Já os outros grupos as crianças não criavam com o outro, apenas faziam o que sabiam sem pensar em uma coreografia para o grupo. Foi muito comum observar crianças fazendo movimentos sozinhos/as ou obrigando o/a outro/a fazer o que ele queria. Eles não conseguiam conversar e nem parar e ver o que cada colega poderia fazer. Tive que intervir muitas vezes nesses grupos para estimular o trabalho em equipe e auxiliar na resolução de conflitos gerados pela inabilidade de trabalhar em equipe e respeitar o limite e espaço do/a outro/a. Todos os grupos a todo momento me chamavam para mostrar o que estavam criando.

Ao final da aula sentamos e cada grupo apresentou a sua criação para os demais, eles amaram poder apresentar para os colegas, mas muitas crianças estavam tão ansiosas para apresentar que não conseguiam prestar atenção na apresentação dos outros grupos e não ficavam sentadas para prestigiar o trabalho dos/as colegas, tive que pedir muitas vezes para eles/s sentarem para ver o/a coleguinha.

Conversamos ao final da aula e a maioria afirmou que poder apresentar para os colegas foi a parte mais legal, durante toda a aula eles estavam muito dispersos e não estavam tão concentrados nas atividades, então perguntei para eles se eles queriam mudar de personagem e a decisão foi unânime, sim todos quiseram mudar.

Diário de Campo – Aula 04	
Dia e hora: 19/10 13:45 as 14:30	Número de alunos: 21
Tema da aula: Acrobata	
Atividade planejada: Jogos acrobáticos, pega-pega equilibrista, sincronismo e pirâmide.	
Relato da professora:	
Aspectos gerais da aula: aula planejada toda para o brincar com o outro, utilizando o respeito e o confiar no outro.	
Interação entre as crianças: alto nível de interação.	
Interação das crianças com a professora: a professora participou de todo o processo interagindo com os grupos e intervindo quando fosse necessário.	
Construção de novos conhecimentos: apresentação do personagem acrobata, criação de pirâmides humana.	
Narrativa: Iniciamos a aula com o seminário mostrei fotos e vídeos das 2 aulas anteriores e também visitamos os aulários. Relembramos o que fizemos e perguntei se alguém queria contar alguma coisa sobre o personagem palhaço, as falas foram relacionadas as coisas engraçadas que os/as colegas haviam feito e também a movimentos difíceis que eles realizaram. Após o seminário fiz a leitura de mais 2 páginas do livro, nessas duas páginas o livro fala a respeito dos trapezistas, como não é possível realizar essas atividades na nossa escola peguei a principal descrição do que os personagens faziam “segurar o outro” e montei atividades que as crianças teriam que confiar e segurar o colega, pedi para eles formarem duplas e fizemos a brincadeira do sincronismo, eles tiveram um pouco de dificuldade no começo para levantar com a ajuda do outro e também dificuldade de entender que eles deveriam trabalhar em equipe, senão eles não conseguiriam levantar, depois que eles conseguiram pedi para eles trocarem de duplas, eles demoraram um pouco para se reorganizarem, não encontravam uma nova dupla e alguns não queriam fazer dupla com quem estava sozinho, porém já havia diminuído a quantidade de crianças que ficavam sem duplas, nessa aula na primeira formação de duplas apenas 6 crianças não encontram uma dupla. Já na segunda formação apenas 12 tiveram dificuldade. Apresentaram também dificuldade em conseguir levantar com novos colegas, ao final da segunda rodada pedi para eles me contarem como foi e também para eles me explicarem o que precisava para eles conseguirem realizar a atividade, prontamente disseram “força, equilíbrio,” tive que dar um incentivo para eles perceberem que o mais importante era o trabalho em equipe para conseguirem êxito na atividade. Na segunda atividade pedi para eles fazerem trios e montarem uma pose os 3 juntos, tiveram muita dificuldade em incluir todos, alguns faziam com a dupla e o terceiro ficava de lado, outros faziam cada um uma pose sem estarem juntos, até que mostrei para eles a pirâmide com 2 na base e uma o topo, eles amaram. Nesse momento apenas 4 crianças não conseguiram entrar em um grupo,	

mas tive que intervir muitas vezes, eles não tomavam cuidado com o colega e corriam o risco de se machucarem, porém eles estavam tão animados com o desafio que deixei eles tentarem algumas vezes.

Tentei fazer o pega-pega equilibrista, mas não deu certo, eles estavam muito agitados e só queriam brincar do pega-pega normal.

Ao final da aula conversamos sobre a atividade e eles amaram a pirâmide e queriam fazer outras poses parecidas com ela.

Diário de Campo – Aula 05	
Dia e hora: 26/10 13:45 as 14:30	Número de alunos: 22
Tema da aula: Acrobata e Equilibrista	
Atividade planejada: Jogos acrobáticos: transporte de tábuas / Jogos funambulescos: o goleiro funâmbulo	
Relato da professora:	
Aspectos gerais da aula: aula elaborada para desafiar o trabalho em equipe e a confiança no outro.	
Interação entre as crianças: alto nível de interação com atividades em grupos maiores.	
Interação das crianças com a professora: a professora participou de todo o processo interagindo com os grupos e intervindo quando fosse necessário.	
Construção de novos conhecimentos: apresentação do personagem equilibrista e novos jogos acrobáticos.	
Narrativa: Iniciei a aula com uma roda de conversa relembrando os acrobatas que o livro “O Circo Chegou” havia citado e expliquei que iríamos fazer mais algumas brincadeiras acrobáticas, assim começamos a aula formando trios e pedi que eles levassem o colega até o outro lado da quadra, duas crianças iriam levar a terceira e quem fosse levado não poderia encostar o pé no chão. Eles tiveram muita dificuldade em trabalhar em trios, apesar de encontrarem facilmente um trio para iniciar a brincadeira, o mais comum foi uma criança levar a outra de cavalinho e a terceira acompanhar a dupla. Estimulei com diálogos inicialmente, mas acabei mostrando para eles como fazer a brincadeira com todos participando ao mesmo tempo e em equipe, eles amaram, mas tiveram um pouco de dificuldade em conseguir encontrar a melhor posição, mas não desistiram e começaram a interagir melhor com o outro para solucionar o desafio. Surgiram alguns conflitos com a falta de cuidado e atenção, algumas crianças foram “derrubadas”, outras não tomavam cuidado e apertavam o/a colega. Com a dificuldade na atividade anterior pedi para eles formarem grupo de 5 crianças para transportar um dos/as colegas. Ensinei eles fazerem a cadeirinha para transportar o/a colega. Mas observei de novo a dificuldade em formar grupos e de respeitar e tomar cuidado com o/a coleguinha durante a atividade. Após esse jogo fizemos o jogo do goleiro funâmbulo adaptado, eles estavam muito agitados e essa atividade exige mais concentração. Em duplas uma criança iria passar pelo banco sueco e a outra que estava no chão iria jogar a bola para a que estava no banco pegar. Eles conseguiram se acalmar e passaram a se concentrar no desafio de andar no banco sueco e pegar a bola ao mesmo tempo.	

Durante a roda de conversa ao final da aula eles pediram para fazer de novo a brincadeira da pirâmide e também a de carregar o colega até o outro lado da quadra, porém eu optei por evitar essas brincadeiras, pois elas estavam ficando mais perigosas, quanto mais confiança eles/as ganhavam em realizar o desafio menos cuidado tomavam ao realizar a brincadeira sem correr o risco de machucar o/a colega. Aproveitei o momento para mostrar algumas fotos e visitarmos o aulário e fazer o fechamento desse ciclo, apesar do não esgotamento preferi intervir pela integridade física das crianças.

Diário de Campo – Aula 06	
Dia e hora: 30/10 15:35 as 16:20	Número de alunos: 22
Tema da aula: Malabarista	
Atividade planejada: Jogos Malabarístico: relógio.	
Relato da professora:	
Aspectos gerais da aula: aula em quartetos com alto grau de dificuldade na realização da atividade.	
Interação entre as crianças: alto grau de interação.	
Interação das crianças com a professora: a professora participou de todo o processo interagindo com os grupos e intervindo quando fosse necessário.	
Construção de novos conhecimentos: apresentação do malabarista circenses, organização temporal e espacial do grupo na atividade.	
Narrativa: Iniciamos a aula com a leitura de mais duas páginas do livro “O Circo Chegou” e nessa parte do livro há a apresentação dos malabaristas dando a dica de qual seria do tema da nossa aula. Eles lembraram o que o malabarista faz e fomos para a quadra. Optei por uma atividade em grupo ainda visando a interação entre as crianças pedi para eles formarem quartetos e no chão da quadra foi organizado bambolês e que cada criança deveria entrar dentro de um bambolê. Cada criança tinha uma bola na mão, eles/as deveriam trocar de lugar com a criança da direita, antes deveriam jogar a bola para o alto, quando trocarem de lugar pegar a bola que a criança que estava no bambolê jogou antes que a bola caísse no chão. Não tiveram dificuldade em formar os grupos, mas os grupos formados mais rapidamente foram os grupos que mais conseguiram conversar durante a brincadeira para resolver os problemas que surgiram na hora de fazer a atividade. Inicialmente tiveram muita dificuldade tanto em trocar de lugar quanto de pegar a bola. Porém um grupo de crianças conseguiram se organizar rapidamente e fazer a atividade, usei eles como exemplo pedindo para todos/as verem como eles/as podiam fazer, assim todos os grupos começaram a se esforçar mais, vendo que era possível fazer o que foi solicitado. Um dos grupos que tiveram dificuldade perguntou se podiam jogar apenas uma bola, assim ficaria mais fácil para eles/as conseguirem trocar de lugar sem ter que pegar a bola. Eu deixei então apenas a criança que estava com a bola precisaria jogar e a do lado seria a única que iria pegar a bola sem deixar cair. As crianças passaram a conversar com o colega que tinha mais dificuldade e ajudar uns/umas aos/as outros/as. Quando todos os grupos estavam conseguindo fazer pedi para eles trocarem de grupos, eles tiveram um pouco de dificuldade	

em encontrar outros grupos, mas mesmo assim conseguiram e rapidamente se reorganizaram realizando a atividade.

Fizemos uma roda de conversa final e eles/as estavam muito animados e contaram como foi difícil, as dificuldades mais citadas foram a de trocar de lugar e conseguir pegar a bola antes dela cair no chão, mas que estavam muito felizes em terem conseguido. Algumas crianças comentaram sobre os/as colegas que não colaboravam e que ficavam brincando e não prestava atenção. Perguntei como poderíamos resolver isso, eles/as responderam que eu tinha que brigar com o/a colega que estava fazendo bagunça, eu perguntei se não seria melhor nós conversarmos com o/a colega e tentar ajudar ele/a, eles até aceitaram, mas tornaram a falar “tá bom prô, mas se ele/a não melhorar você briga com ele/a”.

Diário de Campo – Aula 07	
Dia e hora: 09/11 13:45 as 14:30	Número de alunos: 22
Tema da aula: Malabarista	
Atividade planejada: experimentação do tule e grande relógio.	
Relato da professora:	
Aspectos gerais da aula: essa aula foi planejada para experimentar possibilidades de movimento com o tule e também uma vivência onde a sala toda deveria interagir para realizar o desafio do grande círculo	
Interação entre as crianças: a primeira parte foi individual e a parte final foi de interação da sala toda.	
Interação das crianças com a professora: a professora participou de todo o processo interagindo com os grupos e intervindo quando fosse necessário.	
Construção de novos conhecimentos: movimentos de malabares com o tule	
Narrativa: Terminamos a leitura do livro “O Circo Chegou” e depois começamos a atividade prática. Inicialmente entreguei 1 tule para cada criança e pedi para eles jogarem para o alto e pegar o tule, depois pedi para eles inventarem movimentos diferentes usando o tule. No início eles não sabiam o que inventar, algumas crianças reclamaram e falavam que não sabiam fazer nada, eu pedi para eles/as olharem o que os/as colegas estavam fazendo e imitar, assim eles/as começaram a se soltar inventaram movimentos de jogar e girar, a única regra que eu coloquei foi de não poder deixar o tule cair no chão. Preferi começar por essa interação da criança com o material para que eles pudessem criar afinidade com o material e entender como o tule iria ser jogado, tempo de queda do tule. Para explicar como segurava o tule os ensinei a fazerem o fantasma com o tule, eles/as deveriam segurar o tule no meio, usando apenas os dedos, assim o tule iria ficar parecendo um fantasma. Após essa experimentação pedi para que eles formassem um círculo grande e expliquei como iria funcionar o desafio, eles iriam trocar de lugar com o colega, todos deveriam trocar de lugar indo para o lugar do/a colega da direita, mas antes eles/as iriam jogar o tule pra cima e tentar pegar o tule do/a colega do lado. Eles/as tiveram muita dificuldade de entender, então eu entrei no círculo para	

ajudar eles/as, depois que alguns entenderam eles/as começaram a ajudar o colega do lado que estava com dificuldade. As falas mais observadas entre eles/as foram “não você está indo pro lado errado” “vai pro outro lado”. Foi necessário o comando de voz para eles/as trocarem de lugar todos ao mesmo tempo. Uns/umas trocavam de lugar para o lado errado, outros/as esqueciam de jogar o tule e outros/as deixavam o tule cair no chão. Outra comunicação que observei foi o olhar das crianças, elas olhavam umas para as outras para saberem o momento certo de trocar de lugar.

Depois de várias tentativas, tivemos que parar a brincadeira, pois havia terminado a aula.

Fizemos uma roda de conversa e eles/as disseram que amaram a brincadeira e queriam tentar de novo, comentaram sobre os/as colegas que tiveram mais dificuldade e falaram também que esqueciam para qual lado eles/as deveriam ir.

Diário de Campo – Aula 08	
Dia e hora: 13/11 15:35 as 16:20	Número de alunos: 23
Tema da aula: Malabarista	
Atividade planejada: atividades de malabares com tule	
Relato da professora:	
Aspectos gerais da aula: exercícios com movimentos de malabares com tule, foi uma atividade mais individual.	
Interação entre as crianças: pouca interação	
Interação das crianças com a professora: a professora participou de todo o processo interagindo com os grupos e intervindo quando fosse necessário.	
Construção de novos conhecimentos: movimentos de pegar e jogar visando o movimento dos malabares	
Narrativa: Iniciamos a aula com uma roda de conversa e expliquei que hoje eles/as iriam aprender o movimento do malabarista, como o malabarista jogava os objetos para o alto sem deixar cair no chão. Nessa aula focamos em aprender o movimento de jogar e pegar utilizando o jogar em diagonal e pegar com a outra mão, começamos com 1 tule. Eles tinham que jogar com 1 mão e pegar com a outra e expliquei que eles/as deveriam jogar o tule uma vez com uma mão e a outro com a outra mão, mostrei o movimento para eles/as para facilitar o entendimento. Deixei eles/as livres pela quadra, mas sempre observando quem estava fazendo e quem não estava. As orientações e auxílios foram feitos de forma individual e as crianças o tempo todo me chamavam para mostrar se estava certo e me mostrar o que eles/as estavam conseguindo fazer. Quando eles/as estavam à vontade com o movimento entreguei mais 1 tule e mostrei o movimento com dois tules com a intenção de eles aprenderem o movimento dos malabares. Eles entenderam e ficaram bem concentrados em realizar o movimento, tive que fazer correções individuais. Um aluno teve bastante dificuldade e ficou bem irritado, outros/as 2 tiveram que ter uma atenção mais constante, o tempo todo desistiam e começavam a correr pela quadra. Ao final da atividade mostrei para eles o movimento com 3 tules e que na próxima aula eles iriam tentar. Eles ficaram super animados. Fizemos uma roda de conversa para eles/as me contarem	

como foi a atividade eles/as disseram quem foi bem difícil com 2 tules, perguntei se gostaram e se queriam tentar de novo, todos/as disseram que sim e que queriam tentar com 3 tules.

Diário de Campo – Aula 09	
Dia e hora: 16/11 13:45 as 14:30	Número de alunos: 21
Tema da aula: Malabares	
Atividade planejada: Grande círculo com tule, brincadeiras em duplas	
Relato da professora:	
Aspectos gerais da aula: volta a intenção de interação entre os alunos. Atividades que focam no deslocamento espacial e temporal com a participação do outro.	
Interação entre as crianças: alto grau de interação	
Interação das crianças com a professora: a professora participou de todo o processo interagindo com os grupos e intervindo quando fosse necessário.	
Construção de novos conhecimentos: malabares com movimentos mais complexos.	
Narrativa: Iniciamos a aula com a roda de conversa e relembramos o que fizemos na aula anterior e iniciamos a tentativa de malabares com 3 tules, apenas 1 aluno conseguiu, mas todos tentaram. Pedi para eles formarem duplas e eles deveriam ficar de frente com o colega e ficar longe dele, jogar o tule para o alto e tentar pegar o tule do colega que está na frente, trocando de lugar com o/a colega, depois de algumas tentativas pedi para eles/as aumentarem a distância do/a colega, pedi também para inventarem formas diferentes de jogar o tule. Surgiram movimentos de giros, correr de costas, trocar de lugar batendo as mãos no meio do caminho, estrelinhas também foram observadas. Eles adoraram o desafio. Pedi para eles trocarem de duplas algumas vezes, para estimular a brincarem com colegas diferentes, nessa aula apenas 2 crianças tiveram dificuldade em encontrar outra dupla, a maioria já trocava de lugar com quem estava próximo e também já começaram a procurar colegas que eles não tinham feito ainda, uma aluna veio pedir minha ajuda para encontrar alguém que ela não tivesse feito ainda, ao pedir para trocar de dupla em nenhum momento orientei as crianças a procurar colegas diferentes, só dei o comando verbal “ agora troca de amiguinho/a”. Ao final montamos uma apresentação, cada dupla mostrou para os/as colegas o que fizeram. Não conseguimos fazer a conversa ao final da aula por falta de tempo.	

Diário de Campo – Aula 10	
Dia e hora: 23/11 13:45 as 14:30	Número de alunos: 20
Tema da aula: Mágico e Organização da apresentação para a comunidade.	
Atividade planejada: pega-pega mágico e roda de conversa	

Relato da professora:
Aspectos gerais da aula: uma aula com mais momento de escuta para organizar o que estaria presente na nossa apresentação.
Interação entre as crianças: alto grau de interação e diálogos
Interação das crianças com a professora: nessa atividade a professora foi mais uma organizadora de ideias.
Construção de novos conhecimentos: apresentação do personagem circense o mágico.
Narrativa: Fizemos uma roda de conversa para conversar sobre o mágico e o que ele faz, após a conversa começamos o pega-pega mágico, cada criança que fosse o/a pegador/a se tornava o/a mágico/a e quem ele/a pegasse viraria um animal que ele escolhesse, eles adoraram e escolhiam animais bem diferentes para o/a outro/a iria virar. Após isso voltamos para a sala e começamos a anotar o que eles/as queriam apresentar para as famílias, aproveitei o momento para fazer o fechamento desse microciclo mostrando fotos, vídeos e revendo o aulário sobre o malabarista. O personagem palhaço e malabarista foram os primeiros a serem citados. Escolhemos fazer a brincadeira mãe do picadeiro, o grande círculo, a brincadeira em duplas e a apresentação individual com tules. Um aluno lembrou de uma atividade de ginástica que eu tinha passado com salto, rolamentos e equilíbrio e disse que essa poderia ser a acrobacia. Depois de escolherem o que iriam apresentar eles começaram a falar de fantasia e maquiagens. Com a ajuda da professora da sala decidimos deixar livre e cada um/a poderia usar a roupa que quisesse no dia da apresentação. Muito diferente da primeira aula que tivemos em sala agora todos/as levantavam a mão para falar e esperavam a sua vez, conseguiam se expressar falando alto para os/as colegas ouvirem.

Diário de Campo – Aula 11	
Dia e hora: 27/11 15:35 as 16:20	Número de alunos: 22
Tema da aula: Apresentação Final	
Atividade planejada: ensaio da apresentação	
Relato da professora:	
Aspectos gerais da aula: as crianças estavam ansiosas com a apresentação e ensaiar tudo o que foi escolhido na aula anterior seria bem proveitoso para eles.	
Interação entre as crianças: alto grau de interação	
Interação das crianças com a professora: a professora participou de todo o processo interagindo com os grupos e intervindo quando fosse necessário.	
Construção de novos conhecimentos: construção e organização de espetáculo	

- Narrativa: Iniciamos a aula com uma roda de conversa para explicar o que iríamos rever na aula de hoje para “ensaiar” a apresentação, eles estavam muito ansiosos então perguntei qual das atividades eles tinham mais dificuldade, muitos estavam com medo de deixar o tule cair no chão, assim começamos pelas atividades dos malabares, eles refizeram a grande roda, se organizaram e começaram a fazer a atividade, inicialmente tiveram dificuldade de se organizarem então para ajudar eles inseri o comando verbal para o momento que todos deveriam trocar de lugar com o colega da direita, depois pedi para uma criança fazer isso, assim eles conseguiram fazer todos coordenados e se ajudando. Depois deixei eles ensaiarem a apresentação com tule, cada criança pegou 2 tules e ficaram fazendo o movimento do malabares, a criança que estava conseguindo fazer com 3 tules pediu o terceiro e ficou treinando, deixei que eles ficassem na atividade por alguns minutos e pedi para eles formarem as duplas e fizessem a brincadeira de trocar de lugar jogando o tule para o alto, eles rapidamente formaram as duplas e fizeram a atividade, apenas 4 crianças tiveram dificuldade em formar as duplas, eu intervi e formei as duplas para essas 4 crianças, eles fizeram algumas vezes a brincadeira. Ao final conversamos sobre o que eles fizeram e já estavam mais confiantes para a apresentação.

Diário de Campo – Aula 12	
Dia e hora: 30/11 13:45 as 14:30	Número de alunos: 19
Tema da aula: Apresentação Final	
Atividade planejada: ensaio da apresentação	
Relato da professora:	
• Aspectos gerais da aula: crianças muito motivadas e ansiosas para a apresentação	
• Interação entre as crianças: alto grau de interação	
• Interação das crianças com a professora: a professora participou de todo o processo interagindo com os grupos e intervindo quando fosse necessário.	
• Construção de novos conhecimentos: construção e organização do espetáculo	
• Narrativa: Iniciamos com a roda de conversa e lembramos que agora só faltava ensaiar as acrobacias, com a falta de material escolhemos tudo que tínhamos de ginástica na quadra e montamos um circuito, as crianças fizeram cambalhotas, cambalhota passando por obstáculo, estrelinha, equilíbrio no banco sueco, durante a atividade decidimos que no final do circuito cada um/a iria fazer o movimento que cada um/a se sentia mais à vontade, algumas crianças escolheram o rodante, outras espacate, algumas cambalhotas, assim cada criança poderia dar seu toque pessoal ao circuito de acrobacias, como demoramos um pouco para montar o percurso não tivemos tempo de ensaiar mais nada. As crianças estavam satisfeitas e ansiosas para a apresentação.	

Diário de Campo – Aula 13	
Dia e hora: 01/12 - 17:10 as 17:40	Número de alunos: 20

Tema da aula: Espetáculo “Arte e Travessura”
Atividade planejada: Apresentação aberta para a comunidade
Relato da professora:
Aspectos gerais da aula: Finalização do projeto com a participação da comunidade
Interação entre as crianças: alto grau de interação
Interação das crianças com a professora: professora serviu com apoio e organizadora do espetáculo.
Construção de novos conhecimentos: participação ativa em um espetáculo com público.
Narrativa: As crianças estavam bem ansiosas, deixei a quadra organizada com todos os materiais que iríamos usar, deixei o som ligado com músicas instrumentais típicas do circo, elas entraram na quadra e correram até a minha direção dizendo que estavam muito nervosas e com medo de apresentar, tentei acalmar elas dizendo que elas sabiam e que eu estaria com elas para ajudar. As famílias estavam sentadas na arquibancada, comecei agradecendo a todos pela presença, expliquei rapidamente sobre o projeto e que elas iriam agora apresentar todo o trabalho que elas desenvolveram sobre o circo no último bimestre. Convidei as crianças para brincarmos de mãe do picadeiro, elas se divertiram um pouco e eu montei o circuito de acrobacias, salto com obstáculo e rolamento, equilíbrio no banco sueco e finalização com o movimento que elas escolheram. Elas fizeram o circuito fiquei auxiliando na parte mais difícil, porém elas ficaram super tranquilas. A maioria não queria nem que eu ajudasse para poder mostrar para a família o que elas sabiam fazer. Finalizamos o espetáculo com os malabares primeiro fizemos a grande roda, depois atividade em duplas e o grande final com cada criança fazendo a sua apresentação individual de malabares. As crianças não tiveram dificuldade em organizar a roda e nem as duplas, rapidamente se juntaram ao colega que estava ao lado, se espalharam pela quadra e começaram a fazer a atividade em dupla. Depois pedi para cada um/a pegar 2 tules e apresentarem para as famílias seus movimentos com o tule, eles/as rapidamente foram para a frente da arquibancada e começaram a realizar o movimento com os 2 tules. Pedi que as crianças agradecessem ao público cumprimentando com acenos. Chamei as crianças para uma última conversa e todos queriam falar ao mesmo tempo como estavam nervosos, muitos comentários “você viu prô eu fiz sozinho/a”, “minha mãe/ meu pai veio”, “prô eu tava tão nervoso/a, mas eu consegui, fiz tudo sozinho/a” surgiram nas falas. Nesse dia de apresentação as crianças conseguiram se organizar sozinhas, em todos os momentos, as que estavam inseguras perguntavam baixinho pra mim o que era para fazer e não se distraíram em nenhum momento. Os vídeos feitos foram compartilhados no Instagram da escola e também no grupo de WhatsApp da sala para compartilhar com as pessoas que não puderam comparecer no dia.

Apêndice F – Aulário



MEU NOME / MI NOMBRE: _____

MATÉRIA / MATERIA: _____

PROF(A): _____

SÉRIE / SERIE: _____

ESCOLA / ESCUELA: _____

REDES SOCIAIS
REDES SOCIALES

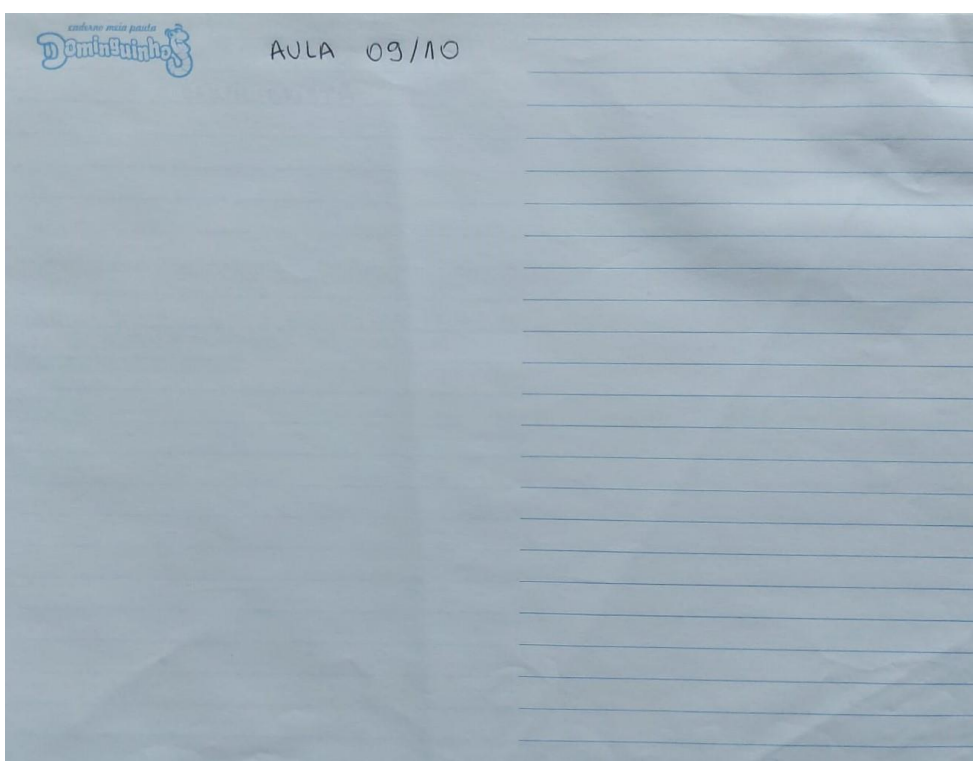
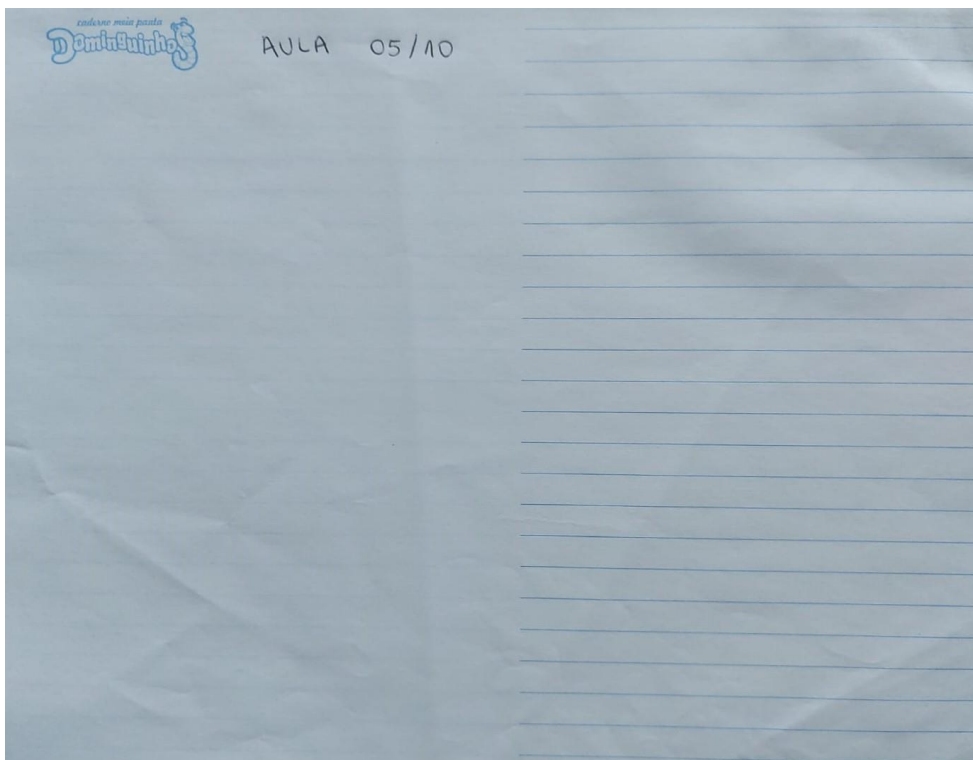
WhatsApp
Facebook
Instagram
Twitter

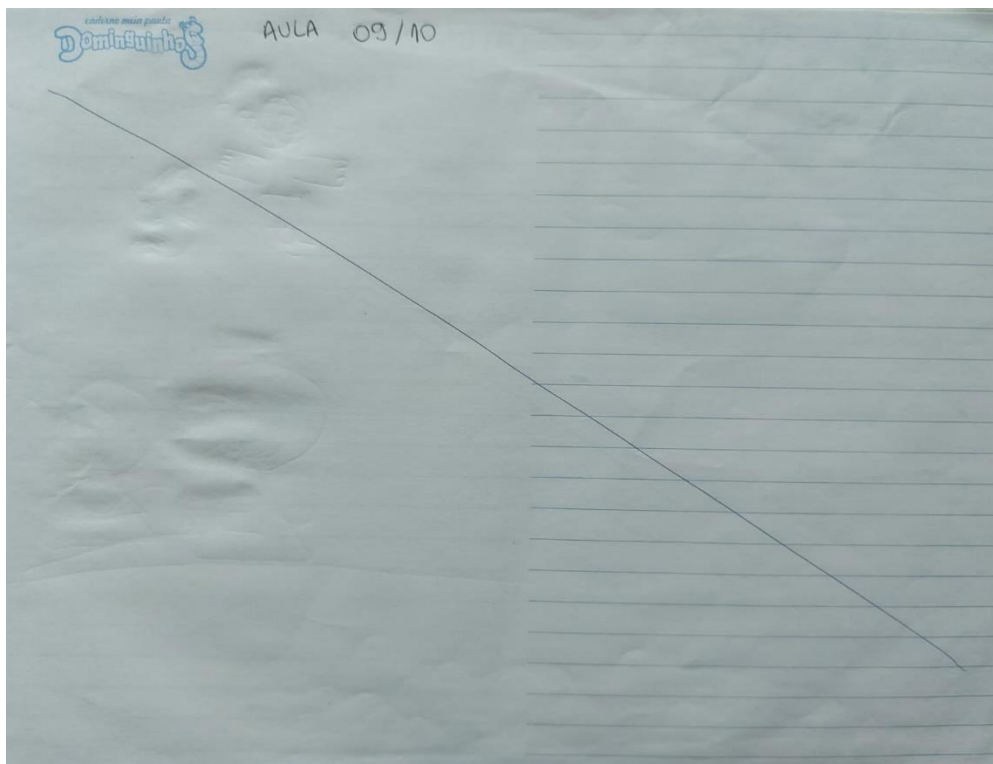
EXÂMENES

RECORDAR

Olá famílias!
Esse será o aulário das aulas de Educação Física.
Toda aula um aluno/a irá levar esse caderno para casa e irá registrar o que fizemos na aula.
Cada aluno/a deverá registrar apenas a atividade que fez no dia.
A família poderá ajudar a criança. Cada um irá registrar podendo utilizar desenhos, escritas ou desenho e escrita, a criança que irá escolher a forma que ela mais gosta.
Divirtam-se e caprichem nos registros!







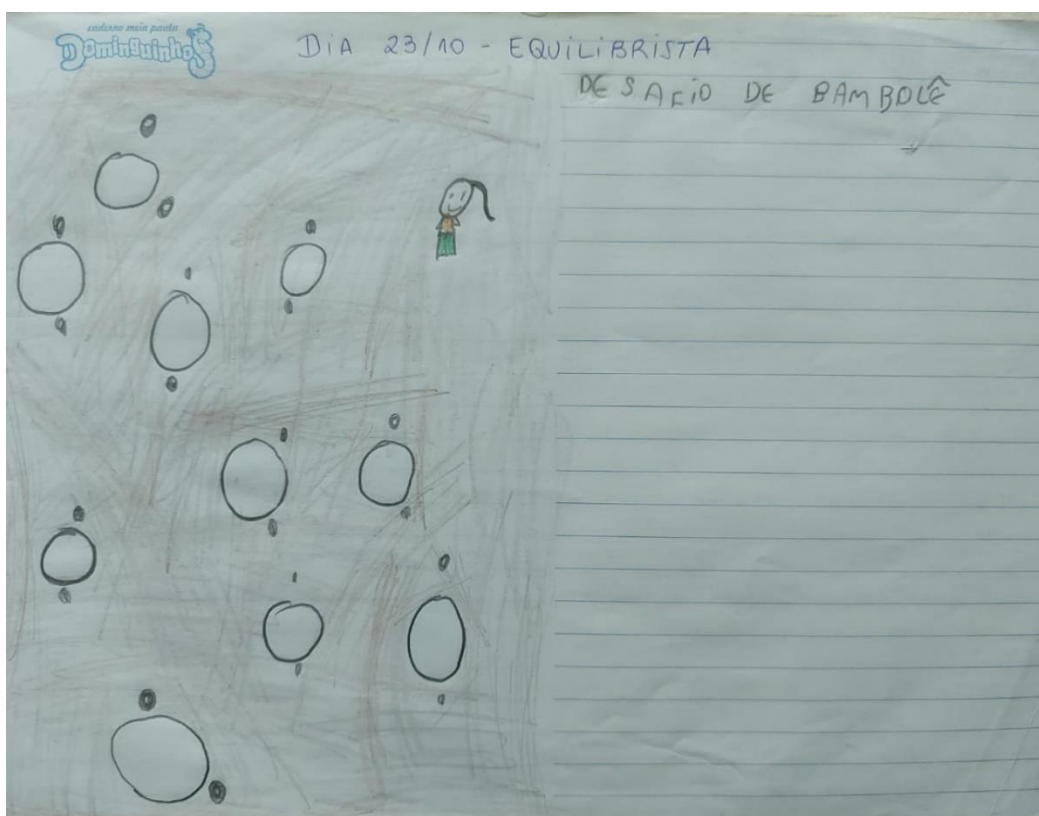
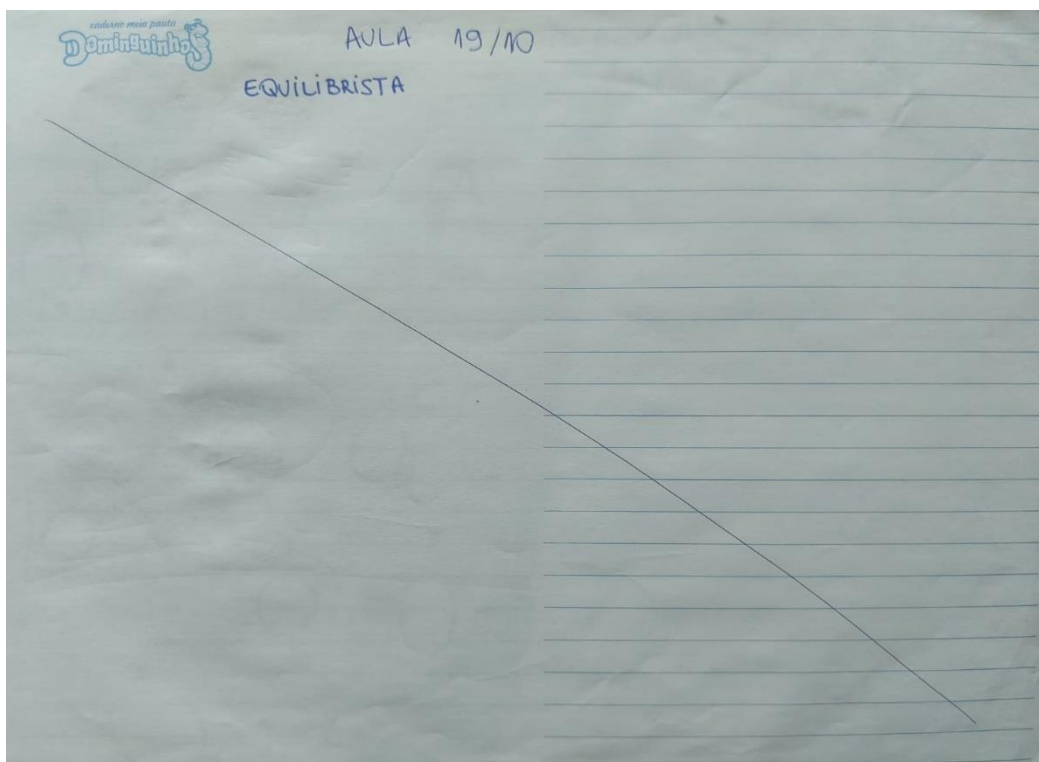
ensinar mais rápido
Domitinho

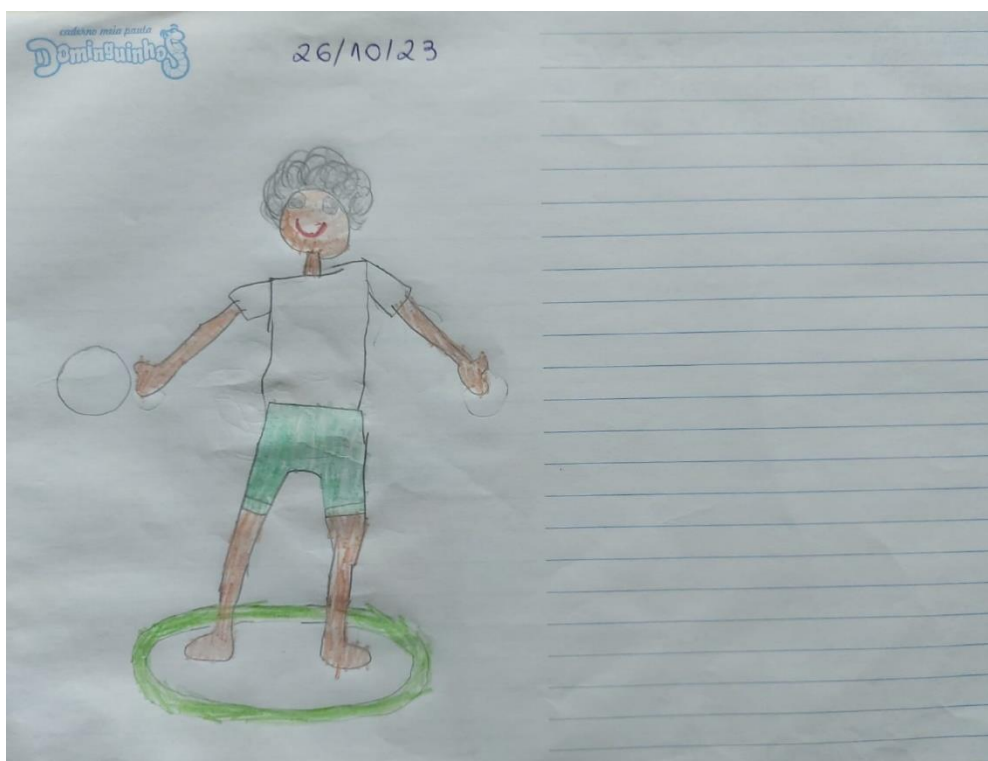
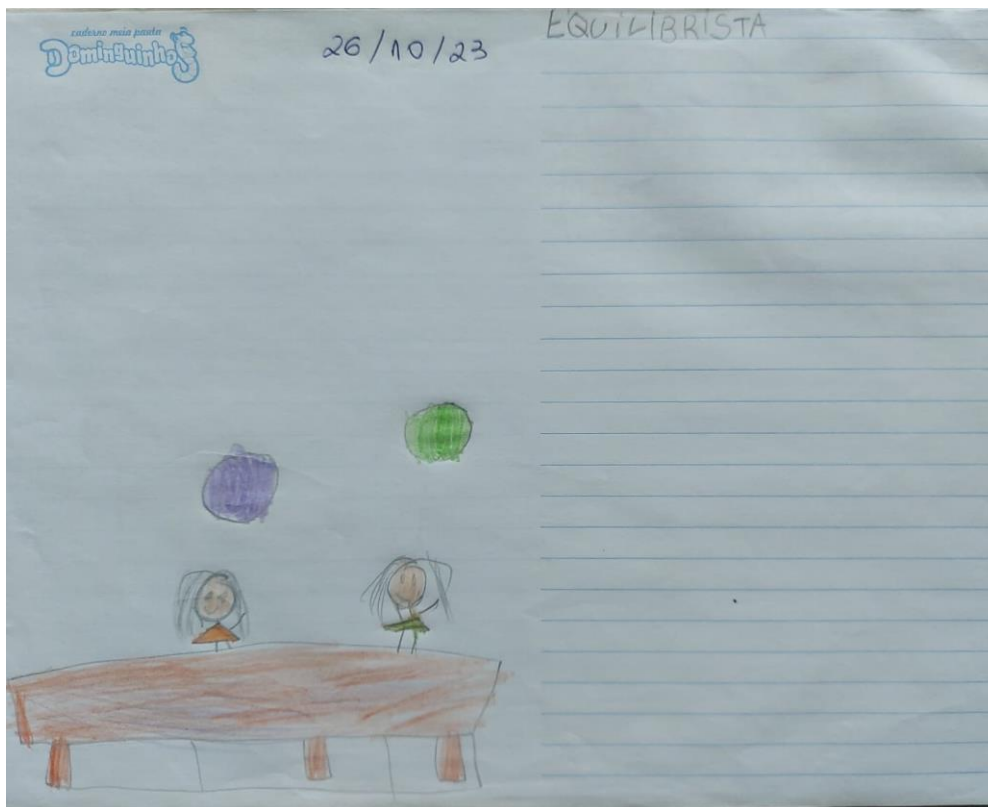
AULA Dia 19/10 CAVALINHO
EQUILIBRISTA

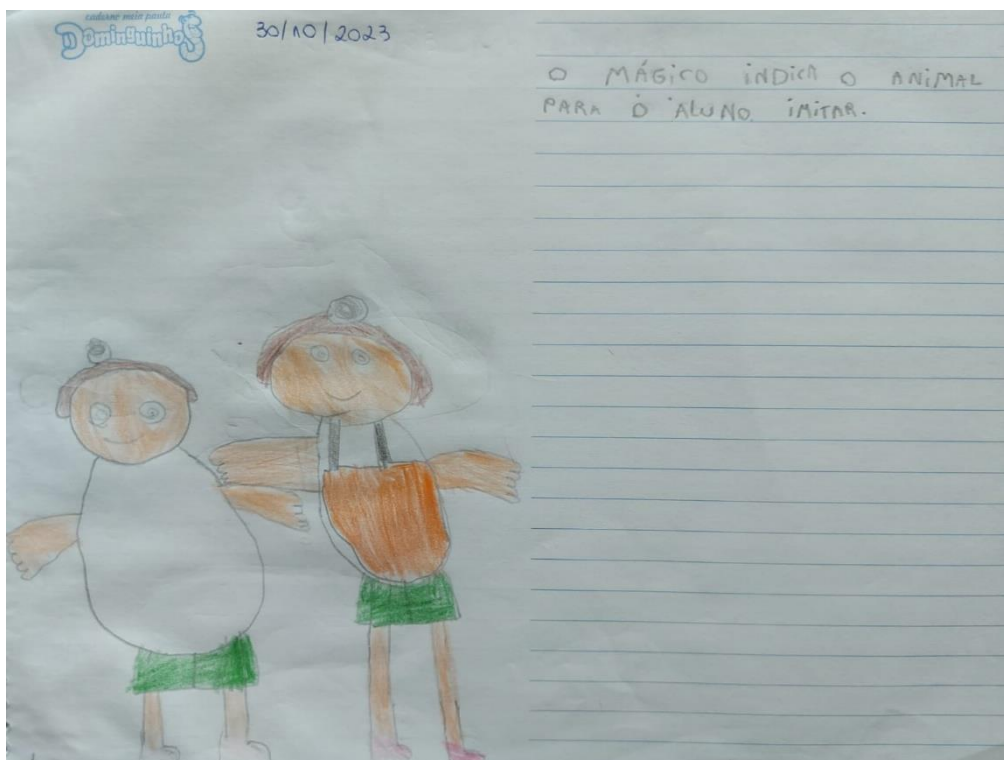
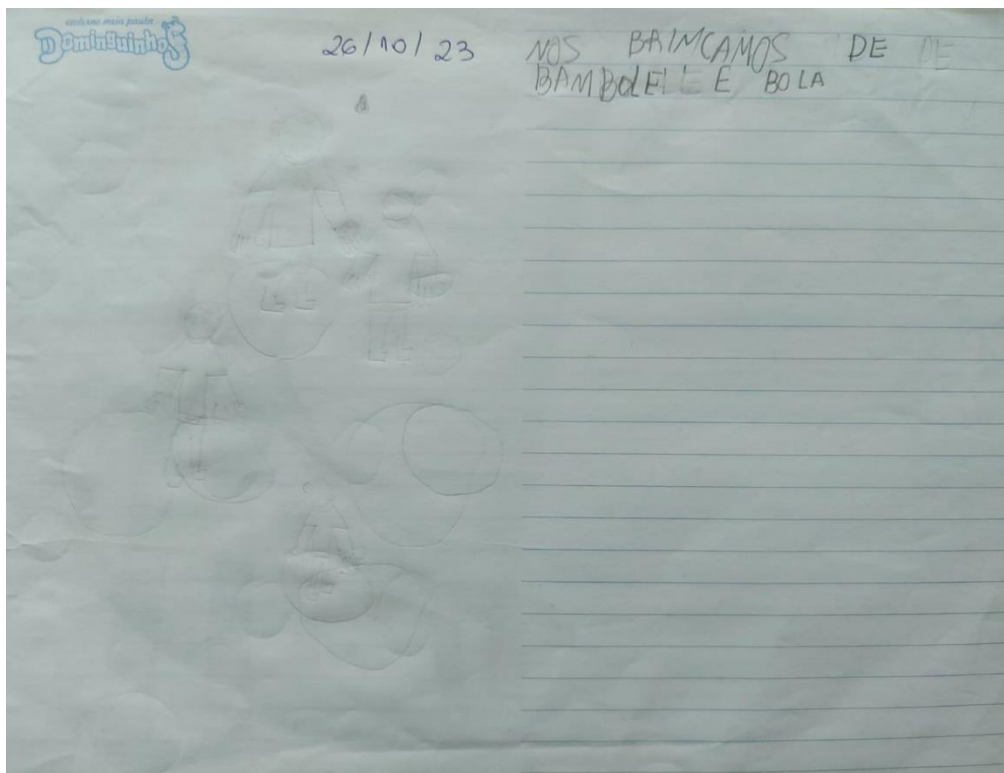


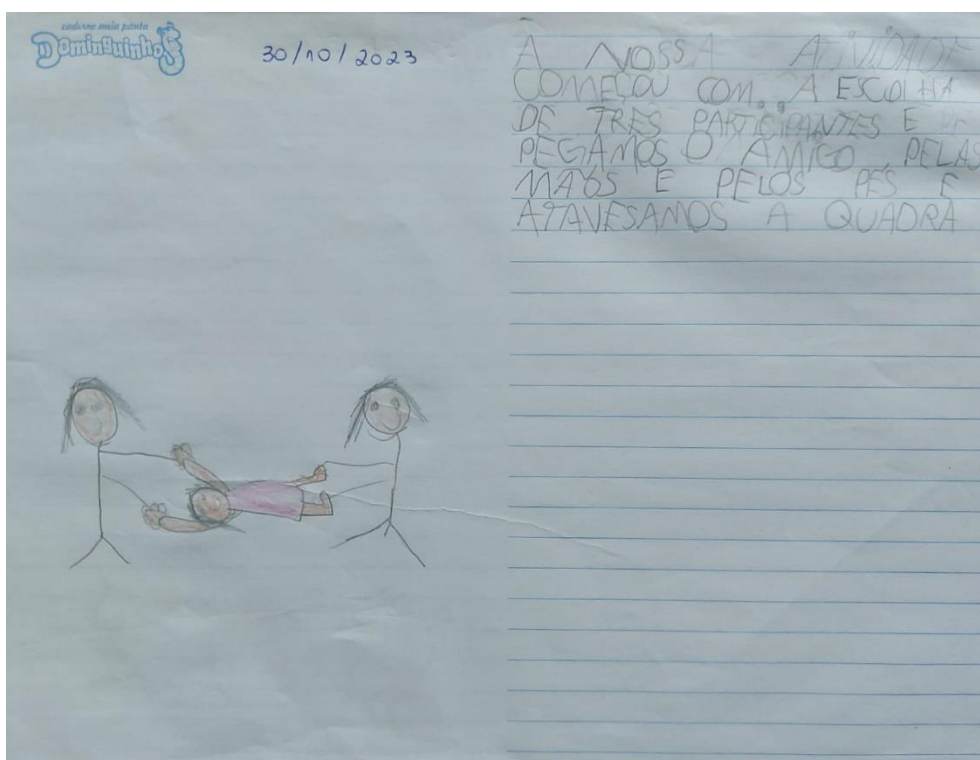
ensinar mais rápido
Domitinho

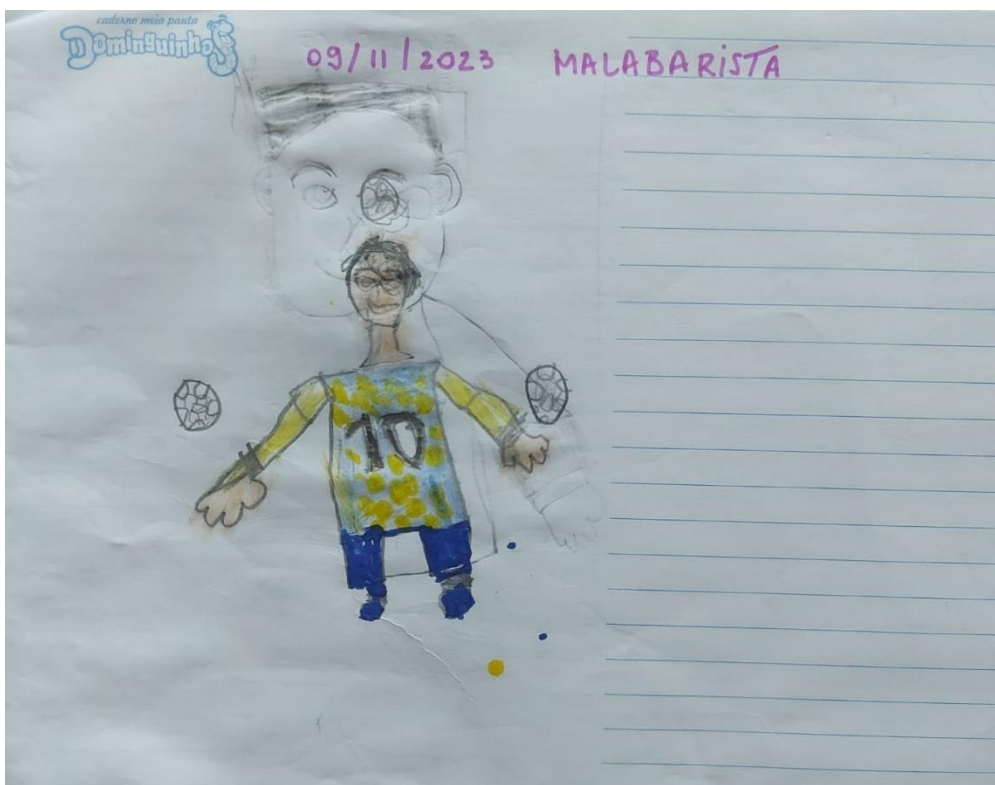
AULA 19/10
EQUILIBRISTA

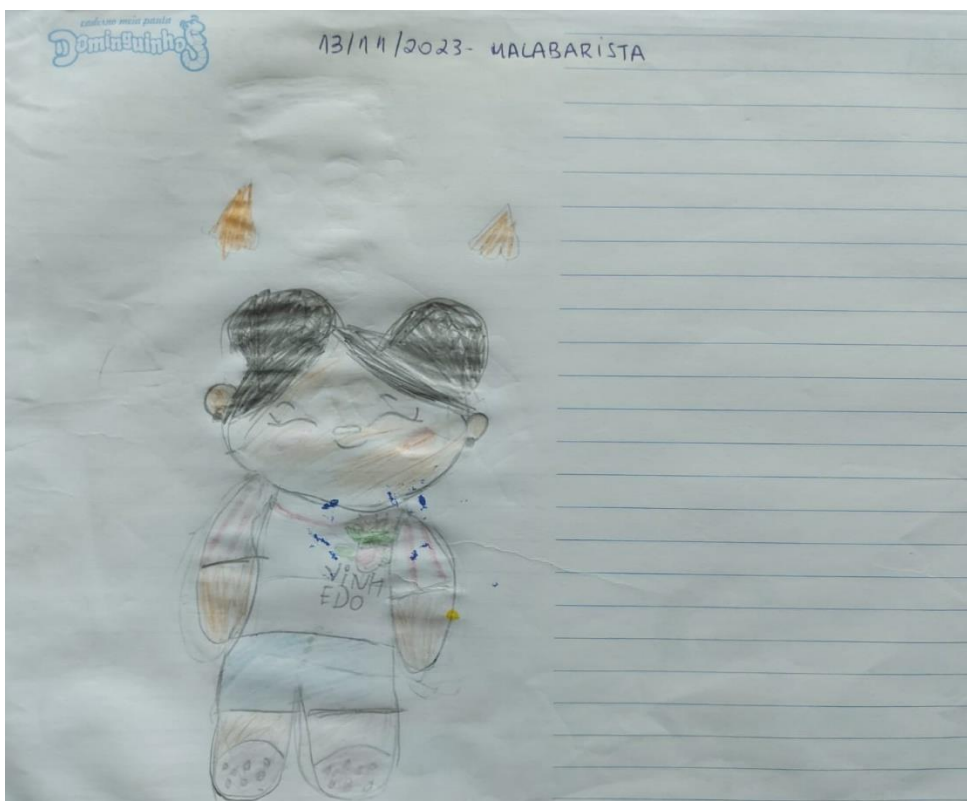
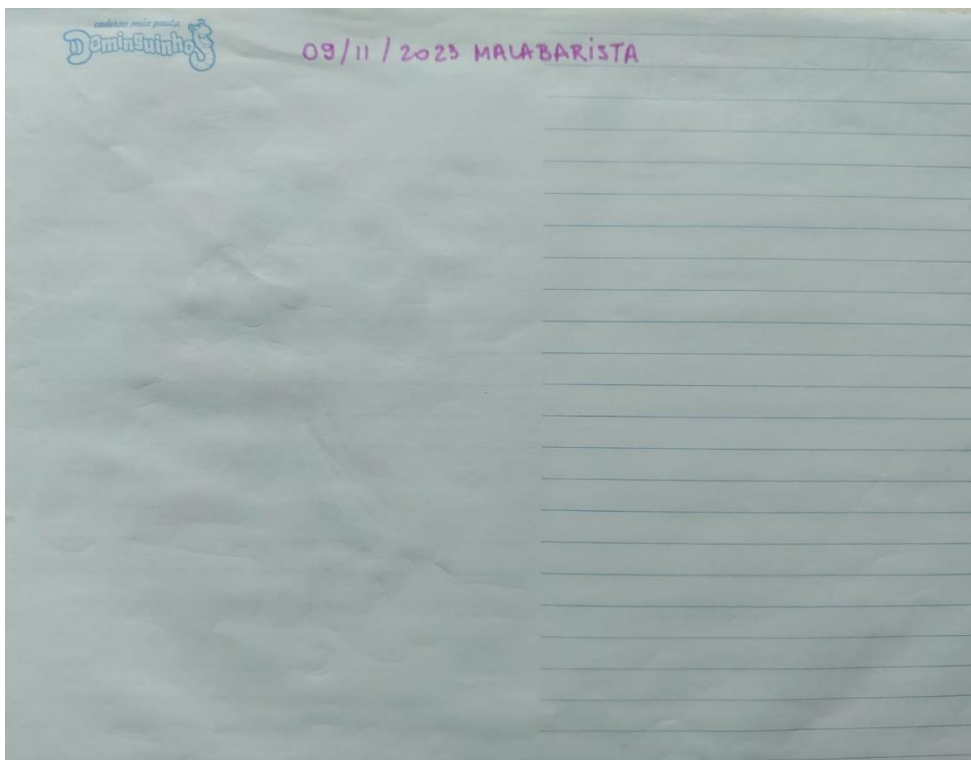












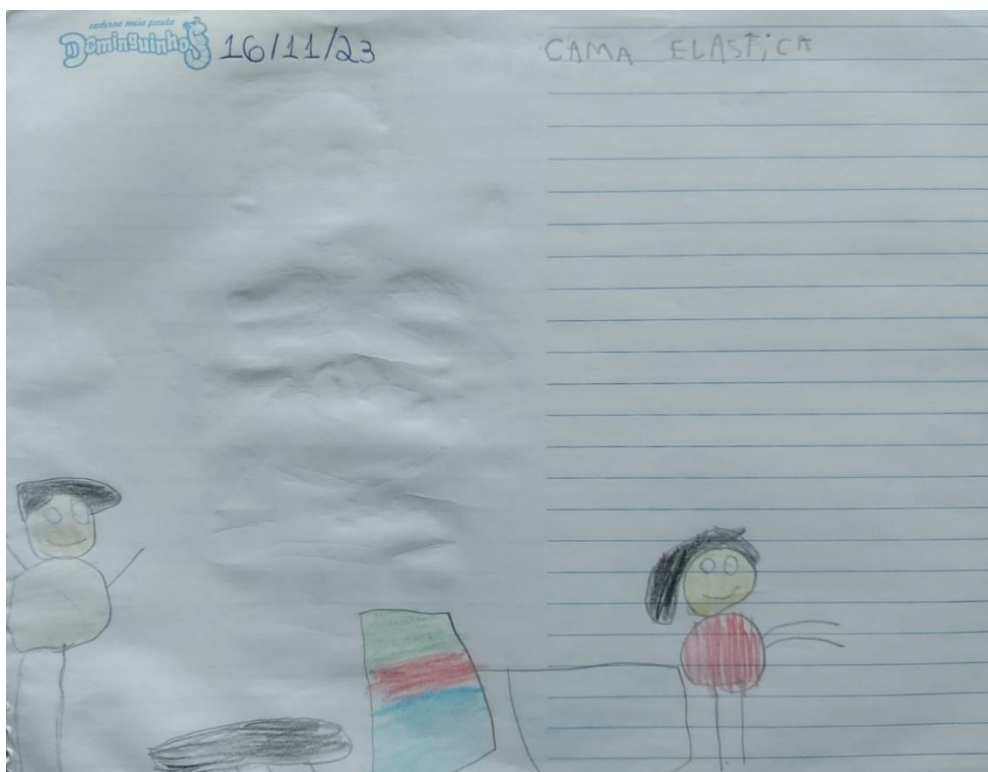
13/11/2023 - malabarista

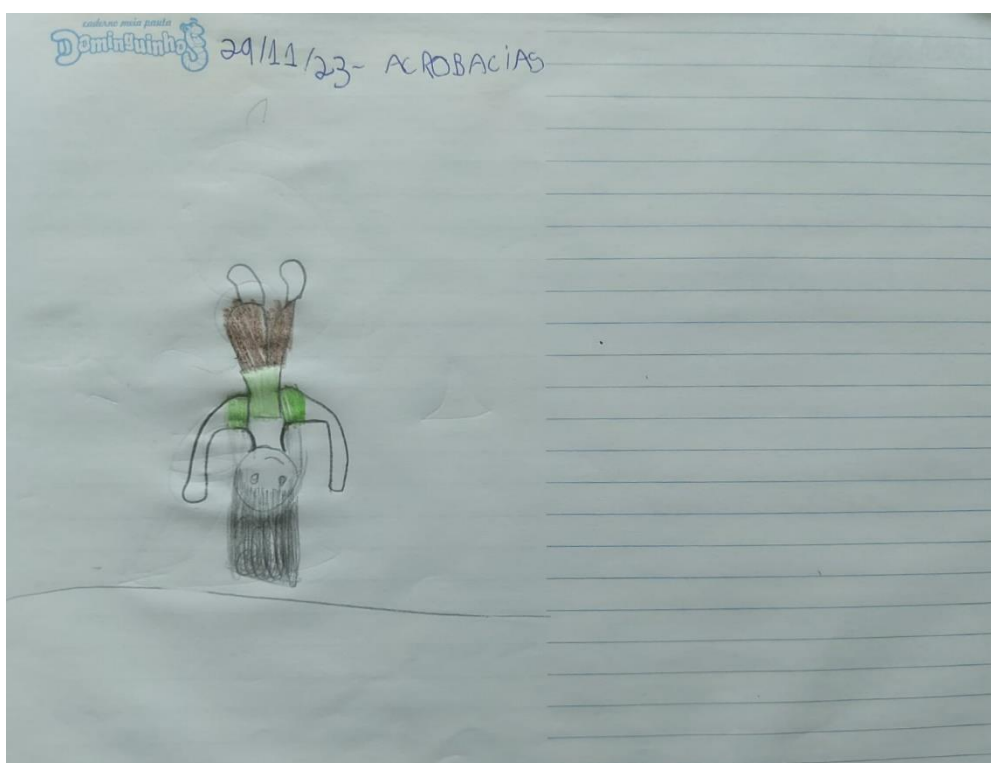
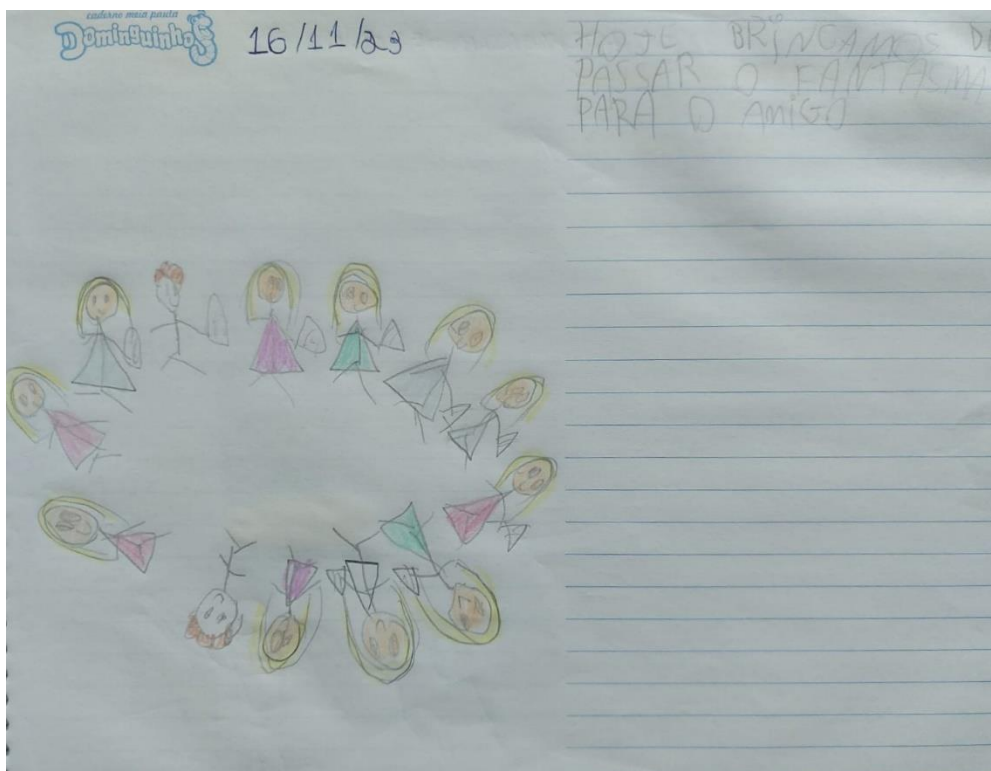
EU GOSTEI ♥

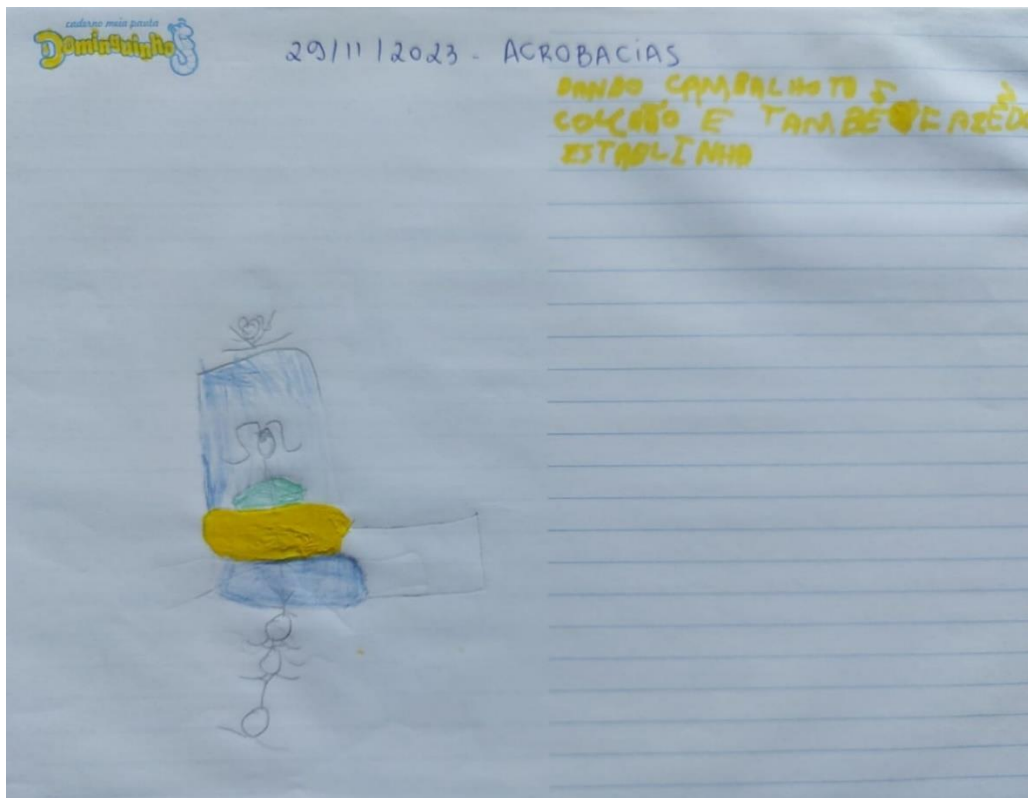
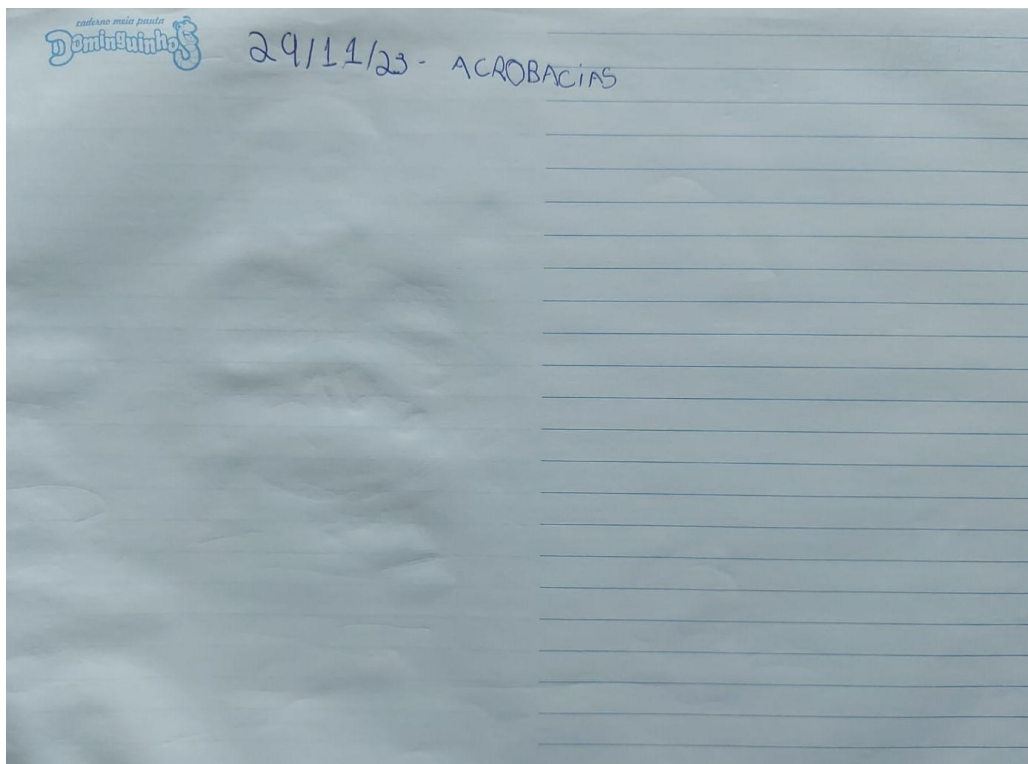


13/11/2023 - MALABARISTA





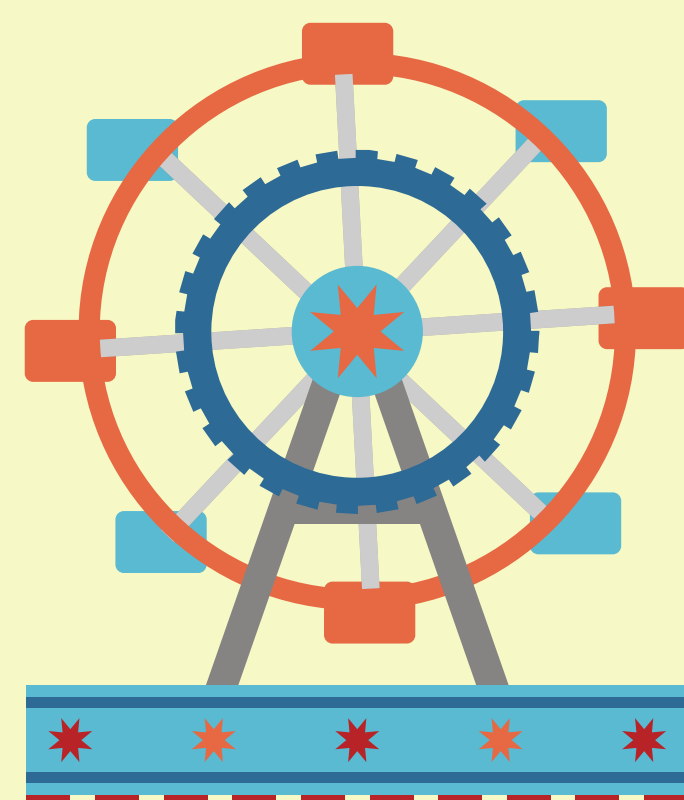




Apêndice G – Produto Educacional



APRESENTANDO AMIZADES, EQUILIBRANDO RELAÇÕES: UMA PROPOSTA SOCIOEDUCATIVA NA ESCOLA A PARTIR DE ATIVIDADES CIRCENSES



Autoria: Profª Tassiana Jans
Orientação: Profª Drª Daniela Bento-Soares

Jans, Tassiana
J35a Apresentando amizades, equilibrando relações [recurso eletrônico] : uma proposta socioeducativa na escola a partir de atividades circenses / Tassiana Jans. - Rio Claro, 2024
12 p. : il., figs.

Produto educacional que acompanha a dissertação do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF – Universidade Estadual Paulista (Unesp) – Instituto de Biociências, Rio Claro
Orientadora: Daniela Bento-Soares

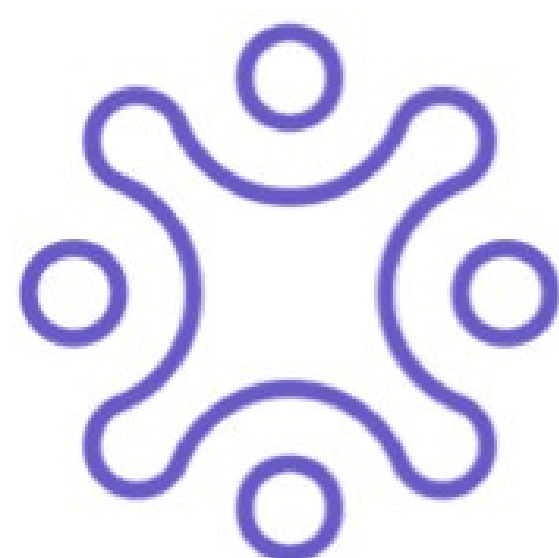
1. Atividades circenses. 2. Educação física escolar.
3. Estratégias pedagógicas. I. Título.

796.07



Mestrado Profissional

Educação Física em Rede Nacional



AGIR

**Grupo de Pesquisa em
Atividades Gímnicas e Rítmicas
Unesp Rio Claro**

PRODUTO EDUCACIONAL

Esse material didático foi elaborado com o propósito de apresentar uma proposta de trabalho para professores/as de Educação Física sobre o desenvolvimento de atividades circenses no contexto escolar.

As atividades circenses podem ser classificadas de acordo com sua natureza, conforme os estudos de Bortoleto (2017) propõe: equilíbrios (equilíbrio sobre objetos e equilíbrio de objetos), manipulação de objetos, acrobacias, aéreos e ator/atriz circense/palhaço/a. Essa divisão tem o intuito de facilitar a didática circense, agrupando as modalidades a partir de suas características mais dominantes.

Para a tematização dessas atividades, proponho a realização de jogos circenses, inspirados na classificação de Bortoleto, Pinheiro e Prodócimo (2011), nomeados em Jogos Malabarísticos, Jogos Clownescos, Jogos Funambulescos e Jogos Acrobáticos.

Nesta produção, apresento as unidades didáticas que foram desenvolvidas durante as aulas de minha pesquisa e descrevo as atividades planejadas.



A PROPOSTA



Esse material tem o objetivo de trabalhar as atividades circenses através de uma proposta pedagógica que se baseie em estratégias pedagógicas que incentivem as interações das crianças entre si, com o meio e com o contexto. Assim, em todas as aulas, constam rodas de conversa (inicial e final), para que as crianças interajam e reflitam conversando com seus/suas pares sobre as atividades desenvolvidas.

Na segunda parte das aulas, proponho atividades práticas baseadas na leitura do livro “O circo chegou!”, de Bedicks e Bortoleto (2015), tematizando os/as personagens circenses. Priorizei atividades em que as crianças brinquem com o/a outro/a, formando duplas, trios, quartetos e até mesmo atividades com a sala toda.

Como cada turma, espaço e contexto têm seu ritmo e suas características, optei por apresentar a seguir as sugestões de atividades realizadas sem a divisão por aulas, a fim de que possam servir de inspiração para diferentes organizações.



A PROPOSTA



Para você professor/a que assim como eu nunca havia desenvolvido uma proposta pedagógica de atividades circenses nas suas aula de Educação Física, esse produto educacional poderá lhe servir de inspiração, todas as atividades propostas não exigem locais e nem materiais elaborados para sua prática, podendo facilmente ser inseridos em diversas realidades escolares.

Em cada unidade didática você encontrará links com vídeos explicativos que irão te auxiliar a desenvolver as propostas.

Com vocês, o nosso circo!





AS ATIVIDADES

Seção 1: O/A Palhaço/a

Atividades propostas

Jogos Clownescos (Bortoleto, Pinheiro e Prodócimo, 2011)

Nome da brincadeira: Jogo da Imitação

Descrição: As crianças formarão duplas e cada criança deve fazer um movimento; sua dupla deve imitá-la.

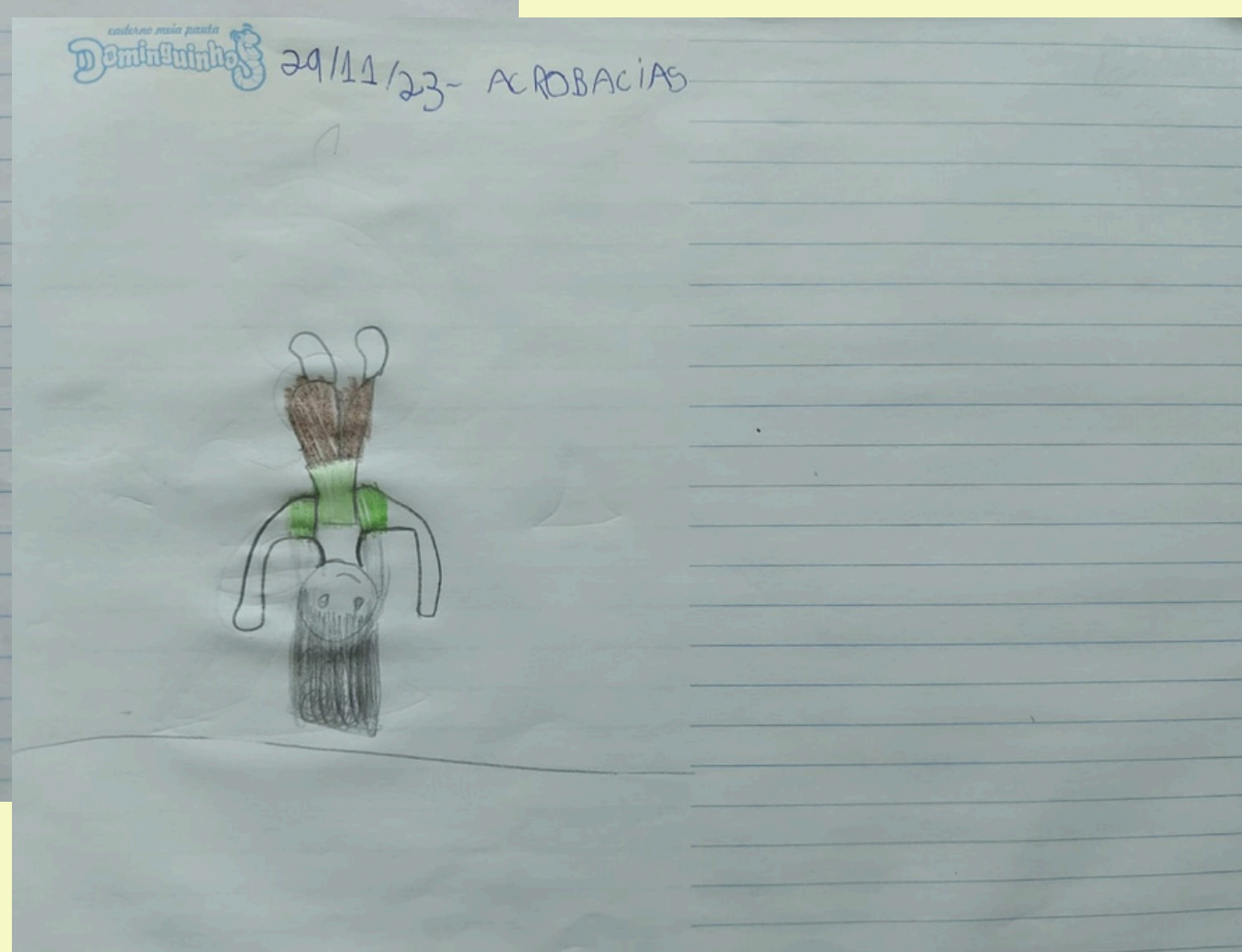
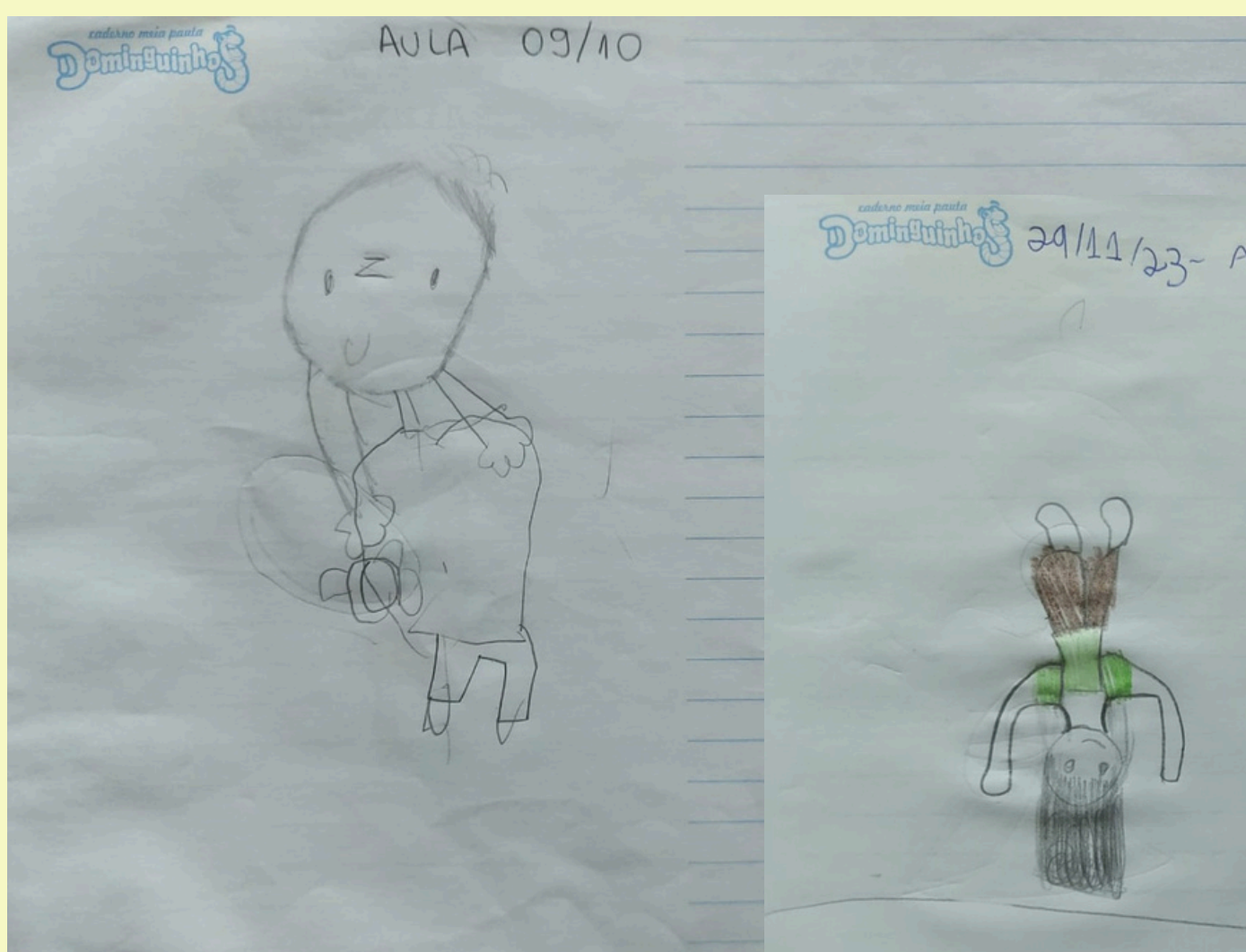
Nome da brincadeira: Mãe do picadeiro

Descrição: Adaptação da brincadeira mãe da rua. As crianças deverão atravessar a “rua” realizando movimentos e poses engraçadas. Um/a aluno/a deverá ser escolhido/a para ser a “mãe do picadeiro” e deverá ficar no meio da quadra, escolhendo qual colega teve a atuação mais engraçada.

Nome da brincadeira: Criação de coreografia

Descrição: As crianças formarão quartetos e terão como tarefa criar uma coreografia para apresentar para a sala. Podem ser utilizados materiais como implementos para os movimentos.

Saiba mais sobre a roda de conversa: <https://youtu.be/H0r4V8H2Cbk?si=-yyVVnO0qPlO9ueA>



Seção 2: O/A Acrobata

Atividades propostas

Jogos Acrobáticos (Bortoleto, Pinheiro e Prodócimo, 2011)

Nome da brincadeira: Pega equilibrista

Descrição: adaptação do pega-pega as crianças para não serem pegas devem fazer uma posição de equilíbrio, podendo fazer parada de mão, avião, ficar apenas com um pé no chão.

Nome da brincadeira: Sincronismo

Descrição: em duplas as crianças deverão sentar no chão um de costas para o/a outro/a e tentar levantar, porém elas devem estar com os braços interlaçados.

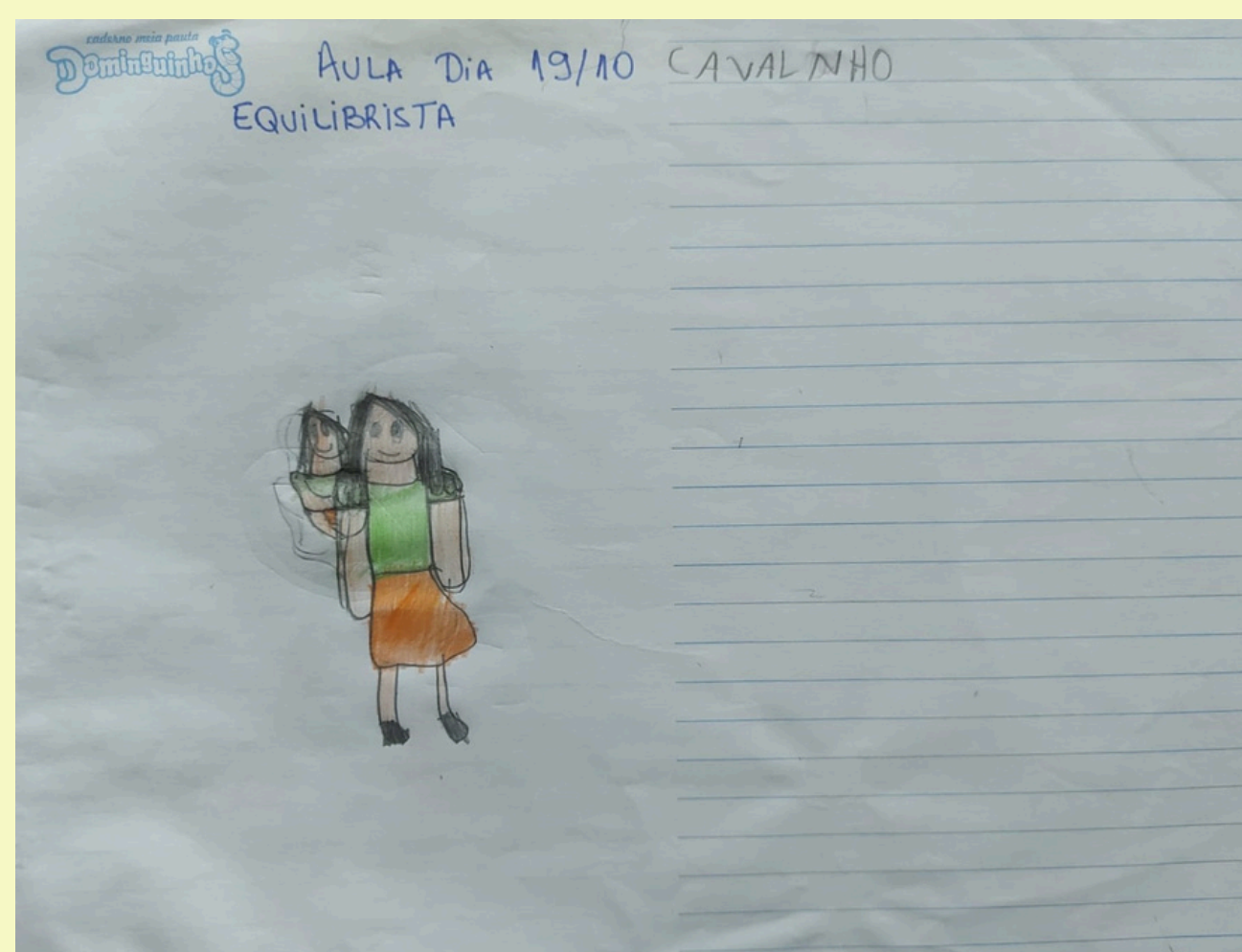
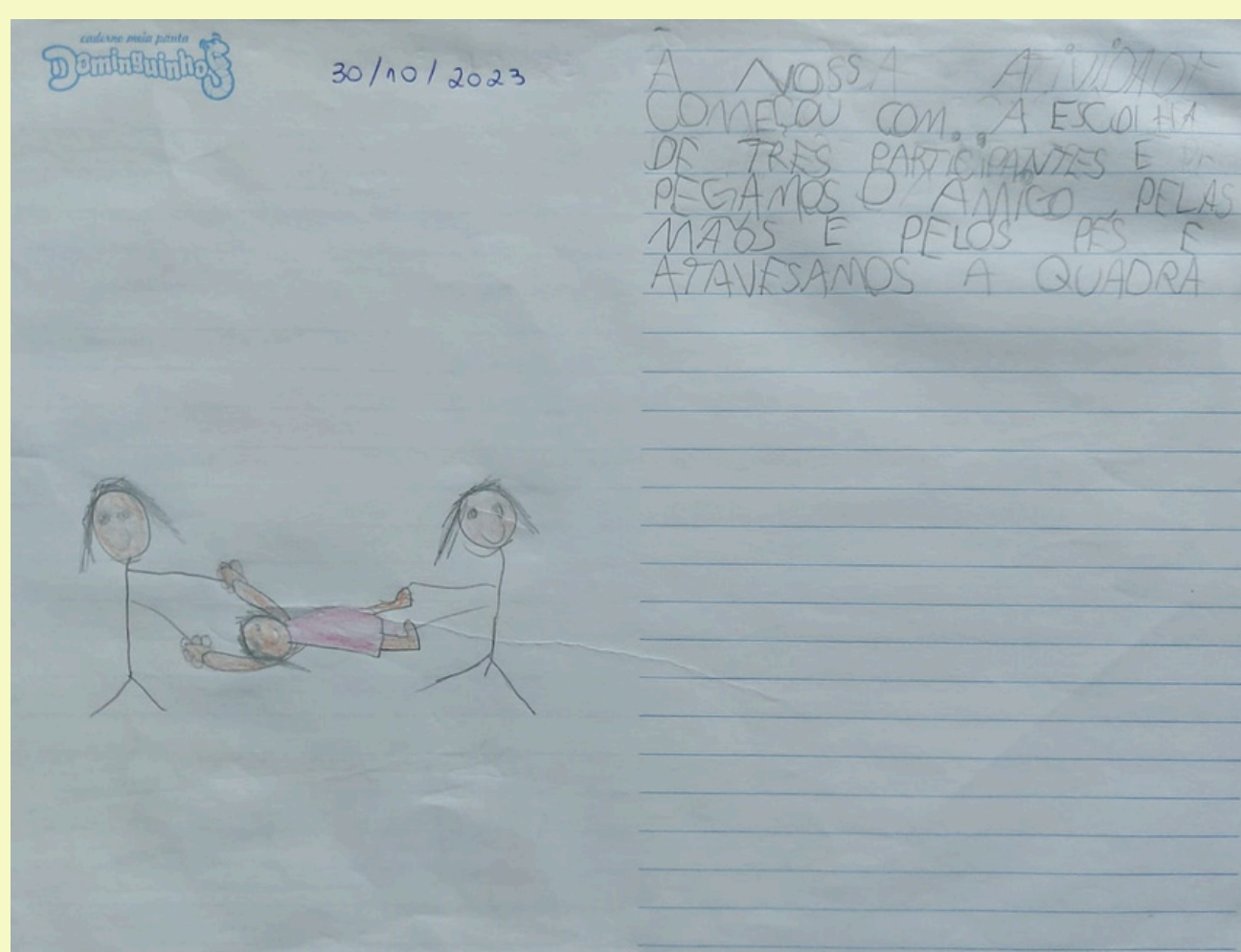
Nome da brincadeira: pirâmide humana

Descrição: em trios as crianças tem o objetivo de construir uma pirâmide com os/as colegas.

Nome da brincadeira: transporte de tábuas

Descrição: uma das crianças deverá deitar no chão e ficar estendida como se fosse uma tábua e as outras deverão tentar levar a criança até o outro lado da quadra. Para as crianças que tiverem mais dificuldade formar o grupo com mais crianças.

Dica para a aula: https://youtube.com/shorts/UKINdSIMGLA?si=7BwBCm_JEiyxaPJr



Seção 3: O/A Equilibrista

Atividades propostas

Jogos Funambulescos (Bortoleto, Pinheiro e Prodócimo, 2011)

Nome da brincadeira: o goleiro funâmbulo

Material: banco sueco ou barra de equilíbrio e bolas.

Descrição: uma criança deverá se equilibrar no banco sueco e tentar atravessar ele de uma lado para o outro sem perder o equilíbrio ou encostar no chão. Depois que todas as crianças passaram um vez pelo banco sueco pedir para elas formarem trios. Um criança do trio irá ficar em cima do banco e as outras duas irão se posicionar uma de cada lado no chão. As crianças que estiverem no chão deverão jogar a bola uma para a outra e a criança que estiver em cima do banco deverá tentar interceptar a bola que está sendo lançada.

Dica da aula: <https://youtube.com/shorts/dG4l4YMqQ2A?si=J2dLybNoPv59lgEQ>



Registros feitos pelas crianças das práticas vivenciadas nas aulas

Seção 4: O/A Malabarista



Atividades propostas

Jogos Malabarísticos (Bortoleto, Pinheiro e Prodócimo, 2011)

Nome da brincadeira: Relógio

Descrição: colocar quatro bambolês formando uma roda e posicionar uma criança dentro de cada bambolê, uma das crianças irá ficar com uma bola na mão, ao sinal todas as crianças deverão trocar de bambolê com o colega que estiver na sua direita, a criança que estiver com a bola na mão deverá lança-la ao alto antes de trocar de lugar, a criança que ocupar o bambolê em que a bola está deverá tentar pega-la antes que a bola caia no chão.

Material: bambolês e bolas

Nome da brincadeira: Experimentação com tules

Descrição: cada criança irá receber um tule em suas mãos o professor/a pode deixar que as crianças brinquem um pouco com o tule para elas poderem conhecer o material, após isso o professor/a poderá pedir para os/as alunos/as fazerem movimentos de lançar e pegar, lançar bater palmas e pegar o tule, o grau de dificuldade das atividades será definida pelas próprias crianças, o/a professor/a deverá estar atento para a dificuldade, atividades muito fáceis ou muito difíceis podem desestimular as crianças.

Material: recortes quadrados de tule de aproximadamente 60 centímetros de lado.

Nome da brincadeira: grande relógio

Descrição: todas as crianças deverão formar um círculo e cada uma deverá ter um tule em suas mãos, ao sinal todas as crianças deverão girar em sentido horário, se movimento para o seu lado direito, ocupando o lugar do/a colega, antes de trocar de lugar as crianças deverão jogar o tule para o alto e pegar o tule do/a colega a direita.

Material: recortes quadrados de tule de aproximadamente 60 centímetros de lado.

Nome da brincadeira: experimentação com tules parte 2

Descrição: agora que as crianças já estão mais familiarizadas com os tules, o professor poderá ensinar algumas manobras mais específicas de malabares usando tule, jogar o tule com uma mão e pegar com a outra, o/a professor/a deverá estar atento ao movimento que a criança deverá jogar o tule, a mão direita deverá jogar o tule para o alto na direção da mão esquerda e a mão esquerda deverá jogar o tule para o alto na direção da mão direita, as crianças podem estar sentadas ou de pé.

Aula Malabarista

Atividades propostas

Jogos Malabarísticos (Bortoleto, Pinheiro e Prodócimo, 2011)

Nome da brincadeira: Experimentação com tule parte 3

Descrição: agora cada criança irá receber 2 tule e fazer o movimento aprendido na aula anterior, o/a professor/a deverá estar atento/a e ensinar as crianças sempre alternarem as mãos e usarem as duas mão para jogar o tule fazendo sempre o movimento formando um X.

Material: recortes quadrados de tule de aproximadamente 60 centímetros de lado.

Nome da brincadeira: desafios em duplas

Descrição: as crianças irão formar duplas de deverão ter um tule em suas mãos, as crianças irão trocar de lugar com a sua dupla, mas antes deverão jogar o tule para o alto e tentar pegar o tule do/a colega. Para as crianças que tiverem mais facilidade o professor/a poderá pedir para as crianças fazerem algum movimento diferente na hora de trocar de lugar.

Material: recortes quadrados de tule de aproximadamente 60 centímetros de lado.

Roda de conversa final: sentar com as crianças e pedir para eles/as contarem sobre o que mais gostaram, sobre o que foi fácil, o que foi mais difícil, nesse momento é importante incentivar as crianças a contarem como foi a atividade para elas.

Dica da aula: <https://youtube.com/shorts/YIZamhx6ND0?si=t4seFWXrM5orki6O>



Seção 5 - Ator/a circense: mágico/a

Atividades propostas

Jogos circenses diversos (Bortoleto, Pinheiro e Prodócimo, 2011)

Nome da brincadeira: pega mágico

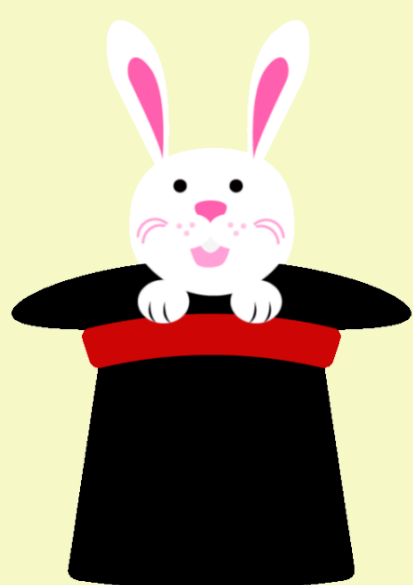
Descrição: adaptação do pega-pega tradicional, porém quando a criança que for a pegadora conseguir pegar algum/a coleguinha ela deverá transformar a criança pega em algum animal, essa criança que for pega deverá ficar imitando o animal até a troca do pegador. o professor/a deverá estar atento e não demorar muito para trocar o/a pegador/a para que todos os/as alunos/as possam ser mágicos/as pelo menos uma vez.

Roda de conversa final: sentar com as crianças e pedir para eles/as contarem sobre o que mais gostaram, sobre o que foi fácil, o que foi mais difícil, nesse momento é importante incentivar as crianças a contarem como foi a atividade para elas.

Dica da aula: <https://youtube.com/shorts/NSjw3PaKuzc?si=OGmN5EiDn3ZfnD3x>



Registros feitos pelas crianças das práticas vivenciadas nas aulas



Links com propostas para as aulas práticas

Malabares com lenços - Canal Circus Unicamp:

<https://www.youtube.com/watch?v=Z5xWeVNWKqA>

Malabares com tule - Canal Da Educação Física:

<https://www.youtube.com/watch?v=81GoZm408xg>

Malabares com caixas - Canal Circus Unicamp:

<https://www.youtube.com/watch?v=dXqx9ZXDaw&t=19s>

Caixa de malabares - Canal Dois Picadeiros:

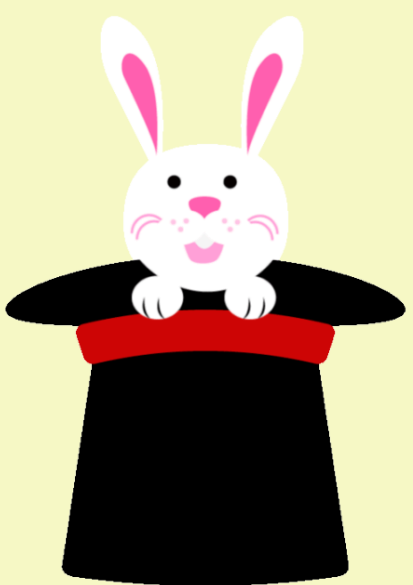
<https://www.youtube.com/watch?v=HaYp93t1UE&t=2s>

Livros para aprofundamento:

Jogando com o Circo: <https://www.circonteudo.com/livraria/jogando-com-o-circo-2/>

O Circo Chegou! <https://circonaescola.com.br/livro>

Introdução a pedagogia das atividades circenses: [coletânea](#)



REFERÊNCIAS



BENTO-SOARES, DANIELA.; DESIDÉRIO, ANDREA. O LIVRO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: REGISTRO GRÁFICO E ESCRITO DAS AULAS DE CIRCO. IN: CADERNO DE RESUMOS DO IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE CIRCO: INOVAÇÃO E CRIATIVIDADES / ORGANIZADORES MARCO ANTÔNIO COELHO BORTOLETO; ERMÍNIA SILVA. ANAIS IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE CIRCO – CAMPINAS. FEF/UNICAMP, VÁRZEA PAULISTA, SP: FONTOURA, 2017. P. 293-295 ISBN: 987-85-99688-44-1.

BORTOLETO, MARCO ANTONIO COELHO. ATIVIDADES CIRCENSES: NOTAS SOBRE A PEDAGOGIA DA EDUCAÇÃO CORPORAL E ESTÉTICA. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIA DO ESPORTE, SÃO PAULO, VOL.2, N.2, P.43-55, JUL.2011. DISPONÍVEL EM: [HTTP://OLDARCHIVE.RBCEONLINE.ORG.BR/INDEX.PHP/CADERNOS/ARTICLE/VIEW/1256](http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/cadernos/article/view/1256). ACESSO EM: 27 DE FEV. 2024.

BORTOLETO, MARCO ANTONIO COELHO. UM ENCONTRO ENTRE O FUNÂMBULO E O PRAXIOLÓGICO: IDEIAS PARA MESTRES E DISCÍPULOS. IN: FERREIRA, LÍLIAN APARECIDA; RAMOS, GLAUCO NUNES SOLTÓ. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E PRAXIOLOGIA MOTRIZ: COMPREENDENDO AS PRÁTICAS CORPORAIS. CURITIBA: CRV, 2017. V. 22, CAP. 3, P. 55-77. ISBN 978-85-444-1383-8.

BORTOLETO, MARCO ANTONIO COELHO. PINHEIRO, PEDRO HENRIQUE GODOY GANDIA. PRODÓCIMO, ELAINE. JOGANDO COM O CIRCO. VÁRZEA PAULISTA, SP: FONTOURA, 2011.

DUPRAT, RODRIGO MALLET; BORTOLETO, MARCO ANTONIO COELHO. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: PEDAGOGIA E DIDÁTICA DAS ATIVIDADES CIRCENSES. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. CURITIBA, V. 28, N. 2, P. 171-189, JAN. 2007.

FAÇA FÁCIL – CAIXA DE MALABARES. VÍDEO DIÁTICO DE PALHAÇO TACHINHA. 2021. YOUTUBE: CANAL DOIS PICADEIROS. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=HAYP93T1_UE&T=2S](https://www.youtube.com/watch?v=HAYP93T1_UE&T=2S). ACESSO EM: 23 DE MAIO DE 2024.

JOGO DE MALABARES “LENÇO”. VÍDEO DIDÁTICO DE CIRCUS UNICAMP. 2015. YOUTUBE: CANAL CIRCUS UNICAMP. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=Z5XWEVNWKQA](https://www.youtube.com/watch?v=Z5XWEVNWKQA). ACESSO EM 23 DE MAIO DE 2024.

MALABARISMO COM TULE. VÍDEO DIDÁTICO DE JANAÍNA MUNHOZ. 2021. YOUTUBE: CANAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=8IG0ZM408XG](https://www.youtube.com/watch?v=8IG0ZM408XG) . ACESSO EM 23 DE MAIO DE 2024.

PEDAGOGIA DAS ATIVIDADES CIRCENSES – MALABARES COM CAIXAS. VÍDEO DIDÁTICO DE CIRCUS UNICAMP. 2020. YOUTUBE: CANAL CIRCUS UNICAMP. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=DXQX9ZXDA_W&T=19S](https://www.youtube.com/watch?v=DXQX9ZXDA_W&T=19S) ACESSO EM: 22 MAI. 2024.

SANTOS RODRIGUES, GILSON. PEDAGOGIA DAS ATIVIDADES CIRCENSES NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: EXPERIÊNCIAS DA ARTE EM ESCOLAS BRASILEIRAS DE ENSINO FUNDAMENTAL. 2018. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA) – FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS, 2018. DOI: [HTTPS://DOI.ORG/10.47749/T/UNICAMP.2018.1101162](https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2018.1101162). DISPONÍVEL EM: [HTTPS://HDL.HANDLE.NET/20.500.12733/1637976](https://hdl.handle.net/20.500.12733/1637976). ACESSO EM: 6 JAN. 2023

ONTAÑÓN, TERESA BARRAGÁN. CIRCO NA ESCOLA: POR UMA EDUCAÇÃO CORPORAL, ESTÉTICA E ARTÍSTICA. 2016. TESE (DOUTORADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA) – FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS, 2016.

ONTAÑÓN, TERESA BARRAGÁN; BORTOLETO, MARCO ANTONIO COELHO; SILVA, ERMÍNIA. EDUCACIÓN CORPORAL Y ESTÉTICA: LAS ACTIVIDADES CIRCENSES COMO CONTENIDO DE LA EDUCACIÓN FÍSICA. REVISTA IBEROAMERICANA DE EDUCACIÓN, MADRI, V. 62, N. 1, P. 233-243, JAN. 2013. DOI: [HTTPS://DOI.ORG/10.35362/RIE620592](https://doi.org/10.35362/RIE620592). DISPONÍVEL EM: [HTTPS://RIEOEI.ORG/RIE/ARTICLE/VIEW/592/1115](https://rieoei.org/rie/article/view/592/1115). ACESSO EM: 16 NOV. 2022

YONAMINE, MARIANE HARUE; ROSSI, FERNANDA. EXPERIMENTANDO AS ATIVIDADES CIRCENSES E RESSIGNIFICANDO AS RELAÇÕES SOCIAIS NA ESCOLA. REVISTA MOTRIVIVÊNCIA, V. 33, P. 01-24, 2021